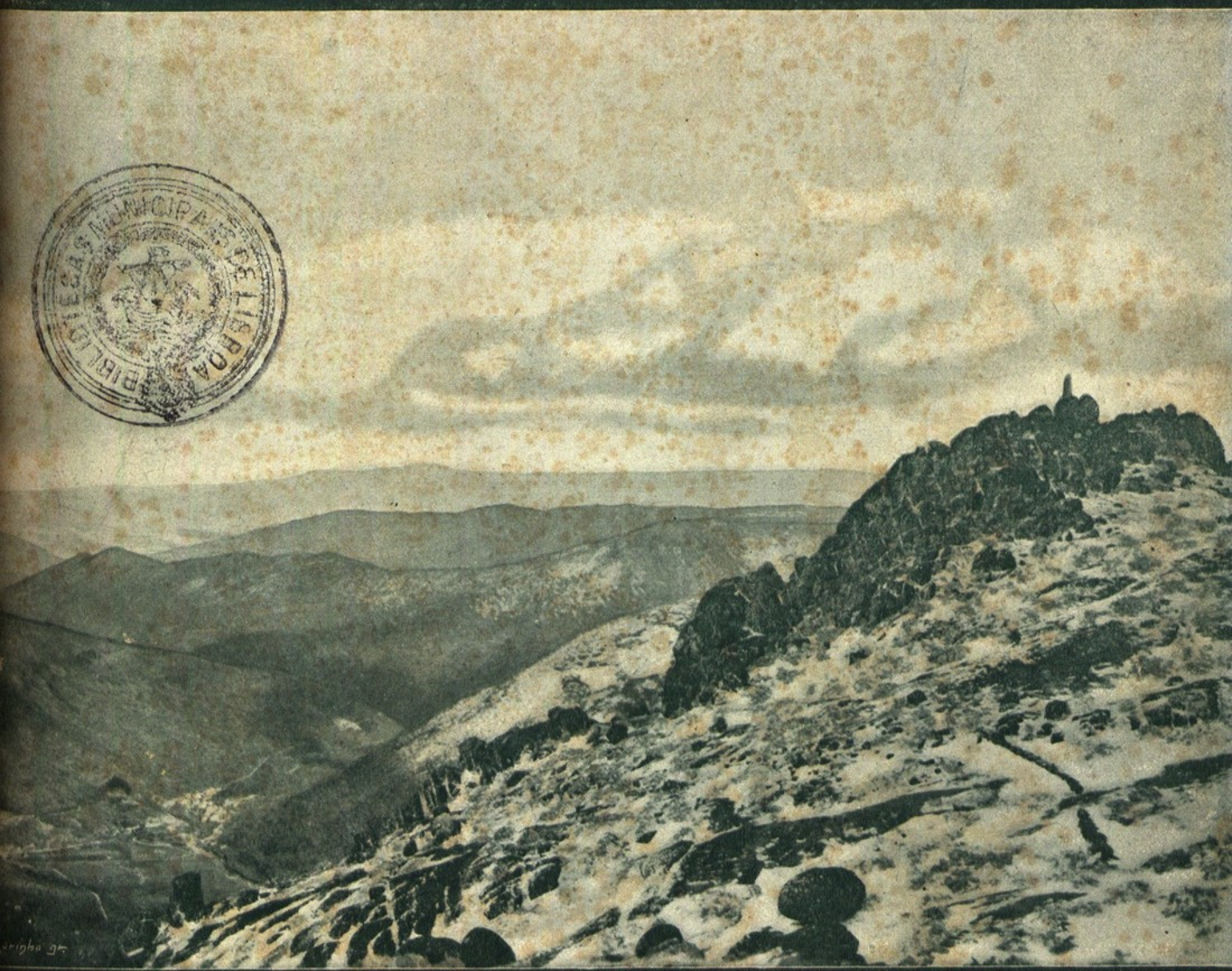


COMPRADO ABR. 1940

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 40-OUTUBRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telef. 805

Summario

MAGAZINE

	PAG.
A CAMINHO DA ETERNIDADE <i>(Frontispicio)</i> Cliché CARLOS RELVAS.....	230
EM TERRA DE LOBOS — NO PAIZ DOS REBANHOS <i>(11 illustrações e 1 vinheta)</i> por ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.....	231
LAGRIMAS DE MÃE <i>(Soneto)</i> por MARIO FLORIVAL.....	239
EM ALVITO — O CASTELLO <i>(12 illustrações)</i> por FIALHO D'ALMEIDA	240
IRÓHA NO DATOÉ <i>(5 illustrações e 2 vinhetas)</i> por WENCESLAU DE MORAES.....	256
OS BASTIDORES DO NIHILISMO <i>(1 illustração e 2 vinhetas)</i> traducção do inglez por EDUARDO DE NORCINHA	264
A FEIRA D'AGOSTO <i>(8 illustrações e 1 vinheta)</i> , por MARIA O'NEILL.....	271
IN ACTERNUNO <i>(Soneto)</i> por AFFONSO VARGAS.....	276
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR <i>(2 vinhetas e 5 illustrações)</i> por M. A.	277
O MISERO <i>(Soneto)</i> por PEDRO PESSÔA	282
O BRAZIL E A SUA EXPOSIÇÃO <i>(6 illustrações e 1 vinheta)</i> por CANDIDO DE FIGUEIREDO.....	283
SEMPRE JUNTOS <i>(Soneto)</i> por CELESTINO SOARES	291
NÓ VIMEIRO <i>(10 illustrações)</i>	292
A FESTA DE 15 DE SETEMBRO <i>(4 illustrações)</i>	296
ACTUALIDADES <i>(19 illustrações)</i>	299

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 49	A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... pag. 56
Os NOSSOS FIGURINOS » 52	LAVORES FEMININOS..... » 58
CHAPÉOS DE OUTONO » 54	CONSULTORIO DE MARIA..... » 62

A MUSICA DOS SERÕES

HYMNO PATRIOTICO, por MARCOS ANTONIO PORTUGAL.....	4 paginas
--	-----------

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADO.

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	}	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »	
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno			15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA



A Nacional

Companhia Portuguesa de

Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim - LISBOA



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

● **agonisar de uma dynastia**, por Eduardo de Noronha — Lisboa, 1908 — E' a historia romantizada do desditoso principe, filho de Napoleão III e de Eugenia de Montijo, desde o desmoronar estrondoso do terceiro imperio francez, até ao desenlace tragico da Zululandia. Cheio de interesse dramatico, a ficção liga-se admiravelmente n'este livro á verdade historica. As aventuras da campanha africana são descriptas por quem conhece de visu as localidades e as populações indigenas. Um livro em summa que vem confirmar as notaveis aptidões de um escriptor, que é ao mesmo tempo um trabalhador emerito.

Memorias d'um policia amator — *Recordações de Sherlock Holmes*, por Conan Doyle, versão de Christovam Ayres (filho) — Lisboa, 1908 — Este volume continúa a série dos episodios assombrosos da vida de Shsrlock Holmes, corroborando as maravilhas do systema deductivo do celebre policia amator. E' escusado encarecer o valor de uma obra, vulgarisada em todas as linguas do mundo e que por toda a parte tornou proverbial o nome do protagonista.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

● **Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria*. — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.^a se-

rie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Peireira

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas é principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º, á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Luz do Oriente — *Revista mensal illustrada* — Redação e administração — Ponda — Gôa.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa. — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro, 36, 2.º — Lisboa.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.

Estudos Sociaes — *Revista Catholica Mensal* — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea, 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata, 135 e 137, Lisboa.

Gravuras dos SERÕES

Vendem-se ou alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 27.



A caminho da Eternidade

Cliché Carlos Relvas.



REBANHO E PASTORES

Em terra de lobos No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

COMO PARTIMOS PARA A SERRA — A PAISAGEM — DE LAGARES DA BEIRA A S. ROMÃO — UM CENTRO INDUSTRIAL — A SENHORA DO DESTERRO — AS CAPELLAS E OS MILAGRES — ASPECTOS DO ALVA — QUEM É O ERMITÃO DA SENHORA DO DESTERRO: UM GUIA ARROJADÍSSIMO.

Foi por meados de março, depois do jantar, na *republica do 53 da couraça*, perante aquella paisagem estonteadora a que o poente dava tons de aguarella n'uma grande orches-tração de tons e de luz, pondo laivos de sangue no velho mosteiro de Santa Clara, que nós resolvemos partir para a Serra.

Discutira-se entusiasticamente o pittoresco da digressão, a ascensão difficil nas escarpas cobertas de neve, as subidas cautelosas aos cumes, em linha, guindados por cordas, os multiplos aspectos das lagôas agora geladas, os panoramas extraordinarios, falou-se dos lobos, das aguias — o que para nós, lisboetas quasi todos, e desconhecedores da região e dos encantos da nossa Beira, constituia um passeio de *estálo*; e em grandes berros, perante os desanimos d'uns e os arrojos d'outros, accordamos partir n'essa mesma noute.

A affabilidade d'um companheiro de casa dava-nos guarida em Lagares da Beira; de-

pois seguiríamos até Oliveira do Hospital e de lá a S. Romão, subindo á Senhora do Desterro e atacando os *Herminios* por esse lado.

Azafamadamente preparámos as malas com as mudas indispensaveis para cinco dias; ponderaram-se os trajes — botas ferreadas, meias grossas para os frios intensos, mantas de resguardo, e houve quem no seu

— Pois sim, retorquia, mas hei-de-lhes provar que tambem se vae á Serra da Estrella com botas do *Coimbra*.

A's 3 da manhã deixavamos Coimbra no *correio*, e ninguem dormiu, perante aquella sensação do afastamento por cinco dias da *sebenta* e dos lentes, na perspectiva d'uma viagem interessantissima de peripecias e commoções atravez de quatro districtos do paiz.

Desciamos no Carregal ás 7, embrulhados nas mantas como maltezes, tiritando de frio — uma aragem viva que Março afiava, gretando os beiços e as mãos.

Saltámos na diligencia a que a guisalheira dos cavallos dava um ar festivo de romaria e batemos para Lagares, malas no tejadilho.

Começava de animar-se a vida dos campos, fumegavam os casebres, e toda uma turba de cavadores seguia aos magotes para a faina da semeia dos alqueives, que a terra uberrima havia de transformar em espigas cheias e em milho loiro, se o *Senhor* não faltasse com as chuvinhas temporãs que são o oiro do pobre.

O sol começava a esfumar a nevoa que a madrugada espesara; abriam-se os curraes e as capoeiras e d'entre um rancho de gallinhas nedias, um gallo de côres luzentes, espanejando-se, saudou-nos festivamente no seu grito estridente de clarim.

A diligencia rolava somnolenta na estrada lisa; passámos Oliveira do Conde n'aquelle declive até ao Mondego, depois, na ascensão, Fiaes e Ervedal da

Beira emmolduradas no tom mórno da paisagem; na extensão d'aquellas cinco leguas o caminho desenrola-se entre olivedos e pinheiraes d'onde a aragem nos trazia emanações acres, evoluções sádias de seivas que o fermento da primavera vinha activando nos gommos das arvores.

As vinhas despidas começavam a *borbulhar*.



CANTARO MAGRO

Bojudo rochedo com cerca de 400 metros completamente isolado

dandysmo de *alfacinha*, protestasse que não alteraria os seus habitos, que iria mesmo assim, de *melena lambida* de collarinhos, até ás orelhas e botas de polimento!

Indignamos-nos! Era indecente! ir para a Serra como quem vae para o D. Amelia! e bota de polimento, demais! estava servido! ás duas por três ficava descalço e que se arranjasse, que o não levaríamos ás costas!

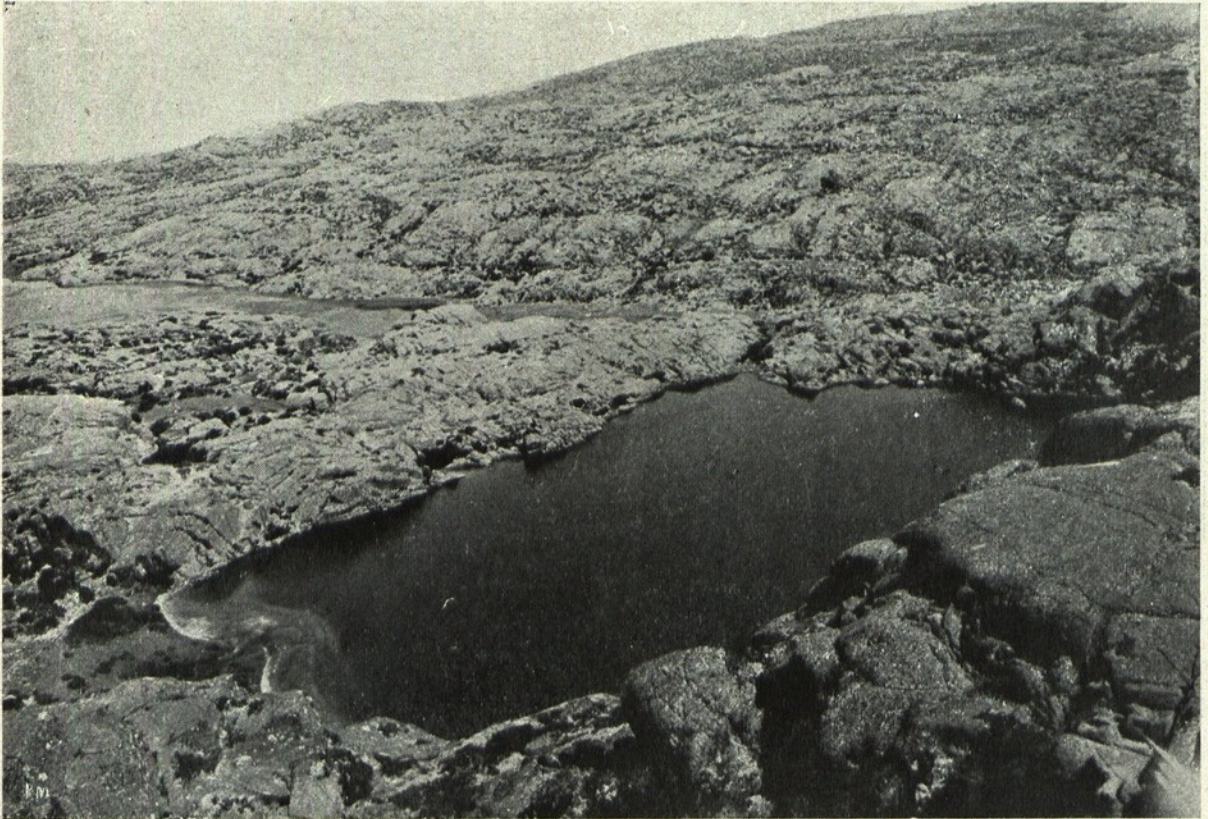
De quando em quando um rebanho passava, de cabeças baixas e unidas, n'uma sonoridade agradável de campainhas, perdendo-se ao longe n'uma *gaze* de poeira que o sol doirava ternamente.

Durante todo aquelle trajecto o frio aguçava-nos o appetite espantosamente, de modo que, quando nos sentámos á meza, no solar da familia Garcia Diniz, perante uma canja fumegante e rescendente, em que a Adosinda se esmerára, todos nós *bisámos a dóse*.

conselho, resolutamente resolvemos seguir com todo o tempo e subir até onde a neve o permittisse, e a Serra devia estar prehe d'ella porque noticias recentes falavam de grandes *nevões* na Guarda.

Em S. Romão, soubemos depois que n'essa mesma noute nevára abundantemente, cobrindo por completo os caminhos.

Sahindo de Lagares tomámos a estrada que, á direita, com pequeno desvio leva a Oliveira de Hospital.



LAGOA ESCURA E COMPRIDA, A 1:600 METROS

Não era comer, era devorar! E á face d'aquella *raza*, que se alastrava por capoeiras e adega, houve quem affirmasse convictamente, que passada aquella invasão de sete vandalos, o *dono da casa iria para um asylo!*

*
* * *

No outro dia, refeitos da viagem, partimos. O tempo mudura e choviscava impertinentemente. No ar acinzentado e mórno havia prenuncios de trovoadas.

Por um momento vimos perdida a esperança de abordar a Serra; mas, reunido o

O declive accentua-se até ao Cobral, entre pinheirões entremeiados aqui e ali de campos e vinhas — a paisagem beirá é mais ou menos monotona, causando-nos muitas vezes espreguiçamentos de nervos e até somnolencias.

Corta a estrada o rio, e, para a esquerda, estende-se todo o valle fertilissimo que o Cobral reforçado agora de quantos ribeiros concorrem n'aquella vertente, vae alagando em meneios languidos de reptil, por entre os tufos dos grammeiros, onde as codornizes se alapam pelos calores cremativos do calido agosto.

O riacho volta bruscamente para o Sul,

espadanando as aguas rumurosas nas re-
prezas dos açudes até se lançar no rio de



CASCATA GELADA DO RIO ALVA, NO VERÃO

Ceia que por sua vez conflue ao poetico
Mondego.

N'uma pendente de oito por cento se-
guimos estrada fóra; passámos Travanca de
Lagos, terra afamada de caras lindas, ca-
bellos d'ebano e olhos castanhos, deixámos
á direita o ramal que leva a Bobadella,
abundante de tradições romanas reveladas
em inscrições e na curva simples de um
arco, reliquia de um templo a Neptuno; fi-
ca-nos subjacente á estrada a *Casa da Coi-
tena*, sahindo de um bosque de carvalhos
seculares, alguns dos quaes os não abraçam
cinco homens.

Solar da familia Loureiro Cardoso, se-
nhores de fartas terras de pão e azeite em
muitas leguas de redondeza, a *Coitena* al-
bergou muitas vezes nos seus tectos hospi-
taleiros a quadrilha do celebre *João Bran-
dão*.

Pelas noites frias de inverno, por horas
mortas, ali se acoitavam — recolhidos os
cavallos nas cavallariças sempre patentes e

bem fornecidas de grão e palha nas largas
mangedouras.

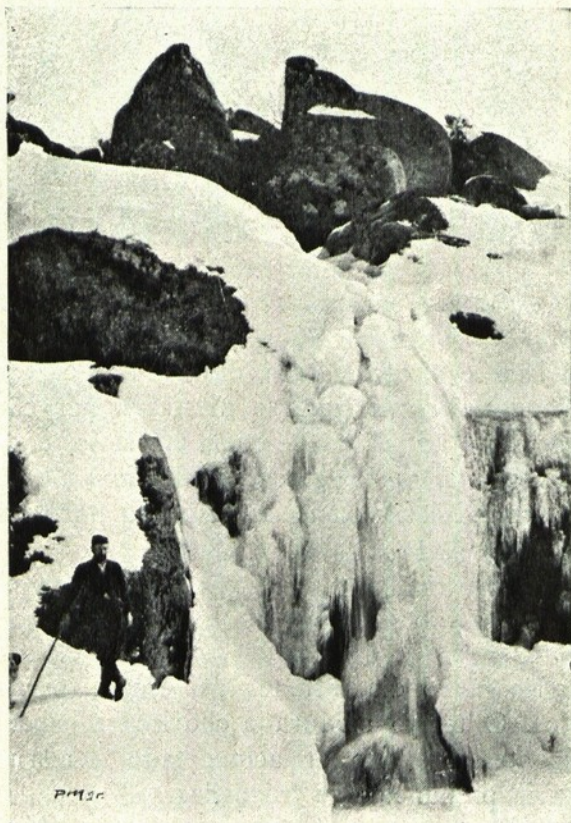
Os *socios* ahi ficavam tambem de guarda
aos animaes, estendidos em cobrejões sempre
promptos ao primeiro alarme.

O *chefe* pernoitava n'um quarto da casa
o *quarto das solfas*, chamado, cuja janella
olha a nascente, que elle escalava por fóra
para entrar.

Da *Coitena* a Oliveira é um instante; a
estrada é quasi plana — á esquerda lá para
o valle avista-se a Lageosa, n'um amontado
de casitas brancas. Fazemos alto em Oli-
veira para beber uns goles de aguardente
que o frio enregela.

Já d'aqui o panorama é esplendido em
toda a volta; na meia tinta da manhã a
Serra destaca ao fundo alvissima de neve;
para baixo um pouco o Colcorinho: a cor-
dilheira succede-se sempre em morros ora
aguçados ora arredondados até se perder de
vista muito ao longe, no esfumado da ne-
brina.

De vez em quando um aguaceiro imper-
tinente obriga-nos a cerrar as cortinas da
diligencia que tinhamos afastado para *server*
todo o scenario surprehendente.



CASCATA GELADA DO RIO ALVA, NO INVERNO



CASA DA FRAGA

Primeira casa construída na Serra da Estrela, depois de estabelecido o Observatorio Meteorologico (1)

Fica-nos á beira da estrada S. Paio de Gramaços, um pouco para dentro Povia das Quartas, em toda a originalidade das suas casas alpendradas em que cada janella é um canteiro florido de *sempre-noivas* e *geraniuns*.

Mas é ao entrar em Torroze, já no districto da Guarda, que o golpe de vista é surprehendente de magestade: em frente e agora quasi perto a serra surge resplandecente de brancura, como um diamante enorme de que o sol arranca por vezes feixes multicores na iriação da neve que se liquefaz.

Mais uns passos e entramos em S. Romão. A nossa impaciencia augmenta a todo o instante.

S. Romão está alombada na encosta do monte Calvario; é uma aldeia risonha com pouco mais de duas mil almas; é no cimo, na extrema da villa, que o Alva agora caudaloso innunda, que estão as fabricas de lanificios — a corrente é derivada por encanamento sobre enormes rodas que por sua vez accionam os teares; fabricam saragoças, briches e cobertores, empregando mulheres para a maioria dos serviços.

E' lindissimo todo o valle que do alto se

abrange. Seguimos obliquamente para léste, a pé, para a Senhora do Desterro pela encosta acima; deixamos á direita as ruinas do *castrum* e descemos até ás capellas. Foi ali n'aquelle remanso esplendido cercado de cerros cobertos de pinheirae e carvalhos seculares, que por meados do seculo xvii, se levantou a ermida da Senhora do Desterro, n'aquelle abandono e n'aquelle olvido do mundo.

Lendas piedosas, que o bom povo não despreza, dizem que ali appareceram por tardes calmas, na serena quietação do milagre, a Senhora e S. José.

(1) Foi em 1883, que o sr. Alfredo Cesar Henriques, de Santarem, ali se installou, transformando aquelles enormes rochedos n'uma confortavel casinha; foi o primeiro doente que em Portugal seguiu o tratamento da «altitude» para a cura da tuberculose, conseguindo ao cabo de alguns annos a completa cura. Mais tarde foi arrendada ao Estado para habitação do guarda florestal, sendo depois em parte destruida pelo incendio motivado por um raio que ali cahiu em 31 de dezembro de 1899. Apesar de abandonada e em ruinas, mostra ainda como o espirito intelligente e pratico do seu proprietario a poude transformar em alegre vivenda. A ella se refere o illustre escriptor Emygdio Navarro, no seu livro *Quatro dias na Serra da Estrela*.

A ermida nada tem de especial; é apenas curiosa a infinidade de quadros relembrando na ingenuidade quasi caricatural das suas figuras, milagres prodigiosos que a Senhora operou, em doenças graves, em perigos enormes, livrando das bexigas, dos

diz, das Ribeiras de Alvôco, Loriga, Bemfeito e Pomares, da ribeira da Caniça, que das lagoas da serra deriva até elle.

Dos três rios que descem da serra é sem duvida este o mais pittoresco, escachoando as aguas de prata nas escarpas do leito, formando na *Fervença* uma das mais suprehendentes quedas d'agua do paiz, e perfurando o solo nos *Tunneis dos Furados*, a montante de Sarzêdo, n'uma extensão superior a 800 metros. Banha junto á foz Sandomil. Avô, Villa Cova de Frades e junta-se ao Mondego na *Raiva*.

Em volta da capella principal agrupam-se meia duzia de casas que a caridade dos devotos construiu para pousada de peregrinos — e algumas capellas secundarias, quasi simples nichos gradeados onde as figuras mostram passagens da vida de Christo: *A expectação, os desposorios de S. José, o nascimento, a visita dos Reis Magos, o menino entre os doutores* — oito ao todo, em numero, sendo cinco na margem direita do Alva e três na esquerda.

N'uma das casas annexas á capella habita o ermitão: o Zé da Senhora do Desterro.

Typo de serrano, espadaudo, cobre-lhe o peito uma farta barba negra — o ermitão é um guia destemido, conhece a serra a palmos, nos minimos atalhos e pontos de referencia.

Centenas de vezes a percorreu, desde pequeno guiando caravanas atravez dos despeñhadeiros perigosissimos. Ca-

çador emerito, tem a mesma firmeza em virar duas perdizes n'uma *revoada*, como em metter uma bala no quarto dianteiro d'um lobo ou no peito d'uma aguia.

D'uma franqueza captivante, como todo o typo genuinamente beirão, serviu-nos aguardente e quiz tambem que comessemos alguma cousa.

E em minha fé o juro que nunca me soube tão bem a brôa de centeio!



CANTARO GORDO

Fôrma, com o Cantaro Magro, as enormes e profundas ravinas onde nasce o rio Zezere

ataques de lobos raivosos, do mal rubro que dizima os cevados.

O Alva corre-lhe aos pés, passando debaixo d'uma ponte de três arcos, em toda a limpidez das suas aguas espumantes. E' um dos três rios que nasce na serra: começa n'uns fios d'agua que gottejam do Covão do Urso, da Lagôa Redonda, do Valle de Conde e Canariz.

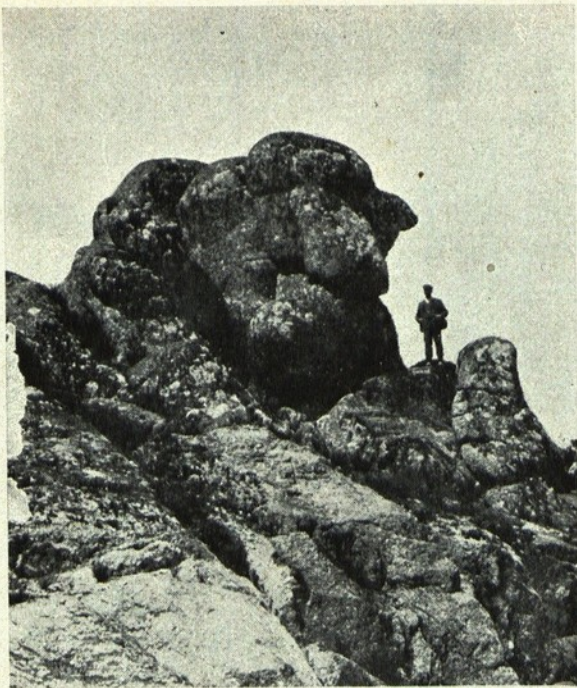
Engrossam-no as aguas do Valle da Per-

A CAMINHO: A NEVE! A NEVE! — UM NEVOEIRO NA SERRA — COMO SE FORMA UMA AVALANCHE — COMEÇA A NEVAR — A ASCENÇÃO É IMPOSSIVEL — VOLTAMOS A S. ROMÃO — A CABEÇA DA VELHA.

Afoitamente, de mantas ao hombro, nos pozemos em marcha tomando pelo caminho que á direita leva ao monte.

Como quasi toda a noite nevára o aspecto do terreno, de certo ponto em deante era curiosissimo; a neve accumulara-se na espessura de muitos palmos nos sulcos das pedras, nos córregos, no menor intersticio onde podesse adherir, sobre as folhas dos fetos, estendendo em toda a extensão um lençol alvissimo. Subiamos em linha perto uns dos outros; servia-nos de guia um pastor que encontraramos ali.

Quando, internados um pouco mais na Serra nada mais vimos que neve e céo, o nosso entusiasmo foi indescriptivel — palpavamol-a como as mãos, alguns deitaram-se, rebolavamo-nos como doidos — e não tardou muito que um dos do grupo, á so-



ROCHEDO DE NEGRO GRANITO

A' beira da estrada que de Gouveia conduz á Serra

capa, fosse fabricando bolas com que depois nos bombardeamos mutuamente.



ROMARIA E PROCISSÃO DA SENHORA DO DESTERRO

Ermida sita no pequeno valle do mesmo nome, a 700 metros de altitude, nas margens do Rio Alva



CASCATA DA FERVENÇA NO RIO ALVA

Contra os conselhos do guia um de nós afastara-se um pouco do grupo — em menos de três segundos espalhará-se na serra um nevoeiro tão espesso e cerrado que se não via palmo adiante do nariz. Foi fácil encontrar o companheiro tresmalhado — em maior altura, desconhecedores da região, como eramos, poderia a aventura ser perigosíssima, tanto mais que é muito fácil desorientar-se pois na monotonia da paisagem quasi não ha pontos de referencia.

A' medida que iam subindo o ar tornava-se mais puro, finissimo — sorviamol-o a peito cheio — no entanto contra a nossa expectativa a atmospherá não era exageradamente fria.

Fizemos alto por uns minutos — fomos juntando alguma neve que a pouco e pouco iam rolando: a adherencia dos fragmentos era immediata levantando toda a crosta so-

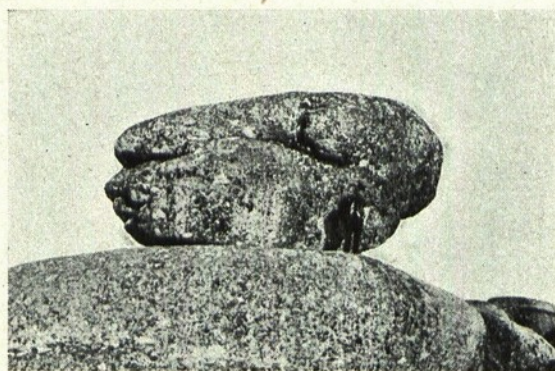
lidificada, deixando a descoberto o solo onde apenas havia vestigios de gramma. Em breve não bastava um só a rolar o peso de muitas dezenas de kilos — abandonada a si mesma aquella massa, se outras fossem as condições do sólo e a altura de neve, iria aggregando quantos detrictos encontrasse no seu caminho devastador, envolvendo pedras, derrubando arvores, arrazando e destruindo.

Repentinamente começou de se avizinhar o nevoeiro, agora um pouco mais tenue, ao mesmo tempo que a neve cahia em flocos pequenissimos, como farrapos brancos; cobria-nos os chapéos, as mantas e em breve estavamos como que enfarinhados!

Não cessava de nevar; quanto mais subiamos, mais e mais crescia a altura de neve, mal se divisando no solo os signaes das passadas.

O guia desanimou — e ou porque realmente o intimidasse a ascensão atravez da serra, agora transformada em geleira immensa, ou porque nos não julgasse com forças para a travessia que a neve mais e mais difficultava, escusou-se a acompanhar-nos.

Retrocedemos desanimados. Tinhamos chegado apenas a *Chão das Eiras*. Voltámos á Senhora do Desterro e no caminho para S. Romão tomámos para nascente para admirarmos o interessante monumento an-

CABEÇA DE PRETO
Rochedo de granito

tropoglyphita, na technica dos geologos e archeologos, conhecido pelo nome de *Cabeça da Velha* ou *Cara da Velha*.

E' um conjuncto de penedos que vistos em certa posição dão a impressão perfeita d'uma cara de octagenaria em que a natureza foi esculptora perfectissima comprimindo-lhe a fronte, aguçando-lhe o nariz, cavando-lhe os olhos a que uns raros arbustos completam de sobranceiras, rasgando-lhe a

(Continúa.)

bocca, hiante, a que nem os dentes faltam — uns seixos aguçados e espaçados que a *carie geologica* foi destruindo.

E foi ali, naquelle monolitho gigantesco, perante aquella natureza grandiosa a que a bruma da tarde dava tonalidades feericas de scenario que, todos á uma, promettemos voltar á Serra, o mais cedo possivel, para a correremos de ponta a ponta.

A promessa foi cumprida.

ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.



Lagrîmas de mãe

Ha lagrimas d'orvalho que as auroras
Vão offertar aos mil jardins virentes:
Ha lagrimas sentidas que, a deshoras,
Cáem, a flux, das faces indigentes!

Ha lagrimas crueis, esmagadoras,
Ávidas de vingança ou insolentes;
Ha lagrimas fingidas e traidoras
Que envenenam as almas innocentes!

Oh! mas lagrimas puras como o lirio,
Nobres, d'eterno amor e de martyrio
Onde se espêlhe a luz da sã verdade,

Ide-as buscar ás almas crystallinas
Das mães, d'essas estrellas matutinas
Que vão guiando a nossa mocidade!

Mario Florival.

Em Alvito O Castello



CASA DA QUINTA DA ESPERANÇA
onde D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz e D. Carlos habitaram

Morrinha economica do Alemtejo — Florestas e culturas — Avistada das chans, rodeira ao povo

III



A lém dos reis da Casa d'Aviz que atraz menciono, varios Braganças vieram tambem nos ultimos tempos fazer visita ao castello dos barões, e foram D. Pedro V com os irmãos D. Augusto e D. João, D. Luiz sendo já rei, e ultimamente D. Carlos, que todos por estes sitios espareceram escursões, merendas ou caçadas. D. Maria II, na sua viagem a Beja, não demora em Alvito, visto o legitimismo acendrado dos marquezes, que só com Pedro V se converteram á causa liberal. A viagem d'este principe hameletico ficou celebre, e toda a ternura plebea fundiu suas doçuras de cão por junto ás plantas do idolo, que pela primeira vez, depois

d'uma quasi invisibilidade de tres seculos, lhe corporisava a ideia religiosa de rei n'uma diafana figura d'adolescente allemão, de cabellos doirados e olhos azues de miosotis. D. Pedro V por estes sitios foi alvo d'uma quebreira sentimental em que ainda hoje os velhos fallam, insistindo na melancholia poetica do pobre moço que merecia as açucenas de Sant'Antonio, e seduzia pela pulchridade estranha dos instinctos.

Ao tempo a linha ferrea do sul só chegava do Barreiro a Vendas Novas, e esse troço fresco inaugurado servira á viagem de D. Pedro, que percorreu a cavallo, por *etapes* marcadas, em ida e volta, toda a charneca d'entre Vendas Novas e a Mina de S. Domingos, que era o termo obrigado da

jornada. Assim, no proprio dia do desembarque em Vendas Novas, o rei, mal-os irmãos, seguiu para Evora, onde estiveram uns dias; marcharam depois d'Evora á Cuba, onde na igreja lhes foi servido o suppositorio obrigado d'um *Te Deum*, e esse dia e noite recolheram-se na Quinta dos Barahonas, morgados do Cebolinho, que D. Maria II fizera viscondes da Esperança.

Camponезes e poviléo miúdo da Cuba e cercanas terras, que tinham vindo de vespera, á passagem do rei, acamparam de roda dos muros da quinta, e eram duares imensos de carros e bestiolas, foguetaria e lumes de comezaina, e nas clareiras fechadas pelos carros, gentuza cantando ao som d'adufes e trebelhos, tanta e tão viva que o mesmo Pedro V, depois de cêa, andou pelas ranchadas, até tarde, não faltando vivório e expansões de candida borracheira, nem tropeiros silvestres que a som de viola lhe soleassem boas vindas.

No dia seguinte, depois d'almoço, a cavalgata partiu pela estrada de Beja, atravessando as terras do morgado, que iam da Cuba até mui perto da cidade; e ahi o Barahona que era ao tempo um pujante e orgulhoso arador de cearas kilometricas, mandára estender aos dois lados da estrada, em ordem de batalha e coberta de flores, toda a instrumental da sua casa de lavoira: os arados apeirados nas cangas, as pezadas charruas biblicas de tres e quatro juntas, toda a creadagem de couteiros, lavradores, semeões, mantieiros, escameis, moços de alavão e rouparia, bem firmes nos seus postos, com seus aptrechos de faina, e logo os rebanhos de lã, que eram profusos, com zagaletes, pastores e cães de gado, n'um formigueiro de pupillas luzentes e de cornos... Esta foi talvez a primeira ideia de cortejo rural e exposição agricola sugerida em

terra portugueza, e curioso seria seguil-a na evolução mental decorativa, que algumas dezenas d'annos depois deitou de si o tão apregoadado prestito do centenario camoniano. A multidão que teimava em acompanhar o rei, era tão espessa, que a cavalgata houve de moderar o andamento, para que as mulheres das aldêas e dos montes, que erguiam os filhos *pedindo que S. Real Magestade lhes deitasse a benção*, podessem enlevadas gravar bem a fisionomia triste do principe, e a poeira das correrias não sufocasse os jornadeantes, impedindo-os de vêr a exhibição das charruas e dos gados. Pedro V, educado pelo romantico Herculano á moda antiga, considerava o mister de rei não pelo lado propriamente politico e diplomatico, como mais tarde seu sobrinho D. Carlos, que d'isso foi victima, mas como uma especie de munificente pastor talhado em patriarcha, intervindo pessoalmente nas leis, distribuindo elle mesmo as graças e a justiça: e por isso se comprazia na exhibição d'estes demorados convivios populares, d'onde a sua alma werteriana sacava a delicia d'uma especie d'auto-idolatria cabotina.

A' sahida das chãs chamadas *Os Valles*, começaram a ficar para traz ranchos de femeas, e a cavalgata seguiu ainda com guarda de honra de jornaleiros e artifices, que teimava em correr ás duas bandas da carreteira. O rei ia na frente, entre os irmãos D. Augusto e D. João; atraz, na comitiva, seguiam o marquez de Ficalho, o marquez d'Alvito e o vermelhaço D Carlos de Mascarenhas.

Antes de S. Mathias, já fóra das terras da Esperança, dois rapagões de chapéu na mão, adeantaram-se d'um rancho de jornaleiros e ganhões que ficára retrahido e deslumbrado, ao vêr os principes. Divisava-se-lhes grande agitação e como um começo de disputa, pelos gestos



NA FONTE

sacados que faziam. Do monte de ganhões sahiam vózes.

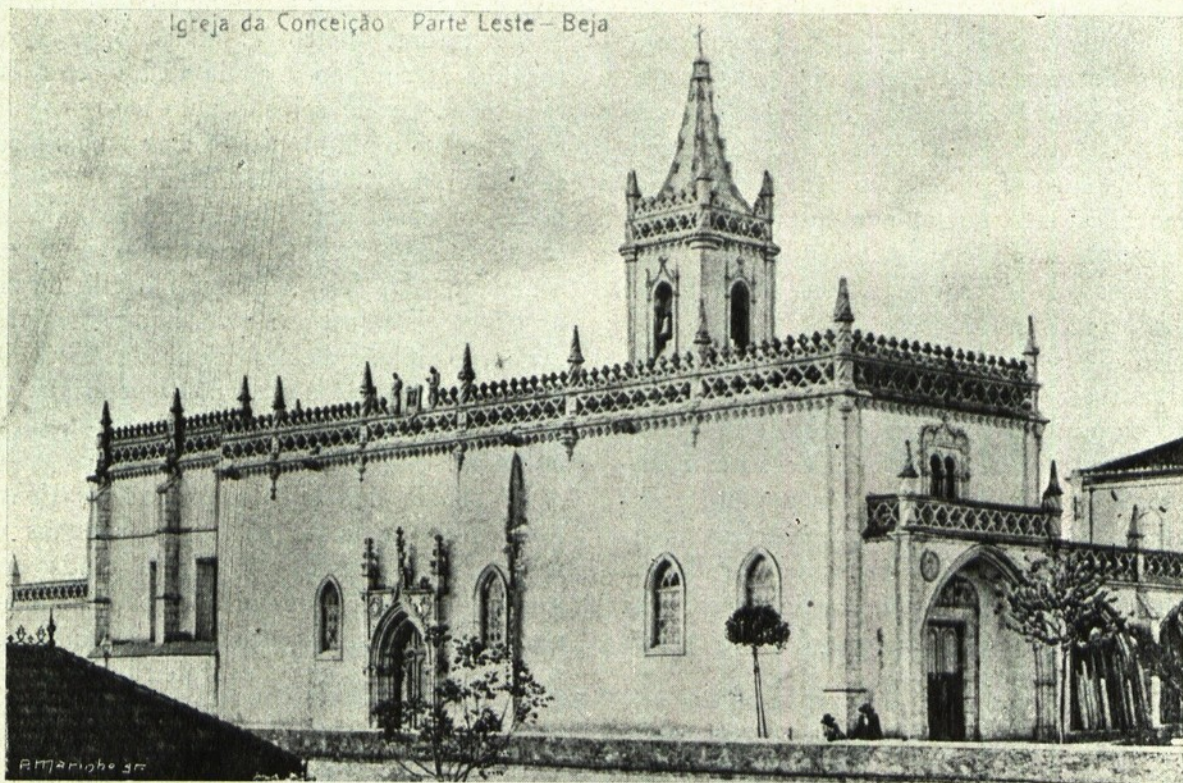
— E' não ter acanhação, senhor Joaquim!

— E' fallar *durrijo*, para elles ouvirem bem!

E as caras pallidas, os olhos balbuciantes, tudo mostrava que alguma coisa grave ia correr. Em rezumo. Uma lavradora da Cuba, da familia Pêgas Taquenho, no alvoroço subito da Magestade lhe passar á porta, acordára rimando eclogas candidas

como o sol, que despontára na Cuba, e o outro metaforicamente lhe explicava as origens fabulosas da viagem, e as excelcezas fulgentes do heroe, entre copia d'allusões mytologicas e minusculerias arcadicas ingenuas, que a bôa mulher certo colhera de Rodrigues Lobo ou João Xavier de Mattos, n'algum surrado tomo de pastoraes e dyctirambos.

A chronica refere que Joaquim Firmino e Manoel Bonifacio, d'atrapalhados co'a pre-



BEJA — FACHADA PRINCIPAL DA EGREJA DO EXTINGTO MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

de hossana ás excellencias de Pedro e dos infantes, que fizera aprender a dois filhos já homens, Manoel Bonifacio e Joaquim Firmino, os quaes, á orla da courella, e sem saber que destino dar aos chapéus e ás mãos, faziam-se de mil côres, varados da audacia de ter de as recitar deante do rei.

— Ai que vergonha, ai que vergonha que me dá! dizia um, com o instintivo geito de se esconder por traz das jornaleiras.

— Não sejas alarve, tornava o outro. Olha o papel! O que ha-de dizer depois a nossa mãe. . .

Os versos armavam uma especie de dialogo de pastores, onde um fingia o alvoroço de saber quem fosse esse principe brilhante

sença do rei, não tiveram saliva avondo para lubrificar a gorja e dar curso á lingua poetica materna, e isto por não poderem mexer a propria no paladar reseco da commoção que lhes embargára o nó vital. Tambem D. Pedro V perdeu uma ocasião unica d'inquerito á pulmoeira poetica e lyrica da Cuba, que me parece não volverá a rimar enquanto a população não souber lêr.

Deixemos o rei em Beja, onde ao passar um arco de triumpho, este abateu, dando-lhe ainda os armatóstes do tympano uma violenta pancada no cavallo; deixemol-o ir comer a casa do marquez de Ficalho, em Serpa, o promettido jantar alemtejano onde o porco brilhou té sob a forma de feijão com orelhei-

ra; deixemol-o na horrorosa jornada á Mina de S. Domingos, inicio a serio da exploração mineira em Portugal... N'este sul de provincia deserta, completamente fechado ao espirito de critica, e revivendo ainda as crenças lendarias dos seculos d'obscurantismo e de servagem, não admira que aos episodios da admiração popular ingenua, se misturem de quando em quando uns, mais grotescos, que os infantes só a muito esforço de morder labios não recebem a francas gargalhadas.

Tal por exemplo a historia do paneirinho de S. Mathias... aldeota entre Beja e Cuba, formada por familias de ganhões das convinhas grandes lavoiras da planicie. Paneirinho era uma especie d'anão negrusco, d'olho africano e gestos de bechinina, que d'ordinario fazia quartel general em S. Mathias, irradiando pelos povos rodeiros, com o macho carregado e a clavina no garroxo, á cóca de vender as saragoças e briches que lhe mandava um irmão, da Castanheira.

Com uma imaginação ardorosa, cuja exhibencia de galas sempre o simplismo rustico dos meios d'acção prejudicava, este homem que n'alguma rica cidade teria sido um ordenador de cavalgatas historicas, alli, no chavascal da aldêa, apenas achou para mandar ao encontro de D. Pedro V e dos infantes, o seu proprio macho das saragoças, albardado de velho, e com um lençol que o envolvia desde a cabeça, deixando avøjar os alvejantes fraldões por sobre a anca, onde aqui e alem luziam mataduras. Vestiu a cópa melhor, pôz o sombreiro dos domigos, broslado, com abas de velodromo, e que um lenço d'Alcobaça resguardava das malandrices do vento, atado em barbuqueixo; e com sua espora no calcaneo, o cajado enristado em lança manchega, eil-o cavalga dramaticamente o macho, que ao avøjar do lençol produzia a estylisação d'um corcel de torneio ou quer que o valha.

A pouco trexo tópa a regia comitiva, e possesso de jubilo, sem encontrar na lingua fallada de seu uzo exclamações que exprimam o inexplicavel clangor monarchico que o vibra, tira o chapêu e desata a gritar:

— Viva o Santissimo Sacramento!

O rei e os principes, desconcertados sobre o typo bizarro que lhes surge, contestam com uma reverencia ás exclamações do Paneirinho, que sem se desguarnecer da fi-

lucia manchega avança para os três e diz assim:

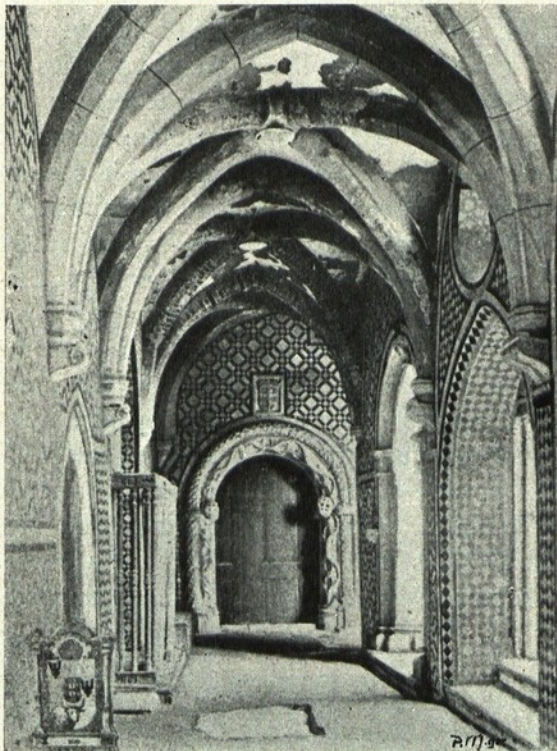
— Qual de Vossa Xurias, indas que eu mal prègunte, é Vossa Real Maestade?

Mostram-lhe D. Pedro V, e elle, ás medidas:

— Como tem Vossa Real Maestade passado, a senhora rainha, e mais companhia?

Responde o rei que bem, e lhe agradece.

— Pois eu, diz o Paneirinho, venho por mandado alem dos d'aquella aldêa, que são



BEJA — RESTOS DO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

uns brutos, e tiveram vergonha de vir vêr o rei do seu paiz. Uns alarves d'aquelles! Se em vêz d'um rei fosse uma pipa de vinho, apostò em como abalavam todos e nem lá ficavam cegos e entrévados...

Pergunta D. Pedro V se a terra é prospera e as colheitas foram fartas.

— Vae-se passando, V. Real Maestade, vae-se passando. O que faz falta é um moinho de vento. Para moermos a ceara, temos de leval-a lá fora, ao Guadiana.

— Não será difficil arranjar o moinho, diz o rei.

— Mas em terras baixas o vento é pouco; de sorte que o moinho raro trabalharia se não construissem tambem uma montanha...

Acha D. Pedro a occorrença pictoresca, mas não é dado aos reis remover assim terras, d'um bloco. Se pedissem por exemplo, uma escola primaria . . .

— Isso as escolas, contravem escoreito o Paneirinho. servem só para fazer doutores e augmentar o descáro dos caloteiros. No dia em que todos soubessem lêr, teria de lhes baixar o preço das saragoças e dos briches . . . De sorte que se não poder ser o moinho, venha uma lei que torne por exemplo a saragoça obrigatória . . .

— Vá descansado, diz o monarcha sorrindo, e saúde em meu nome os do seu povo.

— Vou mas é explicar áquelles alarves que o rei não é ahi nenhum papão que meta espanto, e todos os portuguezes ganham em vêr de perto os principes que os mandam. E com isto não enfado, Senhor D. Pedro V; visitas á senhora rainha, e aos meninos — que eu não sei se V. Real Maestade tem borregage . . .

Faz o rei que não com a cabeça.

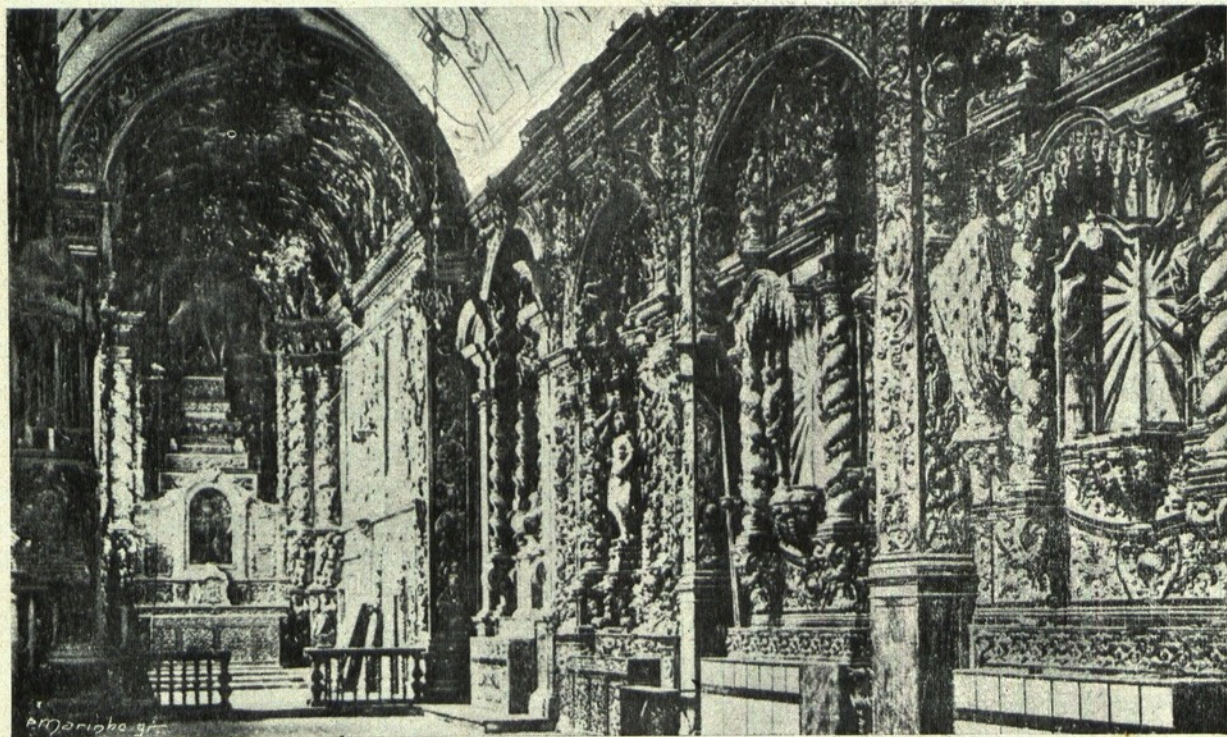
— Pois é preciso arranjal-a. Não ha matrimonio feliz sem mulheróta poupada e caldas d'açoites nos petizes. Lá em minha casa tenho dez que não dou vestidos nem calçados; pois se algum dia me faltassem, perderia o unico entretenimento alegre da vida, que é todos dias zurzir uns tres ou quatro.

Esporeou a besta, que n'um repoupo deu

costas, deflagrando sob os fraldões do lençol, não sei que estrepitos festivos. E meio voltado na albarda :

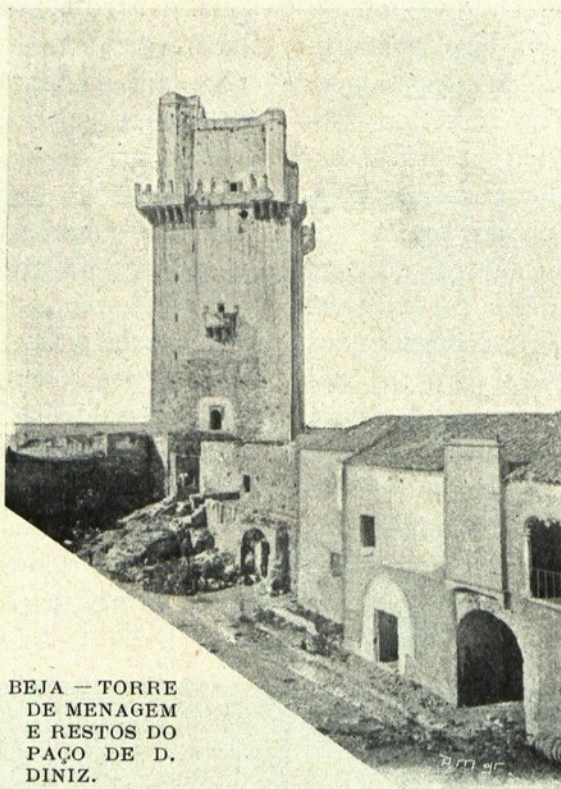
— Desculpem Voss'Xurias esta divergencia da cavalgadura. Como não está acostuada a vêr grandezas . . .

A' volta da excursão, no regresso da mina, D. Pedro V outra vêz pernoitou na quinta da Esperança, e na seguinte manhã, primeiro de Novembro, tomava pela estrada d'Alvito, onde cahiu em plena feira dos Santos, *a das castanhas e das nozes*, espalhada de róda do castello. Ao atravessar, inda no termo da Cuba, as herdades do Barahona (José Maria de Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo), nova exhibição de gados, d'esta vez em maxima affluencia: manadas d'eguas, boiadas, infinitas cabras e ovelhas, alfeires, váras de porcos, milhares de cabeças com dezenas de guardas negreando nos valeirões do restolho, em infinitas insulas moventes. E outros lavradores visinhos tinham tomado o exemplo do visconde, posto ao comprido da estrada, em bandeletas, riquezas pecuarias que transfiguram subito a campina, occorrendo com as que migravam para a feira, e todas tocando de pastoril relevo a aridez já um pouco outonal dos costadoiros. O rei viu



BEJA — INTERIOR DA EGREJA DO EXTINGTO MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

esse dia um espectáculo a que não estaria acostumado: a entrada galopante dos gados, sob a poeira fulva, em pleno charivari da correioira, o zumbido apopletico d'um arraial de ruraes em plena verve nomada de trafego: e na apothose da luz, em pagãs espiraes, toda a exaltação do côro pastoril á gloria de Pomona e Céres, deuzas tutelares da agricultura. Em Alvito ficou dois dias na camara que lhe conserva o nome, e permanecendo alfaiada como de quando a habitára o rei nostalgico, foi muitos annos objecto d'uma romaria piedosa e enternecida; d'ahi se foi a Aguiar, cerca de Vianna, onde entrando em casa do parcho, quiz comer. A estancia era mui pobre—queijo de cabra, pão quente, agua-mel n'uma malga ratinha, e alguns cheirosos peros de Montemór — e não havendo cópo, bebeu por uma canada de barro, que foi o que o cura achou de melhor na prateleira...



BEJA — TORRE DE MENAGEM E RESTOS DO PAÇO DE D. DINIZ.

D. Luiz tambem por várias vèzes foi visitador e hospede do castello, e entre Alvito e

Beja girou de caçador, aceitando alternadamente hospitalidade do visconde da Esperança e do marquez. Suas demoradas na Esperança motivava-as principalmente a caça ás abetardas, a grande abetarda, ou batarda, volatil dos mais pesados e macissos da Europa, e que nos barros de Beja (para as bandas da serra de Serpa, ou do lado de Cuba, entre terras do morgado e S. Mathias) tem em Portugal predilectos e quasi exclusivos logares de habitação.

N'outras regiões portuguezas impossivel será talvez topar este curioso e avantajado pernalta (otideo), tão elegante e faustoso, especie d'avestruz europeu que seria facil apropriar á alimentação, pela domesticidade em parques e curraes. A abetarda é frequentadora habitual das planicies areentas

ou pedregosas; em Allemanha, Italia, França, vive, dizem os livros, por estações migratórias incertas, conforme os rigores toleraveis do inverno, tendo porem já nas terras baixas do sul de Portugal e Hespanha conseguido fixar-se e manter-se o anno inteiro.

Conhece-se seguramente uma duzia d'especies d'abetardas, quazi todas do velho continente, e a mais pequena é o cizão talvez, passarôco arribante em Portugal de fevereiro até maio, onde com tubaras e filletes magros de prezunto faz um arroz de guardião.

A grande abetarda, a especie maior conhecida, é um animal macisso que se sustenta de grãos, hervas, insectos, e de dezembro a maio vem ás terras descobertas desovar e crear nas hervas altas e nas cearas afilhadas e frondentes, passando o resto do anno nos velhos estevaes e arribas rochosas do Guadiana, onde poucos conseguem vêr-lhe rastro. São animaes pessimamente arranjados para o vôo, dada a curteza das azas em relação ao pezo imenso que teem

de deslocar. Os livros de zoologia francêzes atribuem ao macho pezos que vão até ás 20 libras (7 kilos); ora devo dizer que já tenho visto na Cuba batardões velhos d'entre os seus 12 e 16 kilos, e cuja amplitude d'azas chega a medir 12 palmos (2 1/2 metros) d'extensão de ponta a ponta.

Em compensação de voarem baixo e mal, são como as perdizes, sagacissimos e vertiginosos corredores, e na corrida servem-se das azas como remos, e ao rez da terra vôam e correm a um tempo, o que lhes permite frustrarem a presteza dos mais velozes perdigueiros.

Altas bastante, pernalteando sobre patas d'apenas tres dedos, reunidos a mais de meio por palmouras rugosas, andam com magestade e graça soberanas; e com o pescoço

onduloso, a cabeça um pouco chata, assustadiça, pequena, o olhar chispante, a mandíbula de cima um quanto arqueada, lembram de longe qualquer variedade européa d'avestruz. De plumagem amarello-avelã vestido o corpo, o dorso em listas ou pintas de côr negra, que na cabeça, pescoço e peito transmutam para cinzento, a abetarda tem por baixo d'estas pennas, e sobretudo no pescoço, axilas, peito, uma pennagem ou frouxel d'um gris-perla pallido e mimoso, como o dos cysnes e certas aves de preza, e que a cultivar-se daria o mais delicado miolo para almofadas e edredões. Nos machos velhos, ou batardões, ás commissuras do bico pendem-lhes pennas esguias, como bigodes longos, de general reformado, e na pelle do pescoço, rugosa como coiro, toda em glandulas ingurgitaveis como a dos perús, as penas raras que a cobrem, são, como nos galos, esguias, longas, e dentro do tom fulvo da ave, seu quasi nada furta-côres. Na nidificação são pandeirões desastrados e tunantes: inimigos das arvores e dos bosques, vivendo como disse, ao rez da terra, jamais poizam em ramos: de sorte que põem ovos em fofos de herva ou cóvas do terreno — dois, nunca mais — e na profundeza das grandes folhas de ceara, quando os trigos afilham e grélam alto, e isto para que o

mysterio do chôco coïncida com o da espigagem, que é quando o cereal intensifica e espéssa o seu oceano solido e movente, insondavel á perscruta dos mysteriosos amores que n'elle médram.

Esses amores transfórmam por completo o macho da abetarda, que já nos periodos normaes, fóra das epochas da cópula, era indocil e soberbo, defendendo-se dos ataques directos a poder de pulos e golpes d'aza, bufando e produzindo um grasnido gutural, d'escarneo altivo, ao dar signal d'inimigo que arrecêa; e agora, durante cio, se ingurgita e arrufa, abrindo a ventaróla da cauda, retezando e desdobrando as azas que roçagam na terra com um estalido de móla de guarda-chuva, e enfim dando estreitas voltas á róda da femea, por quem se roça e esthezia, como perús e pavões, de cuja erectilidade amorosa participam.

A caça da abetarda será então, pelo que fica dito, um entretenimento facil e nem por isso menos aventureiro e interessante. Claro que de tal sport os lances decorrem dos habitos regulares da ave, que como não anda entre arvores, e seja alem d'isso de typo volumoso, não vivendo mais que em terras descobertas, é um alvo magnifico de tiro, e deixa toda a vantagem ao caçador, sendo facil atingil-a de longe com cargas de



OVELHAS EM DESCANÇO

chumbo grosso, ou zagalótes. Os invencioneiros e mise-en-scenistas promovem-lhe ciladas, em que a simplória tropéça, pois é animal d'uma candura que mesmo em volateis já parece mal no seculo das ronhas. Vae na vereda um carro d'espártões cheios de ramagem: não se vêem carreiro nem caçadores, e as mulas em chouto móle, com guizadas e esquilas cantando em repiques lentos a virgiliana do trabalho. A vinte, trinta metros alem, no trigo verde, o bando das abetardas, (dez, quinze, vinte — eu já uma vez contei mais de noventa) achando o facto banal, nêem a cabeça levanta, e vae destroçando a ceara sem que os batardões sentinellas deem signal de homem á vista. Então pelos buracos dos tendaes os tiros partem, singram as bálas, e dois ou tres passarões subito desprumam-se do vôo de fuga, e vão cahir alem feridos ou varados. Outras vêzes é d'uma choça de verdura que os Buiças espreitam, d'espingarda carregada, as abetardas reaes, acolhidos alli desde a noite anterior, sem que ã bôa fé das victimas um momento despérte do sonho de hervas verdes e arrufos palaceigos para que a natureza impróvida as creára.

A conclusão é pois que a caça ás abetardas faz lide por tal forma vária em peripécias, que sempre ao caçador interessa, por mais estranho o feittio ou truc especial que o movam, pois para todos tem lance á feição das preferencias d'uns e outros. Moços ardidos e de sangue esfervente, como o principe D. Carlos, que desde os quinze annos entrou d'acompanhar o pae n'estas emprezas, podem correr os passarões, campina fóra, destrelando-lhes cães, seguindo-os a cavallo, fechando em roda o cerco, té assedial-os alfim n'um estreito espaço. Os de musculo cahido e barriga egoista, como o rei D. Luiz, ficavam simplesmente n'uma cadeira de verga, galgueira de trêvo ou carreta de verdura, aguardando o instante das abetar-

das se erguerem, pra lhes meterem um zagalóte na espadua, e as entregarem depois á liquidação dos cães e dos creados. Frigia-se em goso o rei, d'ouvir a gente gabar a mocidade e galhardia atletica do principe, que era um S. Jorge de cabello cendrado d'oiro risso nas pontas, e olhos marinhos faúlhadados d'astucia desdenhosa, e nas peripécias da lide trazia já o apaixonado ardor brutal que fizera d'elle o primeiro atirador da Europa, e no seu tempo um dos mais impetuosos monteiros de caça perigosa; e alli ficava á sombra d'algun chaparro ou zambujo, conversando c'os rusticos, fumando e dando charutos, enquanto um creado lhe carregava a espingarda, lhe enxotavam a caça, outros, trazendo-lh'a ás avistadas do gatilho, e mesmo algum lh'a ia matando, só para o gosto de lhe ceder a façanha a troco d'algun sorriso ou moeda d'oiro que o bom letrado sceptico tinha sempre nos bolsos da caçadeira de velludo.

O melhor para esta caça é aproveitar manhãs de geada, chuvisco, bruma, ao lusco fusco, e uma vez as aves despertadas, empurral-as para as folhas de trigo grandes, d'onde sahem co'as pennas n'um charco, entorpecidas de frio, e na impossibilidade portanto de voarem seguido, ou correrem na varzea déstramente.

Despédem-se-lhe então os cães, que as levantam no ar, e ahi são mortas, ou as refluem para as portas, onde á passagem pôdem matar-se á cacetada: ou sendo espraçada a campina, perseguem-se a cavallo, até esfalfadas cahirem; e como sejam vivazes de mil folegos, as que foram feridas, redobram d'astucia, correm, safam-se, sendo preciso olho fino para as não deixar perder nas hervas altas. A abetarda só é domesticavel de pequena; captiva, a adulta deixa de comer e morre de paixão... Bastantes o rei D. Luiz trouxe em jaulas de madeira para o jardim botânico da Ajuda, ou lh'as mandava o Barahona, mas nen-



PASTOR DE GADO
COM SAMARRA E SAFÕES

huma vivia mais de tres ou quatro dias, resistindo á tristeza da clausura.

A carne velha, tendinosa, secca, negra, é detestavel: só a abetarda nova tem perfume de caça e certa delicadeza tenra ao paladar. Estas caçadas de D. Luiz resultavam em geral pouco fecundas, pois toda a gente queria vêr o rei, caçar com elle, do que provinha encher-se o campo d'alarmes que assustavam as aves, fazendo-as mudar de poizo, alapardarem-se em tócas e silvados, de sorte á diversão falhar mui pela certa.

olhos azues, cabello castanho ou loiro e audazes mãos, não raro teem illustrado a fama galante da terra com faltas de recato muito buscadas por patrões solteiros e senhoritos d'inquieta golodice.

O rei que, segundo vóz, era frecheiro de carne rustica, por aqui se deixava embeijar por frangas novas, que algumas levou, no dizer d'alcovêtas, ás honrarias de dormida em catre adultero. No boquejar das comadres alvitenses, garotos houve que estabeleceram retorno da casa reinante ao garfo



BOIS NA PASTAGEM

D. Luiz fartava-se de palrar com os camponios, cujas respostas vivas e muito engenhosas replicas amava, e era um deróche de libras e distribuições de espingardas que, já se vê, nunca mais tornava a vêr,

Em Alvito me dizem que as abetardas se deixariam colher mais facilmente. D. Luiz gostava de vêr as moças bailar de roda, no pateo do castello, que se illuminava com fogachos d'estopa ensopada em azeite, postos na barbacã, e grandes fogueiras d'alecrim que toda a noite ardiam aos quatro can'os.

As raparigas d'Alvito, Vil'Alva, Villa Rui-va, teem fama por aqui de ser do melhor da raça indigena em femeas volteiras; e principalmente as d'Alvito, de carita córada e

ultra-plebeu do barbadão de Veiros, tanto as nostalgias atavicas resácam providencialmente os sangues pobres co'a forte seiva rural por onde toda a regeneração das raças se inicia.

Que será feito d'esses *altos infantes* havidos do conubio romantico do rei traductor, co'as abetardas russas do burgo historico do chanceler do *Principe Perfeito*? Quiçá cávem a terra como os antecessores de The-reza Lourenço, a mãe do Mestre d'Aviz. Quiçá albanilem e carpintejem nos andaimas das pobres casas de taipa, larachando as muchachas com esses olhos pallidos dos Coburgos, papudos d'experiencia, com que seu pae antigamente ria das farroncas democra-

ticas do Navarro e do Marianno, remechendo n'um cofre cartas de conselho e persuasivas grã-cruzes, mitigadoras de catões. . .

Outra afição do rei quando em Alvito, era a guitarra do Braz.

Quem era o Braz?

Um familiar do castello, sem para assim dizer, atribuições caracterisadas, cocheiro quando calhava, pagem, feitor, creado de quarto ou celestino. . . Tinha o typo d'esses trintanarios de Lisbôa, a quem a cara rapada, os olhos vivos e as ociosas brancas mãos, fazem suspeitos, quando na familia os maridos são mais velhos que as esposas, e ha uma decrepitude a substituir em certas delicadas funcções da vida a dois.

Certo não fôra este nunca o papel do Braz na casa solareiga, onde a virtude era rigida, e facil seria explicar a liberdade que lhe davam, por uma sympathia d'adoção que vinha já desde a sua mais tenra mocidade.

O Braz era quazi um filho do castello, para onde viéra pequenito, muito tempo fazendo, n'aquella vida imovel de provincia, com suas partidas e graças, a quazi exclusiva distração dos moradores. Alli tinha medrado, desde pagem e creadito de recados, e por alli ficára um pouco parente e pardal da seara Marquezina, sem para assim dizer salario nem atribuições averiguadas. D. Luiz, que era como os Braganças todos, principalmente depois da volta do Brazil, um amator de fados bandurreados, sabendo que o Braz tocava, logo o tomára em grippe para os grandes vágados de devaneio teutão que a miude lhe davam, de noite mórmente, e a que se devem aquellas herpeticas, postofieis versões de Sakespeare.

A unha do Braz havia, no mostruario curto de modinhas e fados que aprendêra, um suave rascar d'alma que sofre; e nas noites stellâres, sentado nos poios das janelas mouriscas, ou sobre os eirados das torres, á lua incantada de janeiro, aquellas lagrimas de vibração romantica cahiam da banzara no sub-consciente do bandurrista e do rei, irmanando-os como dois degenerados a quem a fluctuancia em camadas d'agua diversas, todavia não inpede aprizão pelo

pescoço ao mesmo fundo sub-marino de perversões sentimentaes e de fobias.

Mal interpretada corre a preferencia que em Portugal a plebe das cidades grandes, e os individuos das camadas sociâes mais regalonas, afixam pelos cantos do fado e as sonoridades polucionaes dos instrumentos de corda, dedilhados.

Os raros que se teem occupado do problema, costumam explical-o dizendo que a alma portugueza tem um dreno perpetuo de melancholia romantica, que lhe ficou do passado historico perdido, e do desencontro entre a sua miseravel situação presente e essa especie de confuso esplendor constantemente sonhado pelos povos que alguma vêz o destino colocou á testa d'outros. O som da viola e da guitarra, atenuado, velado, choramingas, todo em *ç'ais!* fatalistas, e corridas de notas doidas, como n'um começo d'aura epileptoide, seria para assim dizer a obsessão murmurada, a confidencia ao ouvido d'uma angustia collectiva exprimindo o descontentamento apathico da raça expulsa d'aquella missão mundial primeiro apprehendida.

Dia e noite elle acompanha o latejar do coração como um responso, e quando cessa, logo a necessidade de o fazer renascer vem á lembrança: donde o portuguez acordar e adormecer de banzara á bôca, prezo d'essa morrinha sentimental chamada saudade, que é uma especie de doença do somno das medullas velhas e das iniciativas arrombadas.

O fado seria pois, embora formado ainda com elementos nobres, o canto de renuncia d'essa nacionalidade falida, a elegia cazeosa d'esse estado de lazeira moral e cretinisação da intelligencia; e d'ahi dizerem-no por excellencia a canção autobiografica do Luzitano, e acharem n'elle a quintessencia da musica nacional. . .

Entretanto na minha fraca opinião, a coiza é outra. O fado não é tal o queixume aiado e lyrico da baceira luzitanica geral, *mas um canto de criminaes*, uma chorosa elegia de taberna, carcere e alcouce, em Portugal nascida não da sensitividade candida do povo, mas nas vielas da Madragôa e Mouraria, nos fauburgos de Chellas, Alcantara e Beato, nos retiros da Penha e nos chinquilhos da Ajuda, em toda a parte onde petintaes e fadistonas crapulam promiscuamente os seus vicios violentos e os seus fumantes amores

de bestas feras. N'esta carne de miseria é que a delinquencia nata ou ocasional tende a perdurar nos craneos a ideia d'um destino eschyliano, fatidico, fóra da sociedade e da lei, d'onde os fadistas sácam maravilhosos *lieds* de poesia lyrica criminal, ardente, ai-rada, uivando lamentações e *z'ais!* prolongados, confessando a fraqueza de vencidos e a inutilidade de reagir ao destino adverso que do alto enreda, nos seus fios, a inconsciencia da rêz votada á morte!

Foi n'estes antros que o fado nasceu e se fez canção sentimental, vivendo pela sinceridade lyrica da prova testemunhal feita á vida fruste dos rufões e das rameiras — vida que pelo contraste bohemio do chulismo e da miséria, não podia deixar de ser, como a das outras bohémias (escolas, jornalismo, letras, artes, etc.) um espantoso viveiro de sugestões pictóricas, á cóca d'artista capaz de lhes dar fórmula poetica.

Mais tarde é que d'outras camadas sociaes mais altas e mais finas, agentes propagadores vieram beber n'esta crapula roaz dos bairros porcos, no convivio das Marias Pastoras e das Severas; esses germens de flamenguismo, fadistismo, chulismo, que levados aos serenins e salões da boa roda, pela banzara dos Vimiosos, dos Castellos Melhores, dos Anadias e dos Bellas, deram á sociedade elegante a sensação nova do fado, identificando-a com a depravada corja de que ella sempre fóra, a distancia, mais ou menos reflexo e *pendant*. O fado nas salas, tendo de se exhibir á luz das peras electricas, entre mundaneidades e faustos, claro tratou de repulir o tom suggestivo das glozas e atenuar para mais decente o sentido das suas lastimas e arquejos, ao tempo que maestros lhe bordavam sobre os selvagens motivos iniciaes, tão vivos d'ancia lubrica, copia de alongamentos guturaes, gritos aiados e outros pretenciosos gargarejos com que por ahi o vemos nas praias conflictando a menopausa das tias e o coração viavel das sobrinhas.

Primeiro que ganhasse fóros de musica da móda, generalisando-se por espirito imitativo, o fado pegou principalmente n'aquelles meios licenciosos onde a policia de costumes menos póde exercer-se eficazmente — ex., as bohémias de Coimbra, os *venusbergs* da praia de Cascaes — e por alli se foi aliterando, descaracterisando, mudando a

crassa por pelle, a bôca de sino por calças vincadas, a sabor das novas adaptações sociaes por onde tinha de passar.

Mesmo porém catita e posta á móda, essa canção refrange o *aturuxo* soez das orgias bordelengas, o calafrio da naifa e o asco d'iodoformio que lhe ficaram da alfurja onde a inspiração criminal lhe insufflou verbo; e a prova é que os homens, para a ouvir, quasi todos fôgem de casa e buscam instinctivamente coios secretos, sem falar na in-



O MORGADO DO CEBOLINHO, JOSÉ MARIA DE BALTHAZARA FRAGOSO CORDOUIL DA GAMA LOBO, PRIMEIRO CONDE DA ESPERANÇA.

quieta repulsa que inspirou sempre ás senhoras verdadeiras...

Esse Braz do castello, com a face pallida, rapada, o craneo romano, o perfil aquilino, era verdadeiramente um guitarrista de syl-labação esculptural, d'arranque intrepido, e graças galhardas d'artista na frescura perlada d'adornar o canto, sem repiques excessivos que lhe deturpassem a melodia.

O rei depois de ter ouvido em Alvito o Braz tocar, logo se lhe afeiçãoou d'entusiasmo, e á volta para Lisboa enviára-lhe a propria guitarra de seu uso, uma peça estu-penda, toda em madeiras ricas, a cabeçóta esculpida como uma prôa de galéra, e por

toda a tampa do bojo embutidos finos arabescando-a n'um labyrintho de sylvas e grotescos. Fôra presente d'um fabricante de Valle Pereiro a D. Luiz, quando este monarcha, já um pouco flacido de carnes, seguia com o famoso João Maria dos Anjos, conforme a pécha da côrte, um curso de fados e machiches, paralelo ás fainas de reinar.

— Se chegaria a ser perito em banzara, o bom monarcha *blazé*? . . .

Costumam os biografos do tempo elogiar-lhe os gostos musicos, a pericia rara e especifica com que se fazia ouvir no violoncello. Jesus Monastério, que foi na Peninsula, no tempo de Afonso XII, um virtuose celebre e aplaudido, depois de haver tocado deante do publico alfacinha, foi como de costume chamado á Ajuda, para fazer-se ouvir na camara dos reis, antes de lhe ser dado o S. Thiago. Perguntaram-lhe á volta os amigos se fôra bem recebido, e se tocára.

— Bem recebido, fôra; mas durante as duas horas da visita quem tocou violoncello, foi o rei.

— Deante de ti, para tu ouvires. . .

— Para eu ouvir!

— A sério?

— A sério.

— Será um artista. E conta lá, que tal? . . .

— *Con una barbaridad de sortijas en los dedos, enpezô sacando sonidos tan bestiales, que asta los pelos se me han puesto en punta. . .*

*

* * *

No angulo d'interseção da muralha curva da torre, com a muralha recta dos quintaes, aproveitando a sombra humida, uma hera sutil cresce e digita-se, com sua escamaria verde a reluzir sobre o reboco sombrio, enodado de lichen amarello. E completo o socego: a villa humilde e branca está-me aos pés, com a ermida de S. Sebastião só no terreiro; dão á alertas gálos de quintaes, e no ar vibrante da luz, os mirantes e torre do relógio põem a caustica da cal no irradiante azul do ceu de julho.

Do alto eirado, logo abaixo a meus pés, na lobreguidão solarenga dos muros, vejo abrir-se o pateo do castello como uma bôca de cisterna; e lá por dentro escadôzes, adarbes, postiguiños d'adufa, chaminés vetus-

tas de resalto; e nos rebordos das janellas, ferraduras e columnelos cortornando alveolos de carie, lezardentos, hiantes, sobre os longos pannos de rebôco. Das fauces d'essa crasta onde n'outro tempo reis de Portugal viram touradas, só ressumam agora chalras de ciganos. Por uma antiga usança solarega, a caravana, vendo a crasta sem porta, entrou, poizou as cargas, para acampar ali uns quantos dias. Já ao centro do pateo fuma uma fogueira, e á roda vae e vem uma turba escanzelada de faiantes, que farfalha e ladra, á compita com galgos e com cães. No genero piolhoso é coisa pictoresca e d'um aspecto de barros de presépe, entre o scenario barbaro das torres.

Os homens de chapeirão e jaqueta, com barbichas esqualidas de defuntos, emprehendem pelo povo, golpelha ás costas, passeatas lazaronicas, pedindo palha pr'ás bestas, que de cabeça baixa filosofam, enchendo de sequilhos a crasta, e de quando em quando espojando-se com fracasso de coices e de zurros. E entretanto as mulheres não perdem tempo. Deixaram ao lume as panellas tismadas, onde agua ferve, e em patrulhas de duas espalham-se na terra, lançando á boa gente domestica a contribuição usual de esmolos ou de roubos (que tudo é graça de Deus), de guiza á olha ser gorda e o puchero não ficar desguarnecido. Tudo lhes serve, toucinho, azeite, alhos, cebollas, feixe de lenha ou roupa velha, que picarescamente reclamam e solicitam, entrando sem licença pelas portas, fazendo mão baixa no que apanham, e amolentando as donas de casa com toda a sorte de supplicas a lisonjas. Umas que lêem a buena-dicha, outras que benzem d'erysipela, quebranto e males d'olhos; estas que vendem chocolate e lenços de contrabando, aquelas que fazem achar coisas perdidas; é qual mais fará render labias de nomadas, em proveito da tribu, e escarmento das gentes sedentarias. O typo ardente, o donaire hespanhol d'estas velhacas, as chitas encarnadas e vermelhas, em folhos largos e caprichosos franzidos, as ramagens dos chales, os carrapiços da trumfa em carcões aos lados da testa, tudo isto favorece a visão d'aguarela dos grupos e vehemencia d'uma áscua de braza as atitudes. Ao contrario do que a lenda propaga, quasi todas são feias e de raça miserrima, e só o azeviche dos olhos scintilla, e o preto azul

dos monhos põe como uma animalidade feróz nas pelles de cobre gretadas d'imundicie.

*
*
*

Externamente ás muralhas são terreiros das eiras e das feiras, e présto os telhados da villa, em telha escura plaqueada de lichens, com beirões errissados de concheis. Por essas massas de casas cortam ruas tortuosas: nas fachadas de taipas claudicantes, os recortes das portas teem a miseria de coelheiras pestíferas e lobregas. Vejo as bastidas dos pateos e das cercas, onde figueiras lampas parasólam, e picam granadas, na folhagem de bronze, as romaneiras; vejo os poços de bocada d'adobe, e as cortelhas dos bacoros, e as estrumeiras resêcas onde galinhas tontas esgravatam. Logo, no primeiro aro de terras, excentrico ao povo, hortejos que verdejam com pintas brancas de casas, pedaços de vinha em quadros, farejaes pelados de restolho, tudo isto desenha como um tapete flamengo já mui velho, d'onde o contacto dos pés raspasse as bordaduras, deixando á trama debaixo, adherente um que outro monticulo de lanugem verde palha. E aqui e alem, figueiras da India signalam vagos valados, ou são renques de piteiras hirsutas d'onde a espaços rompem fállos verdes, encabeçados d'estranhas florescencias.

Estendo mais o meu raio púpilar, fóra do aro da propriedade pequena, para entrar na zona das herdades kilometricas, das savanas largas como estados; e assim tenho lá abaixo, já na planura do vale, um pouco á esquerda, a estação do caminho de ferro, que parece um brinquedo, um alvo branco; logo uma linha de barranco que é a ribeira d'Alvito, onde se perfilam choupos verdes e um espeelho de charco caustica ao sol canicular. . . Apóz, no sector de que esse raio é eixo, a herdade e horta de Maria Dona, a herdade das Assentes, e já no fundo do horisonte, Malkabran, muito alem da ribeira, onde ha ruinas de muros e alicerces extensos, e se diz que foi uma cidade mourisca ou mozarabe. Este sector me serve de ponto de partida, e vou circuitando o olhar da esquerda para a direita, té fechar roda, o que me permite abranger um mapa circular de grandes campos, n'um grandioso raio de 3 a 4 legoas.

E assim passam S. Bento da Serra, Cidrão, Luzios, direito aos campos da Cuba; Santa Luzia, Kágado, na flexa de Vil'Alva e Villa Ruiva; apóz Manacha, Gamito, Ponte, Sesmarias, Mascarra, e já no extremo horisonte Agua dos Peixes, onde um solar dos Cadavaes com restos gothicos. . . Ahi vem Manachinha, Moinho do Marquez (curvejando sempre o olhar da esquerda para a direita), e os outeirões da serra de Vianna, estirando o espinhaço em dorso de burro. . . Herdades de Villa Nova da Baronia, tapadas do Marquez e Zambujal do Conde, que foram da casa d'Alvito e contam por milhares de pés as oliveiras; e nas quedas do Zambujal, as florestas druidicas da Quinta do Duque, leguas e leguas de sobreiros e azinheiras, pertencentes á Casa Cadaval. Terras da quinta dos Martyres, em cujos alicerces foi o convento beneditino de Mondarem ou Mongedarem, fundado como o de S. Cucufate de Villa de Frades, ahi pelas alturas do seculo oitavo, ou nono, ou decimo. . . Terras da Zambujosa e Monte Ruivo, que se abaixam no valle em restolhos pelados, repregos, conchas, ondeando té aos barros de Beja, da Beja vasia, da Beja morta, cuja casaria branca figura como uma exclamação de thedio, ferida pelo acento agudo da imensa torre da menagem.

N'esse imenso circuito dominam florestas de boleta e alandia entre as herdades de Malkabran e Villa Nova da Baronia, meio circulo quasi do aro formidavel. E ahi a paysagem tem tonalidades severas e mysteriosas profundezas, leguas e leguas d'uma carapinha crespada verde bronze, cerrada e devorando reprêgos e dobras do terreno, onde uma ou outra pinta caiada de *monte* dormita, sae em palmeira uma outra columna de fumo, grasna um ou outro corvo exhaustinado. O ceu mui alto, d'um azul cruel d'agulhas candentes, a produzir cegueiras instantaneas, o refocilar da floresta pelas raizes e folhas, na seiva escassa do meio cosmico, as grandes terras peladas do aro cerealifero, d'um amarello fulvo, onde, espalhados, algum calido arbusto ou arvore agonisam, o catastrofico silencio onde cada qual pode ouvir seu proprio pulso: toda esta sensação de terra impropria para a vida, onde a natureza só cura de transformar em tronco e pedra bruta a parte nobre do ser que pensa e sente, tudo isto produz uma ideia d'exilio onde o



CUBA — MERCADO E TRIBUNAL

meu espirito lisboetisado distilla não sei que vago aneio de morte tenta.

*
* * *

Um assobio no vale, um penachito de fumo a andar, com quatro bichos de conta agarrados pelas caudas, correndo d'uma maneira comica por uma linha escura que vae passar deante da estação... E o comboio da carreira, com quatro carros e quatro passageiros, quatro caixotes de peixe e outras tantas caixas de sabão. Na savana resêca, d'um raio de horisonte infinito, aquelle microscopico gorgulho, instrumento insufficiente de progresso, passa como um rato faminto por um celeiro sem grão nem limpadura.

— Os seculos que ainda vão correr primeiro que este Marrocos da Europa volva a irrigar-se de gente, riqueza e movimento! Por ventura o dia da transformação radical não virá nunca, se homens d'iniciativa creados fóra da morrinha do alemtejano improgressivo e patarata, não vierem quebrar o encanto d'este sonho de sybaritas obesos de toucinho gordo e sopa d'ólha. Que propa-

gandas heroicas a fazer, que iniciativas e inercias a acordar, que chuva de libras a derrochar das burras burguezas primeiro que esta terra morosa restitua em romãs d'oiro os milhões com que seria preciso aspergir-lhe os flancos mortos!

Seria necessario que o Estado emprehendesse no deserto d'arêa e schisto da muito extensa e quasi desolada provincia, *primeiro* uma grande e pequena circulação d'aguas correntes, comunicando entre si os rios, barranto as ribeiras, albufeirando regatos e cursos d'agua transitorios, chamando ao bloco liquido, por via de furos artezianos, toda a affluencia dos mananciaes internos e fontes abyssaes: n'uma palavra, anastomando e canalizando toda essa agua perdida dos veios profundos e dos cursos superficiaes fixos ou efemeros, n'uma vasta rede arterial fecundante do solo, para adaptação do mesmo ás culturas rendosas, como por exemplo as da horta e do pomar.

Seria necessario *em segundo logar* impôr-se o Estado a rapida florestação dos terrenos de montanha e duna que lhe pertencem, e impôr aos particulares, nas terras de sua agencia, sob penas severas, identicos encar-

gos, de sorte a methodisarem-se as chuvas, a coordenarem-se as fontes e nascentes, regularisarem-se emfim os climas saharinos de que são victimas as provincias do sul e do meio dia, onde culturas delicadas não vingam, e cinco e seis mêzes passam sem despejar do ceu pinga de chuva.

Uma vêz a terra esteril provida d'aguas, e normalisado o regimen cultural das estações, seria necessario *em terceiro logar* o Estado restringir a posse dos terrenos só até onde cada possuidor houvesse capitaes e aptidão cultural para tratá-los, forçando os ricos a alienar o resto a beneficio dos braços inativos, o que acabaria com o despotismo agrario dos grandes possuidores feudaes de leguas de solo, e talvez resolvesse prompto o problema da despovoação do Alemtejo e Estremadura, para que os estadistas não acham senão expedientes caricatos.

A terra farta d'agua, normalisado o clima, centuplicada a area da propriedade pequena, a charneca repartida em glebas para as fainas alegres da cultura intensiva, algumas leis sabias para a propulsão e desinvolução das industrias agricolas, etc., tudo isto traria rapido o augmento da riqueza publica e privada, e consequentemente a affluencia de braços e o acrescimo da população, que na Estremadura e Alemtejo só não medra por falta de terras e defeza dos naturaes estimulos do trabalho.

Necessitarei dizer que todas estas medidas só seriam exequiveis ao cabo d'uma propaganda vehemente que desse força aos governos e coagisse os proprietarios grandes a se deixarem expropriar? E que essa propaganda só seria proficua em paiz culto, unido, onde o principio associativo tivesse força, e um forte sentimento regional clarimostresse o inadiavel da transformação economica das duas maiores provincias portuguezas?

O derrame da intrucção publica, primaria, teria de ser feito segundo um recrutamento cerrado que recolhesse nas malhas a totalidade das intelligencias juvenis, e haveria de ser dirigido, não pelos programas actuaes que são exercicios de memoria versando coizas que os pobres diabos não entendem, mas conforme um ponto de vista pratico e social que esclarecesse a missão de cada homem, fornecendo-lhe para a vida, n'uma resumida taboa d'ideias, todos os grandes

topicos de que a intelligencia e o caracter precisam para abrir caminho na lucta de competencias.

Emquanto a difusão intensa d'uma instrucção primaria moderna, bem diversa da de hoje, não permitir fazer da formidavel massa dos brutos ruraes, um exercito desperto de homens ciosos de direitos e escravos de deveres, Portugal continuará a ser este estabulo imenso d'animaes de carga e paciencia, herbivoro, chagoso, sem instinctos associativos, aterrado do Terreiro do Paço, fazendo guerra ao visinho, votando com o compadre, e completamente á mercê do bacharel, do agiota e do cacique.

Só uma cultura cerebral generalisada cria esse espirito de critica que organisa multidões conscientes, capazes d'apoiar e manter a obra de propagandistas apostolos, e coagir os governos a tornal-a efectividade e facto social.

Sem esse espirito altruista impulsando uma vontade nacional batida sobre a visão das medidas d'urgencia de que o paiz tanto ha mister, impossivel impôr aos dirigentes, campanhas avassalantes como esta da transformação fructual da stepe alemtejana. Porque é uma obra cara que assustaria logo em começo a opinião publica ignorante, e de mais açulada pela velhacaria ou estupidez dos periodistas: porque é uma obra expropriadora que iria derogar interesses de proprietarios ruraes e grandes lavradores, classe rotineira, pézuda, privilegiada pela tradição e pela fortuna, e que no Alemtejo se supõe ainda suzerana, como nos fins da Edade Média e alvorecer da Renascença.

E todavia, permanecendo como estamos, não passaremos nunca de Kabildas escravidadas pela miseria ao degradante papel de victimas eternas da uzura comercial da Europa, em preparo para uma incorporação hespanhola, ou para um ainda mais vil protectorado anglo-saxão.

O portuguez que na escala dos povos vegetativos forma ainda abaixo do turco e do hespanhol, não tem d'este ultimo o espirito de nação valido e viril, e a extensão territorial a lhe garantir a certeza de nunca na Europa, por mais asneiras que faça, estar á mercê d'um captiveiro.

Com essa tintura franceza, pelintra, que na classe media e dirigente exteriorisa um estado civilisado, Portugal é hoje uma das

mais ignorantes e degeneradas nações da Europa, e tudo quanto de civilisado afecta não vae alem d'uma apparencia enganadora.

O comboio continua a fumar e a correr com um trótesinho de poney que não enche logar na stepe ardente, onde os fumos sóbem como troncos, e grandes vôos de gryfos elycoïdam no ar legendas funebres.

Nos solitarios caminhos, estendidos como atilhos sobre o dorso do grande fardo das terras por abrir, algum carro biblico d'azinho transporta mèses ou troncos, ao som da cantiga arabiga do carreiro, e do chouto lento dos machos marcando o estalão de presteza d'este paiz sem relógio, em que parece perdida a noção do movimento. O ar moroso suspende poeiras acres onde suzorra a praga dos insectos, e essas poeiras irisam franjas de roda ás aréostas das coizas, aleonando os planos panoramicos, cobrindo as roupas d'uma inpalpavel felpa atijolada. — A angustiosa largueza d'estas terras inhospitas da sede, o fatalismo mahometano, apar-

vajado, imovel, d'esta campina pelada onde a vista crucita em circulos d'inferno, e homens, animaes, figuras, formas, povoados, florestas, ribeiras sem barragens, courellas sem olivos, vidas sem alegria, familias sem conforto, tudo, tudo parece votado a uma inferioridade social paredes meias da escória do mundo, ha oito seculos no mesmo sitio, sem um grito de consciencia, um estremeção muscular que signifique a mais ligeira vontade de marchar! . . .

Raça dormida, d'energias terçãs, com um exagero de personalidade que inutilisa socialmente as gentes cultas, raça sem belleza, nem instinctos de belleza, nem fecundidade, nem hygiene, este alemtejano com a sua improgessividade e a sua basofia, é realmente, depois da falta d'agua, o flagelo peor do Alemtejo.

Socialmente, áparte meia duzia de vózes que ninguem ouve, elle está apar dos mura-lhões d'este castello, cujos cinco seculos contemplam a obra koranica do isolamento aliado á insociabilidade e á estupidez.

FIALHO D'ALMEIDA



MANTIEIRO EM SERVIÇO



JOGANDO AS CARTAS

IRÓHA NO DATOÉ

Um jogo de cartas do Japão

AESCRITA entrou no Japão, como é sabido, importada da China; e é ideographica, cada palavra, ou antes cada idéa sendo representada por um symbolo. Mas os nipponicos também escrevem por um outro systema, não por meio do alphabeto, que não possuem, mas por meio do syllabario. Todos os sons da lingua falada japoneza podem ser expressos por quarenta e oito syllabas, com as quaes se constituiu o syllabario; quarenta e oito characteres graphicamente os representam. Ora, observo que o que eu estou dizendo não é, rigorosamente, bem exacto; mas, para não me embrenhar em commentarios enfadonhos, fiquemos por aqui, com esta noção, que não se afasta muito da verdade e vem servir os meus intentos.

Um santo sabio nipponico, o bonzo Kukai, ou Kóbô-Daishi (nome posthumo), que viveu pelo seculo IX da nossa éra christã, compôz uma poesia, formada com todos os caracté-

res do syllabario, tornando-o por este modo engenhosamente mnemonicico; ainda presentemente tal poesia é decorada nas escolas. Traduzindo-a chochamente em portuguez, diz assim:— «Bem que as flôres tenham o seu perfume, desfolham-se... No mundo em que vivemos, qual é a coisa persistente?... Hoje, subi a altas montanhas; o que vi parecia um sonho; mas não me allucinou...» — Convém ainda notar que esta poesia começa em japonez d'esta maneira: — «*I-rô-ha-ni-ho-he...*» — e é por isto que os japonezes, aproveitando as três primeiras syllabas, chamam ao seu syllabario *irôha*, exactamente como ao nosso alphabeto chamamos *abc*.

Ora, propuz-me offerecer n'este logar á curiosidade dos leitores algumas considerações sobre um jogo infantil em voga n'esta terra, chamado *Irôha no datoé*, que nós podemos traduzir por *Syllabario-illustrado japonez*. O jogo exige dois baralhos, cada um de quarenta e oito cartas. Cada carta de

um d'estes baralhos contém uma das syllabas, seguindo-se-lhe um proverbio que começa por tal syllaba. Cada carta do outro baralho contém uma syllaba igualmente; após, vem uma figurinha, uma allegoria, que é a representação graphica do proverbio respectivo. Muito bem: junta-se um bando de creanças, que distribuem entre si as cartas do ultimo baralho; uma das creanças, a mais letrada, preside ao jogo, tomando nas mãos o primeiro baralho que citei, indo tirando as cartas uma a uma e lendo os proverbios em voz alta; os jogadores põem de parte as suas cartas, correspondentes aos proverbios que são lidos; ganha a partida o primeiro que se vê sem carta alguma.

O *Iróha no datoé* é muito popular; não ha garoto que o não saiba e o não pratique. Os baralhos vendem-se em folhas, nas lojinhas de brinquedos, cabendo ao comprador o cuidado de cortar as cartas á tesoura; as duas folhas, indispensaveis para o jogo, custam um *sen*, cinco réis.

Concluimos agora, d'esta ligeira exposição, que ha quarenta e oito proverbios, isto é, quarenta e oito maximas ou conceitos, que constituem como que o primeiro compendio de moral da camada juvenil do povo, n'esta terra. Pareceu-me interessante estudar estes proverbios e d'elles offerecer aqui a traducção tão litteral quanto possivel, tão exacta quanto praticavel. A tarefa é ardua e nem sempre facil: o estylo dos proverbios, em todas as linguas e ainda mais na japoneza, amolda-se a certos rythmos, apraz-se em certas concisões, que constituem a sua belleza caracteristica, mas que a traducção não reproduz. E, se a interpretação da linguagem é difficil por vezes, mais difficil será a interpretação do pensamento; porque os japonezes não pensam como nós; a phrase que escrevem ou preferem, consequencia da idéa que formulam, frequentemente nos deixa confundidos, em face de um enigma impenetravel de sentimentalidade estranha, de concepção exotica... Taes como dos bicos da penna me sahiram, ahi vão elles, os proverbios, precedidos da phrase japoneza original e seguidos de passageiros commentarios, tendentes a elucidarem o sentido. Quanto á pronuncia dos termos japonezes, se algum leitor, por extremo escrupulo, quizer entrar n'esta minucia, lembro um artigo que escrevi sobre o assumpto, publicado no

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n.º 6, junho de 1906.

I — (*Iya, iya, san bai*) «Não quer, não quer... mas esvasia três copos». — Assim se dá, frequentemente, com certos amadores da boa pinga, e ainda n'outras circumstancias. O proverbio corresponde de certo modo ao nosso — «Quem desdenha, quer comprar».

II — (*Rongo yome no rongo shirazu*) «Ignorancia dos livros de Confucius... após leitura dos livros de Confucius.» — Refere-se o conceito áquelles que lêem e ficam sem saber o que lêem, por falta de elementos que lhes facultem aproveitamento.

III — (*Hari no ana kara, ten nozoku*) «Contemplar o céu pelo fundo de uma agulha.» — Isto é: empregar meios mesquinhos para largos commettimentos.

IV — (*Nikumarego wa yo ni habikoru*) «Moço detestado, moço afortunado.» — Acontece muitas vezes que a pouca estima que merecemos é um poderoso incentivo a porfiarmos na conquista da ventura.

V — (*Hotoke no kao mo san dô*) «Não batas na face do Buddha mais de três vezes.» — Porque a benevolencia tem limites; succedendo que ainda os mais santos, quando atormentados insistentemente, se encolerizam contra o aggressor.

VI — (*Heta no nagadangi*) «O longo sermão do bonzo boçal.» — Com effeito, é dos ignorantes ou dos ineptos que se devem esperar os discursos mais prolixos.

VII — (*Tofu ni kasugai*) «Reunir pedaços de geleia com braçadeiras de ferro.» — Refere-se á inutilidade de certos expedientes.

VIII — (*Jigoku no sato mo kané shidai*) «Até as sentenças do inferno se compram a dinheiro.» — Conceito embebido de amargo scépticismo, sublinhando a triste verdade de que o dinheiro é a mola real de todas as empresas... não só n'este mundo, mas até no inferno.

IX — (*Ringem asé no gotoshi*) «As palavras do Imperador são como uma transpiração.» — Ora aqui está este conceito, que só pode ser comprehendido por uma affectibilidade japoneza. Os japonezes ligam ao

suor, á transpiração, uma idéa de serena exalação; o suor é, com effeito, não um phenomeno, mas sim uma serie de phenomenos,

pete, mas se exala e se expande, como uma transpiração, como um perfume.

X — (*Nuka ni kugi*) «Pregar pregos em



AS PRIMEIRAS DEZESEIS CARTAS DO BARALHO DOS PROVERBIOS FIGURADOS

Segundo o uso japonês, deve começar a ler-se de cima para baixo, e da direita para a esquerda

successivos, continuos. Os japonezes prestam assim culto humilde e respeitoso ao verbo solemne do soberano, verbo que se não re-

sêneas.» — Esforço inutil, trabalho chimerico.

XI — (*Rui wo motte atsumaru*) «A se-

poetas, os marujos com os marujos. Os inglezes teem um rifão que exprime bem a idéa: — «*Birds of a feather flock together.*»

melhança reúne entre si as coisas.» — Ve-reis as borboletas com as borboletas, os camellos com os camellos, os poetas, com os

XII — (*Oni mo ju hachi, já no hatachi*) «O diabo até aos dezoito, o dragão até aos vinte.» — É o que os francezes chamam — *La beauté du diable* — ; durante um certo periodo da juventude, mesmo os mais repellentes monstros, como o diabo e o dragão, offerecem attractivos.

XIII — (*Warau kado ni wa, fuku kitaru*) «Em casa onde se ri, entra a fortuna.» — A felicidade procura a gente alegre, não favorece os taciturnos.

XIV — (*Kawaiko ni wa, tabi sasé*) «Faze correr mundo ao filho que estimas.» — Ajuntarei: para que complete a sua educação, pela experiencia das coisas e dos homens.

XV — (*Yomé, tômé, kasa no uchi*) «Pela escuridão da noite, a longa distancia, meio-occulta por um chapéo de chuva.» — Três circumstancias em que a mulher feia pode parecer bonita. Nós temos um proverbio, de certo modo equivalente: — «De noite, todos os gatos são pardos.»

XVI — (*Tatêita, mizu*) «Vasar agua sobre uma taboa a prumo.» — Inutilidade de um esforço disparatado.

XVII — (*Rengi dé, harakiru*) «Querem abrir-se o ventre com uma mão de gral.» — Ainda a inutilidade de um intento, pela má escolha dos meios. No antigo Japão, era frequente o suicidio do *karakiri*, abrindo-se o paciente o ventre; o sabre era o instrumento indicado; uma mão de gral seria, convém, o utensilio menos proprio.

XVIII — (*Sudé no furi awasé mo taseu no en*) «Mesmo o roçar passageiro de duas mangas que se encontram é o resultado de uma ligação contrahida n'uma anterior existencia.» — Proverbio amoroso, explicando os phenomenos de sympathia por attracções mysteriosas, de vidas passadas.

XIX — (*Tsuki yo ni, kama nuku*) «A luz do luar, pode ser roubada a panella.» — Aconselha a ser cauteloso em tudo e sempre, pois a mais simples circumstancia furtiva pode ser causa de graves dissabores.

XX — (*Neko ni goban*) «Offerecer moedas de ouro a um gato.» — Corresponde ao nosso: — «Manteiga em nariz de cão.»

XXI — (*Nasu toki no Enuma gao*) «Em occasião de pagar dividas... cara do rei dos infernos.» — Não tereis observado, em taes occasiões, muitos maus pagadores revestirem-se de estranha arrogancia, no intuito de intimidarem os crédores?...

XXII — (*Rai nen no koto iu to, oni warau*) «Quando se fala em projectos para o anno que vem, ri-se o diabo.» — São tantas as contingencias que, durante um anno, podem modificar as deliberações tomadas, que, em boa prudencia, nunca se devem tomar a serio.

XXIII — (*Mumá no mimi ni kazé*) «Vento em orelhas de cavallo.» — Indifferença, apathia; o cavallo não se rala com a brisa que lhe assopra as orelhas.

XXIV — (*Uji yori sadachi*) «Mais vale a educação do que um nome illustre de familia.» — Passa sem commentario.

XXV — (*Iwashi no atama mo shinjin kara*) «Até uma cabeça de sardinha pode servir de objecto de culto.» — Deve entender-se por isto que pouco importa o deus que se adora; o que nos salva é a fé.

XXVI — (*Nomi to iwabá, tsuji*) «Se te pedem o escopro, traze tambem o martello.» — Ha coisas que se ligam por uma intima dependencia; quando uma é requerida, bom é que venha logo a outra, para não perder tempo.

XXVII — (*Otako ni oshierare asasé wo wataru*) «A's cabritas do velho, fala a creança de maneira a pretender ensinar-lhe a passar a vau a ribeira.» — O proverbio pode ser interpretado n'um ironico sentido, correspondendo ao nosso: «Os filhos de Coimbra nasceram para ensinar seus paes»; mas póde tambem representar a cooperação efficaz da intelligencia, dirigindo a força ignorante.

XXVIII — (*Kusatte, mo tai*) «Podre, mas sempre pargo.» — O pargo, *tai*, é um peixe de grande estima na mesa japoneza. O proverbio indica que as grandes coisas, como as grandes pessoas, mesmo em completa ruina, guardam vestigios da sua distincção.

XXIX — (*Yami ni, teppô*) «Fazer uso da espingarda, ás escuras.» — Inutilidade de um esforço chimerico.

XXX — (*Makanu tané wa hayenu*) «Semente não semeada não germina.» — Se queres colher beneficios, dá-te ao trabalho de cultivar-os.

XXXI — (*Gei wa mi wo tasukeru*) «As artes sustentam.» — Por outro modo: «Quem

emoção, á compostura do *samurai*, isto é, do guerreiro, que sofre dignamente todas as



AS CARTAS DO MESMO BARALHO DESDE A XVII ATÉ Á XXXII

possue prendas de educação, beneficia d'ellas.»

XXXII — (*Bushi wa kuwanedo taka yôji*) «O *samurai* pode mitigar a fome a palitar-se os dentes.» — Referencia, palpitante de

privações, mesmo a fome, palitando-se os dentes, como se acabasse de jantar como um nababo.

XXXIII — (*Kore ni koriyo dôsaibô*) «Toma cuidado! Lembra-te do bonzo que foi contra

os seus votos!...» A figurinha allegorica representa um bonzo em face de um polvo enorme, em posição ameaçadora, visto provavelmente em sonho. Lembrêmo-nos de que aos bonzos é defezo, pelas suas leis canonicas, o alimento animal. O proverbio faz suppôr que o bonzo petiscou do polvo, e é uma exhortação ao cumprimento do dever.

XXXIV — (*Yen ni, mochi no kawamuku*) «Em casa do rico, até os bolos se descascam.» — Allusão ironica aos cuidados minuciosos de que se rodeiam os abastados.

XXXV — (*Téra kara sato he*) «Do templo para a aldeia.» — O bonzo vae levar um presente aos seus parochianos. Ora, mantendo-se o templo e os bonzos de subscrições e dadas do povo, a corrente de favores deve ser na direcção da aldeia. O conceito estigmatiza um procedimento em contrario da regra, um acto opposto ao costume.

XXXVI — (*Akinai wa ushi no yodare*) «Negocio: cuspinheira de boi.» — O negocio traduz-se por um trabalho continuo, mais ou menos productivo; lembra (aos japonezes) a cuspinheira do boi, continua e mais ou menos abundante, na placida tarefa de ruminar os alimentos. O espectáculo do boi a babar-se suggere a estes asiaticos uma imagem de bom agoiro, na lida serena e constante da existencia, como ella se passa n'esta terra.

XXXVII — (*Saru mo ki kara ochiru*) «Tambem o macaco cahe ás vezes da arvore abaixo.» — Mostrando assim que ainda os mais destros n'um mister podem occasionalmente errar.

XXXVIII — (*Giri to fundoshi*) «O espirito do dever e a cintura interior.» — Expliquêmos o proverbio, que offerece um exemplo curioso do laconismo de certas phrases japonezas. *Fundoshi* é uma cintura interior, á qual poderíamos chamar faixa de pudor, ou antes faixa de limpesa, que o nipponico nunca se esquece de trazer cingida ao corpo. Isto, na ordem material; na ordem moral, o cavalheirismo japonéz compara o sentimento do dever, *giri*, a tal artigo; eis pois as duas coisas que devem estar sempre connosco.

XXXIX — (*Yúrei no hama kazé*) «Cumprimentos do vento da costa.» — Junto á costa, em tempo de vendaval, tudo se curva e nos sauda: arvores, mastros, etc. Mas é a

saudação dos elementos revoltos, devastadores; o que lembra de certo modo o nosso proverbio «Lagrimas de crocodilo.»

XL — (*Mekura no kaki no zoki*) «Um cego a espreitar por cima de um muro.» — Inutilidade de um vão intento.

XLI — (*Mi wa mi dé tôru*) «Cada qual passa a vida a seu contento.»

XLII — (*Shiwambô no kaki no tané*) «O caroço do pecego nas mãos do avaro.» — O patusco acabou de engulir o saboroso fructo; e queda-se perplexo, não se resolvendo a deitar fóra o caroço, elle, que tudo guarda.

XLIII — (*En no shita no mai*) «Pôr-se a dançar debaixo da escada.» — Não será vista a dançarina e não receberá os applausos que merecer. Inconvenientes da extrema modestia.

XLIV — (*Hizagashirá dé Yedo yuki*) «A andar de joelhos, se pode chegar a Yedo (Tokyo).» — Com boa vontade, vencem-se as maiores difficuldades.

XLV — (*Mochi wa, mochiya*) «Em assumpto de bolos, consulte-se o confeiteiro.» — Cada qual para a sua especialidade.

XLVI — (*Senchidé, manju*) «Comer bolos na...» — Não me atrevo a completar a phrase. A figurinha do baralho talvez possa elucidar completamente os curiosos. O proverbio allude ao facto de que todos os disparates são possiveis, quando a gente não sabe reprimir os seus desejos.

XLVII — (*Suzumé hyaku made odori wasurenu*) «O pardal, até aos cem annos, não esquece o habito de pular.» — Referencia á persistencia dos nossos dotes ou habitos pessoaes.

XLVIII — (*Kyô ni inaka ari*) «Na cidade, tambem está a aldeia.» — Basta visitar-lhe os bairros humildes, as ruas afastadas do centro para que esta verdade se revéle. Aviso áquelles que se deslumbram com as apparencias faustuosas, escapando-lhes todavia o reverso da medalha.

Agora impõe-se-me o cuidado de criticar ligeiramente estes quarenta e oito mandamentos da primeira moral escripta que penetra, á força de brinquedos e ao som de gargalhadas, nos cerebrosinhos de seis an-

nos, de sete annos, dos garotitos japonezes que encontramos pelas ruas.

Uma observação occorre logo: — a moral

planeta, com ligeiras modificações, superficiaes, filhas do meio e, tambem, filhas do tempo. E que a moral dos homens é uma



AS ULTIMAS DEZESEIS CARTAS DO MESMO BARALHO

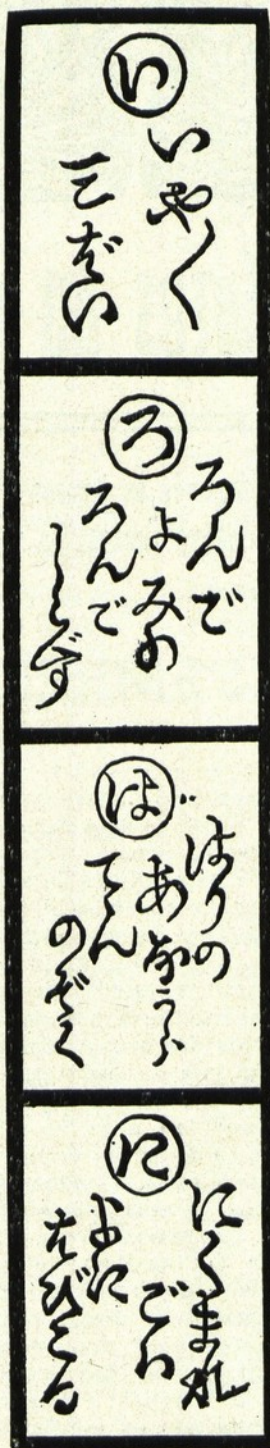
dos japonezes pouco differe, se differe da moral dos loiros. — A mesma intuição do bem, a mesma intuição do mal, são communs a estes e áquelles, como a todos os povos do

unica, como uma unica é a moral dos tigres, como uma unica é a moral das pulgas; sendo a moral, antes de tudo, uma arma de defeza de individuo para individuo.

dentro dos limites da especie; e differençando-se tanto um japonês de um europeu, no fim de contas, como uma pulga de Yokohama de uma pulga de Távira.

Seguidamente, observa-se que em quasi todos estes quarenta e oito proverbios que citei transparece a influencia buddhista, a influencia dos bonzos, pacientes e methodicos philosophos; sendo poucos os conceitos de pura inspiração do Shintóismo, a religião primitiva, que é antes um código, inédito, de brios guerreiros e de patrióticos preceitos. O Buddhismo, sem modificar profundamente o cavalheirismo nacional, veio trazer á tribu guerreira uma doutrina de tranquillidade e de familia, fez do soldado um cidadão; reclamando dos homens, não já a destresa do braço armado e a coragem e a arrogancia nas acções, mas a cultura das qualidades intellectuaes e a disciplina dos impulsos, indispensaveis a uma sociedade civil avançada em progressos, vivendo dos campos e da industria. O proverbio é pois,

Kobe — Setembro de 1907.



AS PRIMEIRAS QUATRO CARTAS DO SEGUNDO BARALHO COM A LETRA CORRESPONDENTE DOS PROVERBIOS.

como synthese de moral, entre mil manifestações, uma manifestação essencialmente buddhista.

A idéa dominante, n'estas maximas avulsas, accusa-se pelo ridiculo lançado aos esforços chimericos, á apathia inepta, e pela caricatura do imbecil; maneira indirecta, mas a mais efficaz, de estimular energias proficuas nos animos dos jovens. O Japão condemna os tolos — elle lá tem os seus motivos —. A mais, em cada phrase, advinha-se esse subtil e quasi cynico sorriso, mordente, tão peculiar no asiatico quando atenta nos phenomenos psychicos da vida; sorriso que traduz, não a apreciação espontanea do individuo, que devemos suppôr desprevenido o ingenuo, mas a laboriosissima condensação, durante seculos sem conto, das experiencias da existencia, transmittidas por hereditariedade das gerações ás gerações, n'uma sociedade bem mais antiga nos tempos do que a nossa, bem mais requintada nas emotividades do que a nossa.

WENCESLAU DE MORAES.





Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSIS. — Capítulos I a X: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cúmplices. De noite e acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer ve o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lê-lo. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatório de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperanza de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Prospero de Blondel, ex-policia ao serviço de Cavanagh, declara que a espera vêr durante a procissão do Corpo de Deus. Quando a procissão se dirige para a capital ha uma terrivel explosão, e apenas se dissipa o fumo Paulina Mamavieff, é presa no meio do ajuntamento. A' noite Cavanagh e Ingersoll, disfarçados, visitam uma casa deshabitada, dos bairros Pobres da cidade, onde Dubanac, o auctor do attentado da manhan, e os seus desvairados companheiros são vistos no predio fronteiro. A multidão descobrindo os nihilistas assaltam a casa, e um dos do bando, tentando fugir pela janella, cae á rua. No regresso a Londres Cavanagh pede a Ingersoll para escrever uma serie de artigos para a imprensa acêrca do attentado de Antuerpia. Blondel comunica a noticia que Paulina foi capturada e que está na prisão de Bruges. O seu destino está na mão de Cavanagh, que exerce poderosa influencia na policia, e decide que ella deve ser mandada para a Russia.

XIII

A PRISÃO DE BRUGES

Pensava no destino de Paulina Mamavieff, queria ficar bem elucidado a seu respeito quando sube que devia ir á Belgica

ter uma entrevista com ella. Esta missão foi-me communicada por carta de Waterbeach, exactamente cinco dias depois de visitar os escriptorios de Bertrand & Companhia em Victoria Street. Mr. Cavanagh partira para Huntingdon na noite seguinte ao nosso regresso á cidade, mas eu conti-

nuiei em Carlton Hotel, indo ao escriptorio todos os dias e trabalhando no artigo que o meu chefe tanto desejava que eu escrevesse.

Não contarei quantas vezes, durante aquelles compridos e socegados dias eu pensei na juvenil presa de Bruges e no destino que lhe preparavam. Talvez esses «estranhos e involuntarios pensamentos» de que Byron fala no *Mazzepa*, não se pudessem defender logicamente, nem a *sympathia* se deve arvorar em virtude, mas o facto penetrara até o mais fundo do meu coração e eu acreditava que Paulina Mamavieff estava innocente e não queria abandonar esta convicção sem completa certeza. Em vão Blondel repetia a historia da sua espontanea confissão; ouvia Mr. Cavanagh com indifferença quando me assegurava que não havia duvida acêrca da sua criminalidade. A minha opinião continuava inabalavel. Não fôra ella quem disparara o revólver que matara o pae de Jehan Cavanagh, ou se tal succedera fôra por accidente. Apeguei-me a esta crença com teimosia, e nem todos os logicos do mundo me arrancariam essa persuasão.

Foi n'esse momento que veiu a epístola de Mr. Cavanagh para eu ir a Bruges falar com a joven. — «Desejo immenso remover todas as duvidas do seu espirito — escreveu-me. — Vá a Bruges e procure ali o conde Marcelli no Palacio da Justiça. Fale com Paulina Mamavieff e ouça a sua narrativa. Essa diligencia robustecel-o-ha na coadjuvação que necessito de si. Convencel-o-ha que procedo com equidade fazendo com que os seus compatriotas a punam.»

Recebi a carta na primeira distribuição da manhan, e ás dez mettia-me no expresso de Ostende a caminho de Bruges. Acostumara-me já á vida nomada que Jehan Cavanagh desejava que eu levasse ao seu serviço. Não me lembrei ao momento da partida da pesada responsabilidade que incidia sobre os meus hombros. Cria na innocencia de Paulina Mamavieff e ia a Bruges para que ella me confessasse ser criminosa. Ia perguntar-lhe porque louco sentimento, que calamidade de associação ou idéa a impellira a commetter esse crime e a obrigara a declarar cynicamente ao mundo que o perpetrara. Parecia-me impossivel conseguir qualquer coisa em seu favor, e seria estrangido a participar a Mr. Cavanagh:

«Andou bem: a lei do seu paiz que a julgue.» Eram alternativas que nenhum argumento arredava de mim. Ia destruir o meu ideal acêrca da sua juventude, e destrui-o voluntariamente.

A travessia até Ostende foi trabalhosa; O canal revolvía-se em vagalhões altissimos ainda para além de Goodwins. A viagem, pelo que me diz respeito, não apresentou nada de memoravel, a não ser as agourentas considerações de um apprehensivo individuo, de capa azul, que aproveitou quantas oportunidades se lhe depararam para me affirmar que, com tal tempo, era impossivel que o navio não naufragasse e que não morressemos todos afogados. O mais maçador, obstinado e desagradavel companheiro de jornada que tenho encontrado. Em Ostende fui obrigado a gratificar um empregado para conseguir que elle não se mettesse na minha carruagem e, quando me apiei em Bruges, esse barbudo filho de qualquer nação desconhecida, foi a primeira pessoa que se me dirigiu.

— Vae para o Hotel de Londres? — perguntou-me do lado.

— Vou para qualquer hotel para onde o senhor não vá — respondi-lhe, porque era tempo de ser rude.

— Ah! — redarguiu — os inglezes são pouco sociaveis.

Fiquei satisfeito de o vêr retirar-se cabisbaixo ante aquella explosão que a minha antipathia me inspirara,

Dez minutos depois, o meu trem parava á porta do hotel de Flandres e dentro de uma hora entrava no Palacio de Justiça e perguntava pelo conde Marcelli. Ah! um homem baixo, com uma comprida espada, informou-me que se auzentára e não o encontraria ali até ás onze horas do dia seguinte. O unico remedio era passar o resto do dia o mais distrahido que me fosse possivel nas minhas circunstancias de isolamento. Foi o que fiz sem perda de tempo.

Achava-me em Bruges, na maravilhosa e velha cidade dos condes de Flandres, cortada de canaes em todos os sentidos para me lembrar que não era Veneza, com os seus admiraveis porticos de cathedral a falar de gorgeios e de angelicas hollandesas no interior, com a sua soberba Casa da Camara, com o seu aspecto geral de ser tudo e nada nas azas da fama, essa Bruges

de que todos se orgulham e de que poucos se lembram, esse mercado da Liga Hanseatica, essa frioleira vistosa que corôa a cabeça da Burgundia. Via-se, como eu a vira havia muitos annos, illuminada pela lua cheia, com pesados edificios á moda do Occidente, com uma lugubre e silenciosa população moderna de hombros descachados em contraste com o forte arcabouço da pretérita; considerava-a uma joia da Hollanda três vezes desditosa, pelo passado, pelo presente e pelo futuro.

O meu supremo interesse, confesso, incidia n'um assumpto mais humano. Paulina Mamavieff encontrava-se na cadeia por trás da Casa da Camara e eu não a podia visitar n'esse dia. A reflexão fez-me percorrer as ruas como um cão esfalfado que não acerta com a porta do novo dono. Passei pela prisão vinte vezes e perguntei a mim proprio o que a joven estaria fazendo, quaes seriam as suas esperanças e receios, os seus secretos pensamentos n'aquellas solitarias horas em que ninguem lh'os podia espiar, quando só a noite era sua confidente. Reflexões romanticas, dirão! Talvez. Mas não duraram muito, porque alguém me bateu no hombro quando eu passava pela prisão pela decima vez, era o homem das barbas, do vapor, que insistia para que eu o attendesse.

— Boa tarde; anda a tomar ar?

Medi o sujeito de cima abaixo com seve-

ridade, e vi-o curvar-se ante o meu olhar. Tão de relance quanto eu o examinei afigurava-se-me um inconfundivel nativo da Palestina que desejasse vender-me um anel de brilhantes. Mas não era um bebreu necessitado, o seu vestuario denotava apuro e trazia uma corrente de relógio da grossura de uma amarra de navio. Não fa-

zia a menor idéa do motivo porque me perseguia com as suas attentões. Se affirmasse que suspeitava d'elle escreveria um absurdo.

— Deve ter percebido que sou da opinião dos meus compatriotas e que tomo o que me convém. E' isso que deseja saber?

Deu um passo mais, atrás de mim, como um mendigo que tem cinco filhos esfomeados e apenas uma caixa de fosforos para vender para lhes dar de comer.

— Conheço Bruges; muito

bem — declarou. — Se deseja visitar algum logar, os sitios que os ingleses gostam de visitar, mas que não sabem onde são. . .

— Olhe lá, — ameacei eu — se continuar a seguir-me dou-lhe dois pontapés!

— Mas o senhor precisa visitar as curiosidades da cidade.

— Já estou vendo uma. Mas que é? Que quer de mim?

Chegávamos então a um sitio escuro da rua, e, com grande pasmo meu, o agil velho, agarrou-me no braço quando eu continuava a andar e principiou a murmurar ao meu



— SALVE A VIDA DE PAULINA MAMAVIEFF

ouvido, quasi como se eu fôra seu correligionario:

— Salve a vida de Paulina Mamavieff, pode conseguil-o. Sei o motivo porque está aqui. Não acredite Blondel, é pago pelos governos e não terá dó. Salve a vida de mademoiselle Paulina. Reconheço que não é bom que seja eu quem faça o pedido; acontecer-me-ha como aos meus camaradas... a morte paira por toda a parte, mas piedade para mademoiselle Paulina, não é inimiga dos senhores.

E permaneceu curvado, a tremer, um verdadeiro symbolo da covardia abjecta. Dissera-me tudo isto sem eu proferir uma palavra, sem me deixar falar. N'esse momento aproximou-se um policia, elle então voltou as costas e desapareceu instantaneamente.

— Conhece aquelle homem? — perguntei eu ao agente de segurança publica no melhor francez que pude empregar.

Não me comprehendeu e regressei ao hotel fundamente surprehendido.

Sabia-se, não havia duvida, que eu partira de Inglaterra para visitar Paulina Mamavieff na cadeia de Bruges. Estavam informados, ou suppunham-n'o estar, de que fôra Blondel quem me enviara. Convenci-me immediatamente que o perigo que corria Blondel com esta descoberta era o mesmo que corria Mr. Cavanagh. Se esses homens tinham surprehendido o segredo devia participar-lhes o caso sem perda de um momento. Foi esta a minha primeira impressão, que modifiquei quando porfim, no meu quarto, reflecti ácerca da inexcedivel previsão de Jehan Cavanagh e da magnitude da organização dos seus postos avançados, embora não conhecesse nada do seu activo e disciplinado exercito, Era lá possivel que tal homem confiasse a sua vida ás mãos do primeiro judeu que o acaso me deparrára no convés d'um vapor? A idéa era insensata; não a podia discutir um momento.

Assente este raciocinio, tranquilizei-me. Quando, porém, me deitei naquella noite, acudiu-me pela primeira vez o pensamento da importante parte que tomava no gigantesco drama que se representava nas cidades da Europa, n'esse tremendo instante, e na sua universal significação. Era uma guerra, como eu imaginára ser, uma guerra travada

em segredo, como nunca o universo contemplára.

Quem me affirmava, entretanto, que tudo isso não passava de uma infantil e talvez futil supposição? Deitei-me e sonhei que libertara Paulina Mamavieff e que atravessava a Europa com ella, em busca de um refugio seguro.

XIV

A ENCARCERADA

Dirigi-me cedo ao Palacio da Justiça na manhan seguinte, onde me esperava já o conde Marcelli. Um homem de pequena estatura, de gestos vivos e animado ao mais alto ponto na conversação. Recebeu-me com uma cortezia puramente franceza e uma affabilidade que me captivou a mim, inglez dos quatro costados. Na verdade, não estava ainda havia dois minutos no seu gabinete, quando eu reconheci que sabia por dentro e por fora quem eu era.

— Mr. Ingersoll, não é? Sim, não pode ser outro. Bastou-me olhar-lhe para o rosto para me convencer que estava falando com um amigo do meu amigo. Passou bem a noite, dormiu com socego, achou o hotel commodo? Folgo e apresento-lhe as minhas desculpas por me ter ausentado hontem. Rogo-lhe o favor de me dizer immediatamente o que deseja de mim? O amigo do meu amigo, encontra-me, creia, absolutamente ao seu serviço.

Pegou n'uma cadeira, offereceu-m'a e accendeu um cigarro que fizera.

— Mr. Cavanagh escreveu-lhe ácerca da minha visita, conde?

— Não escreveu; quando é que Jehan Cavanagh escreve? Não, não, é coisa que não faz. O meu amigo Blondel, ... conhece Blondel? Bem, mandou-me um telegramma, para que me puzesse ao seu dispôr; e aqui estou, meu caro senhor, prompto a receber as suas ordens. Conhece Bruges, talvez?

— Como os viajantes dos sete dias da casa Cook conhecem. Permitta que lhe declare sem mais formalidades que Mr. Cavanagh deseja que eu visite um joven circassiana que se encontra na cadeia d'aqui; chamam-lhe circassianna, embora eu creia que seja de nacionalidade franceza... Uma tal Paulina Mamavieff.

— Uma nihilista ?

— Exactamente, conde. Desejo vel-a a sós, se fôr tão amavel que o consinta.

Respondeu-me pondo-se de pé e declarando que nada era mais facil n'este mundo.

— Vel-a-ha immediatamente — disse — conjecturava isso quando ouvi mencionar o nome de Mr. Cavanagh. Sabemos o muito natural interesse que toma por essa gente; sinto um grande prazer em o auxiliar; o que não farei eu por Jehan Cavanagh! Lembra-se, certamente, da extrema sympathia que manifestou pelo meu governo nas recentes medidas ácerca da emigração para Quebec. Na Belgica basta que abra a boca, não precisa mais... mas aqui está o capitão Richard, que o acompanhará. Os meus cumprimentos, senhor; vae vêr uma linda rapariga, asseguro-lh'ó. Se adquirisse a certeza que não trazia polvora nas algibeiras, ha muito tempo que lhe faria a córte. Mas affirmam-me que é um monstro... e, meu caro senhor, não se galanteia quando corremos o risco de ir pelos ares como as machinas de voar do nosso amigo Santos Dumont. Cautella com mademoiselle. Recorde-se que a hão de açoutar na Russia antes de murcharem as rosas.

Parecia admiravelmente humorado, era um gracejo frívolo de quem não pensou no assumpto. O capitão Richard, governador militar da prisão, era uma individualidade diversa, vagaroso, laconico, reticente. Parece-me que não proferiu uma palavra enquanto atravessou o pateo por trás do Palacio da Justiça e me conduziu á porta da cellula, na qual Paulina Mamavieff esperava a sua sentença de deportação. Ahi, fez-me uma pergunta que me deixou embaraçado para lhe responder categoricamente.

— Quanto tempo deseja o senhor demorar-se com a prêsa ?

— Não sei, capitão...

— Pois bem, dar-lhe-hei quinze minutos.

Abriu a porta ao pronunciar esta phrase e indicou-me uma grande cellula de pedra de uma velha prisão, um amplo recinto construido abaixo do nivel do pateo, mas bem arejado e illuminado com candieiros de gaz, collocados no alto das paredes. Durante um instante a mudança da luz brilhante do sol do pateo para esta luz artificial da cellula cegou-me a vista e

deixou-me um tanto confuso, mas essa cegueira desapareceu n'um instante, e vi então que o recinto media uns quinze pés quadrados, que tinha as paredes n'úas com excepção de um crucifixo e que a sua mobilia consistia apenas em duas cadeiras, uma mesa e um leito. Sobre a mesa um pucaro de folha e algumas codeas de pão falavam de almoço; a cama fôra despojada da roupa; ao lado do pucaro divisava-se um livro e a pequena mão de Paulina Mamavieff pousava em cima d'elle.

Vira-a, recordo-me, uma vez antes na Praça Verde, em Antuerpia, na manhan da tragedia. Aqui, na cellula, a minha primeira impressão ácerca da sua belleza era que soffrera um pouco com a reclusão, mas isto foi um relampago, e voltei ao meu primitivo parecer de que o retrato ficava áquem da realidade, principalmente no que se relacionava com os seus maravilhosos olhos, para mim inegalaveis. Mesmo ahi, na penumbra da cellula, tinha a convicção que penetravam até o mais fundo do meu ser. Cada passo para ella era um novo convite a glorifical-os, os admiraveis olhos da formosa encarcerada de Bruges.

Assim não posso dizer nada do seu traje e pouco da sua altura, do seu semblante, do seu gesto, das suas attitudes; não vi deante de mim mais que uma joven, com o cabelo castanho cahido pelos hombros, com dois labios muito vermelhos, com admiraveis turquezas a enfeitarem-lhe os ouvidos.

Um anel de rubis, mettido no annelar da mão esquerda, despedia feixes de luz e brincava com elles. Creio que o seu vestido era negro, mas nem isso posso afiançar. Os seus olhos impediam que eu reparasse em qualquer outra coisa. Vergonha é confessal-o, mas não despregava a minha vista d'elles.

— Mademoiselle Mamavieff — disse eu em inglez; Mr. Cavanagh informara-me que ella falava a nossa lingua, — dá-me licença que converse comsigo um pouco ?

Não se moveu d'onde estava, nem sequer levantou a mão de cima do livro.

— E' inglez ? — respondeu.

la jurar que proferira essa palavra com satisfação.

— Um inglez que anceia por lhe ser agradavel, se puder.

— Ser-me agradavel! Oh, não, não ha

ninguem em Bruges que anceie por me ser agradável.

— Convencel-a-hei do contrario, se me quizer ouvir, tenho a certeza.

— Mas quem é o senhor? Porque se interessa por mim.

— Sou um inglez — retorqui — a quem muito interessa o seu caso... por uma simples razão... porque acredita que esteja innocente...

— Innocente de quê?...

— De ter matado com um tiro de revólver o pae do homem que me mandou aqui.

— Vem então da parte de Jehan Cavanagh?

— Exactamente.

Principiou a tremer ao ouvir estas palavras, apesar de toda a sua força de vontade. Acudiu-me de subito ao espirito que não devia ter citado o nome do meu chefe, afim de lhe poupar esse abjecto sentimento de humilhação que a dominou ao ouvil-o.

— Mademoiselle — accrescentei apressadamente — sou seu amigo, a despeito da da convicção de Mr. Cavanagh. Vim aqui para provar que está innocente.

— Não é assim — respondeu com o mesmo socego — veiu aqui porque a policia o mandou.

— Não acredite isso, mademoiselle, olhe para os meus olhos e insista, se é capaz.

Tentou fazel-o, mas as lagrimas brotaram d'onde eu só vira coragem e resolução quando entrei na cellula.

— Não cré isso, mademoiselle, não m'o pode dizer cara a cara...

— E se não pudesse?

— Conversariamos então.

Não me respondeu immediatamente, occultou o seu oval e infantil rosto com o braço nú e conservou-se assim durante alguns minutos sem proferir uma palavra. Quando me tornou a fitar, um meio sorriso substituiu as lagrimas e lembrou-se que eu continuava de pé.

— Porque não se assenta; as cadeiras da prisão não são commodas, mas faça favor de se assentar. Estou prompta a ser interrogada. Teem-me feito muitas perguntas desde que vim para aqui ha alguns dias.

— Mas não a pergunta que lhe vou fazer?

— Ouvil-o-hei primeiro e depois talvez lhe responda.

— Como se chama o homem que matou o pae do meu amigo em Baku?

Fitou-me bem de frente e sem córar; sem se defender, sem produzir nenhum argumento, com o maior socego e simplicidade, retorquiu:

— Fui eu que o matei.

— A senhora! Que mal lhe fizera?

— Era amigo do general que mandou açoutar meu pae até morrer.

— E desfechou sobre esse homem por vingança... porque era seu amigo?

— Exactamente porque era seu amigo.

— Imagina que eu acredito n'essa historia?

— Porque não ha de acreditar? — perguntou com vivacidade.

— Porque, mademoiselle... não acredito.

Riu a estas palavras, mas reprimiu-se subitamente.

— Que motivo tinha eu para lhe mentir?

— Porque deseja que eu repita isso a Mr. Cavanagh.

— E' perspicaz... quer dizer-me o seu nome?

— O meu nome é Bruce Ingersoll.

— Bruce... Bruce... Gosto d'elle. Lembrar-me-hei do nome de Bruce Ingersoll quando regressar á Russia.

— Sabe que vae para a Russia?

— Disse-m'o hontem o conde Marcelli.

— Para ser julgada ali por esse crime.

— Para morrer ali como meu pae e minha mãe morreram.

— Minha pobre menina, tinha esquecido que... ou melhor não me informaram que seu pae morrera.

— Porque é que se deveria recordar d'isso, Mr. Ingersoll?

— Porque é impossivel que eu a esqueça, mademoiselle Paulina.

— A mim; oh, não, não, não. Não diga semelhante coisa. O senhor pertence á policia. Ha de ir ter com elles e communicar-lhe: «Ella disse-me isto e aquillo, e aqui estão os nomes dos seus amigos para Mr. Cavanagh se lembrar». Já vieram muitos outros antes do senhor. A justiça faz muitas perguntas, Mr. Ingersoll, e ouve muitas mentiras. Não lhes respondi nada e não sabem o que hão de fazer de mim. Na Russia açoutam as creaturas até que profiram as falsidades que elles pretendem obter e julgam cumprir assim a lei, sem a qual o mundo

acabaria. Oh, deixe-me declarar-lhe que penso de maneira contraria, que a lei dos homens é odiosa á lei de Deus; que no futuro não haverá outra lei que não seja a da alma humana contemplando a luz. Sim, sim, é esta a minha fé. Não temo a morte, Mr. Ingersoll, e receio a vida.

Escutei-a e os meus ouvidos zumbiam quando ella falava. Ahi, n'esse instante, a joven transformara-se... Não era uma creança, mas uma mulher patenteando a sua alma n'uma profissão de fé, intrépida e ousada, não conhecendo nada do mal ou do bem, do crime ou da innocencia, confiando apenas no supremo consólo da sua creança.

— Mademoiselle — argumentei eu com toda a calma — se não houvesse lei, Paulina Mamavieff não soffreria pelo crime de outra pessoa.

— Nunca o hei de convencer, Mr. Ingersoll?

— Nunca me convencerá, mademoiselle.

— Porque é que duvida de mim?

— A verdade transparece nos seus olhos; a absoluta convicção que é toda bondade, gentileza e amor.

— Ninguem me falou assim até agora.

— Espero falar-lhe da mesma maneira em dias futuros.

— O senhor? Mas nunca me viu. Parto para a Russia d'aqui a alguns dias. Disse-m'o o conde Marcelli esta manhan. Porque está tão convencido que ainda me tornará a vêr?

— Porque estou resolvido a que isso succeda, e quando alguém se resolve em circumstancias semelhantes, em geral consegue o que anhela. A vontade é uma grande força.

— Não — retorquiu Paulina com firmeza — a sua resolução não o auxiliará agora, Mr. Ingersoll. Demais eu desejo ir.

— Sabendo o que elles lhe farão ali?

— Vi ali açoutar meu pae — accrescentou, e o seu rosto perdeu n'um instante todas as côres e em volta dos seus maravilhosos olhos cavaram-se fundas olheiras.

Pelo meu lado não tinha mais nada que tratar ahi. Não sabia como persuadil-a ou como obrigar-a; no entanto ainda fiz uma pergunta.

— Acredita realmente que eu venha da parte da policia, mademoiselle Paulina?

Riu-se nas minhas bochechas.

— Se pertencesse á policia tinha-me offerecido chocolate — declarou; — costumam trazer-m'o, mas ha uma semana que não como nem um bocadinho.

— Desappareceu todo?

— Todo com quanto me presentearam.

— Amanhan quando vier conte com elle, se promette mudar de opinião a meu respeito.

— Tental-o-hei — declarou, no tom infantil com que o diria uma creança, com um sorriso nos labios, com o fulgor da juventude no olhar.

O momento não poderia ser mais azado, se o pudesse ter aproveitado, mas não pude. O laconico capitão appareceu na cellula quando ambos riamos, e declarou-me que já excedera o praso.

— Adeus, mademoiselle, até ámanhan,

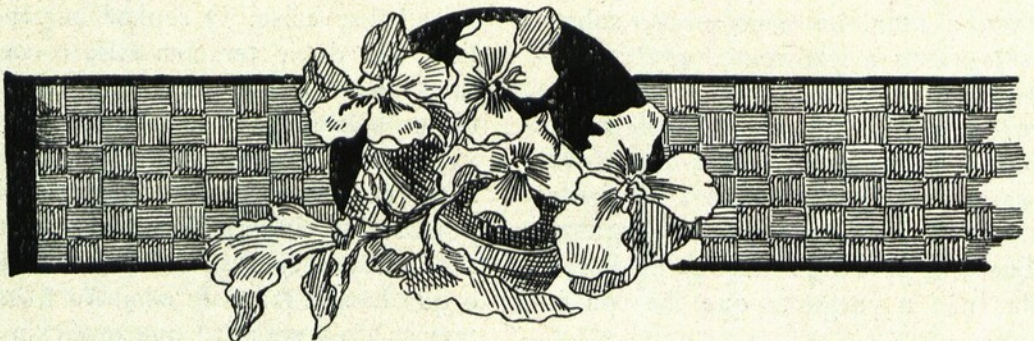
— Ou até nunca mais — replicou.

Eu sahi.

Redopiava-me no cerebro uma alluvião de pensamentos.

(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.





A Feira d'Agosto

INAUGUROU-SE ultimamente a Feira de Agosto. Li a noticia n'um jornal da manhã e á tarde encaminhei-me para lá. Desde creança que eu não frequentava uma diversão d'este genero; e sentia uma viva curiosidade de saber o que seria a feira actual, transportando-me pela imaginação vinte annos atraz, ás Amoreiras e Belem, e revendo ali os espectaculos que encantaram a minha meninice.

Ha quanto tempo disse eu? Vinte annos? E' possivel que já tenham decorrido vinte annos?! Como o tempo passa! Como rapidamente se envelhece!... Vinte annos!

A feira de Belem eram os meus encantos. Que difficuldades venci para lá ir! E todas as manhas e recursos infantis me perpassaram pela vista com saudade. N'estas e n'outras identicas meditações, cheguei á Rotunda. Alguns passos á minha frente caminhava um homem idoso, apoiado ao braço de uma gentil rapariga que suppuz sua filha ou talvez neta. A sua conversa attrahiu-me e, esquecida de mim, passei a escutal-os.

— Fiz-te a vontade. Cá estamos na Feira de Agosto. Mas, bem vês... não valia a pena incommodarmo-nos tanto para vêr isto.

— Então não é tão bonita, tão vistosa?

— Vistosa?! Que dirias se visses as feiras do meu tempo.

Penso exactamente como elle. Decididamente estou velha, reflecti com pezar, sentindo por mim o maior dó.

A rapariga perguntava sem curiosidade, por falar apenas:

— Eram então muito bonitas?

— Comparam-se lá! Isto chega a fazer-me tristeza, disse com mal encoberto desdem. No Campo Grande! No Campo Grande é que era a melhor feira. Um mercado bem fornecido, em que havia tudo: vastos arruamentos com lojas de ourives, de louceiros, de algibebees, de fancaria, de mercadores de linho que vinham expressamente do Minho e Traz-os-Montes, de queijeiros da Serra da Estrella e do Alemtejo, de cutileiros de



ADEGA DA FIGUEIRA

Santarem; e muito gado, muita criação... Havia de tudo. E não imagines que faltavam divertimentos. Não, senhora, havia talvez mais distrações que hoje: panoramas vistosos, figuras de cêra perfeitissimas...

— Isso agora é demais, interrompeu sorrindo a joven interlocutora; lá pela feira, como mercado, dou que assim fôsse: é mesmo natural. Os mercados não estavam fornecidos como hoje, as communicações e transportes eram mais difficeis... parece portanto verosimil que o povo se abastecesse na feira de quanto annualmente carecia.

— Era então necessidade, concordou o velho

— Mas dizer-me que os divertimentos de então, eram mais variados que os de hoje, passa tudo que é possível crêr.

— Pois não creias, se te apraz, mas era assim.

— N'esse tempo não havia animatographos, ainda ninguem falára em phonographos...

— E então isso que tem com a variedade de diversões? Olha

para esta rua; é a principal; quasi tudo barracas de comidas!

— Mas deve concordar que algumas são feitas com muito gosto.

O velho encolheu os hombros, desdenhoso e continuou:

— O tiro, as argollinhas, o *carroussel*, barracas com sortes, tudo isso havia no meu tempo; mas havia a mais os ursos, as giganas que liam a *buena dicha*, os gigantes, os liliputianos, crimes e quadros celebres representados em cêra, exposições anatomicas, e todo aquelle aparato, aquelle recheio abundante e variado que era um gosto vêr. Ninguem agora vem comprar á feira as bilhas de Extremoz.

E a sua voz trahia uma vaga saudade ao

dizer isto. A rapariga sentindo-o, tentou mudar de conversa:

— Ora repare n'este barco. Diga lá que não é uma idéa graciosa.

— Sim, não está feio, mas as caldeiradas não nos sabiam peor, cosinhadas em barracas de quatro estacas, forradas de chita de ramagens vermelha.

— E isto? Isto é novidade. A «Grande Roda de Lisboa» não existia na sua mocidade.

— Não, porque não havia parvos que quizessem andar de balde.

A rapariga soltou uma franca gargalhada perguntando:

— E' *calembourg*?

— Não tive essa intenção; simplesmente acaso.

— E se eu lhe pedisse para fazer de parvo uma vez só?

— Faria, para te agradecer.

— Então vamos. Tenho tanta vontade de experimentar...

— Creancece!...

Não estando disposta a seguir-os voltei n'outra direcção.



VACCARIA FLANDRES

Deparou-se-me uma «Escola de tiro», deante da qual varios grupos estacionavam. Approximei-me d'um, formado por três garotos que discutiam:

— Já te disse, clamava o mais pequeno, É peta.

— Mas não é, tornava, teimoso, o mais velho.

— Vae-se vêr, vae-se vêr, exclamou com ares importantes o terceiro, mettendo as mãos nos bolsos das calças. Eu já decido a questão: se é verdade, aposta.

— Pois aposto, ahí está um vintem.

O mais pequeno parecia satisfeito, mas o que se arvorára em arbitro, retorquiu-lhe ironico:

— Pois não! Então pensas que nos convences com um vintem?! Todo.

— Todo, todo é que é, bradou o mais pequeno puxando ao seu logar os calções que teimavam em escorregar.

Um homem, grosso e espadaudo, typo de operario, chegou-se ao grupo, e, sem ser visto, escutou com interesse. Percebi que, se não eram todas, alguma das creanças lhe pertencia.

— E porque não? tornou o primeiro, al-tivo. Ahi está. Aposto tudo.

E tirando d'um sujo saquinho 80 réis, estendeu-os ao companheiro com ar victo-rioso.

— Agora acredito. Mas, já que estás de boa fé, se deres no alvo ficas com todo o nosso dinheiro.

E sorriu malicioso.

— Então, rapazes, chorem por elle.

Metteu a arma á cara e longamente firmou a pontaria; o tiro partiu, mas o alvo não foi alcançado. O rapaz fez-se muito pallido, mordeu os beiços e disse simplesmente:

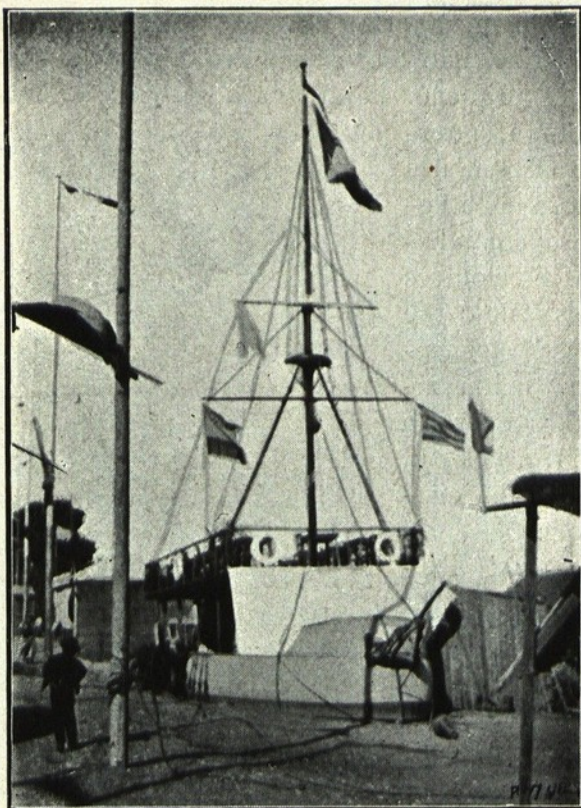
— Perdi.

Havia qualquer coisa de tragico n'aquella commoção contida.

— Então sempre eu tinha razão, disse o mais pequeno, saltando ora n'um pé, ora n'outro.

— E' a primeira vez que me falha, pala-vra.

Os outros soltaram uma risada prolongada



BARRACA DAS CALDEIRADAS

entreolharam-se e, depois de muda consulta, o que ficara com o dinheiro estendeu-lh'o ge-neroso.

— Bem, pagas depois, para não ficares sem nada.

— Pois sim...

E ia a metter o dinheiro no bol-so, já recobrado da magoa, quan-do o operario, que presencava a scena, lhe segurou a mão.

— Então tu guardas o dinheiro depois de o teres perdido, ca-chorro?

— E' que... balbucion o garo-to, fazendo-se vermelho até ás orelhas.

— Ah! querias experimentar a sorte e não lhe soffrer os aca-sos!... Paga, anda, que as divi-das de jogo pagam-se logo.

— Eu não queria; elles é que...

— Cala-te: tem ao menos ver-gonha. Es mais velho do que elles, tanto basta para que a culpa seja tua.

O pequeno entregou 40 réis a cada um com ar lastimoso. Os ou-tros receberam o dinheiro confu-sos e de cabeça baixa.



BARRACA RESTAURANT

— Bem, agora vae para casa. Não tens dinheiro, não tens que fazer aqui.

O pequeno, habituado a obedecer, affastou-se, rompendo n'um choro impetuoso e convulsivo. E os outros dois, que o pae levava comsigo, imitaram-n'o. O operario sorriu, hesitou, e por fim chamou:

— O' Pedro?!

O pequeno voltou. E o pae, dirigindo-se aos outros, concluiu:

— Se teem tanto desgosto dêem o dinheiro ao seu irmão.

Os pequenos, com a mesma pressa com que começaram a chorar, limpavam os olhos ás mangas dos jalecos e estenderam promptamente as moedas de cobre.

— Vá. D'esta vez ficamos por aqui. Porque não me esperaram á entrada?

— O pae tinha dito que só vinha ás oito e meia, responderam os três em côro.

E affastaram-se tagarellando sorridentes, e ainda de olhos vermelhos. Minutos depois, sentados á uma mesa ao ar livre, riam como doidos, enquanto o pae, alegre como elles, batia as palmas gritando:

— Quatro faturas.

Os cosinheiros não tinham mãos a medir: lançavam a farinha e

os ovos nas frigideiras, remechiam com a colher e as appeteciveis fritadas, cobertas de assucar e canella, eram rapidamente collo-

cadadas deante dos freguezes que as devoravam n'um momento, pedindo mais. Os pequenos, cubichosos, esperavam-n'as ansiosamente agitando com impaciencia os pés no ar.

Tendo notado que o nosso povo conserva o seu tradicional bom appetite, segui para uma barraca de sortes. Era o «Vintem das Escólas», pobre tambem de ornamentação e

gosto, mas embelezada pela sublime idéa da caridade.

Vendedores ambulantes de agua fresca, moinhos de papelão e pennas, bolos e ventarolas, interceptavam de longe em longe o transito. Comecei então a reparar no aspecto geral da feira. Nos arruamentos, areados e espaçosos, notei que algumas das barracas, pelo seu cunho original, mereciam as honras da photographia; são as que illustram este artigo. E' pena que as que se distinguem sejam quasi todas de comidas.

Na vaccaria de Flandres tomava-se neve, leite gelado e bolos, e no Cine-Pa-



CABEÇA DE TOURO



A GRANDE RODA DE LISBOA

lais uma variedade de quadros animados fazia as delicias do publico. A' entrada, vargasosa pelo muito povo que á porta se accumulava, um rapaz com pretensões a elegante curvava-se ao ouvido d'uma mulher loira e baixa, e murmurava muito distinctamente:

— Então a resposta á carta que hontem lhe dei no lenço?

E ella, tremula e atrapalhada, mettia-lhe a furto um papel na mão: a velhissima historia. Para estes, a Feira de Agosto será eternamente memoravel.

Quando passei deante d'uma barraca de jogo de argollas, a dona gritava furiosa que os rapazes tinham jogado e fugido sem pagar.

N'um grupo de homens que o seu desespero divertia, uma voz disse rindo:

-- O mesmo que o João Franco. Fez as partidas e ainda as não pagou.

— Não é tarde ainda, respondeu outra.

Até aqui chega a politica, pensei eu.

Parei ainda em frente de varios estabelecimentos, mas sem entrar. A minha idéa a respeito da feira estava formada. Ao metter-me no carro tive a sorte de me sentar junto do velho e da rapariga que eu seguira.

— Que bonito! dizia a rapariga, voltando-se para vêr, não sei se a feira, se os olhos ne-



GRUTA DOS RABANETES

gros d'um passageiro que a fitavam com insistencia. Olhe, avó, que lindo effeito faz a illuminação.

— Sim, sim, murmurou o velho sem voltar a cabeça. Parece-me que deves estar satisfeita de feira.

— Não, estou, não. Queria ir vêr a revista, tornou a rapariga com ligeiro amuo.

— Pois, minha filha, commigo não voltas cá. Tenho feira para toda a minha vida, exclamou o velho com desafogo. Que sécca!

— Não diga isso, avó; é um encanto.

Elle encolheu os hombros n'um gesto significativo.

Quando cheguei a casa os meus rapazes perguntaram-me:

— Então, minha mãe, e a feira?

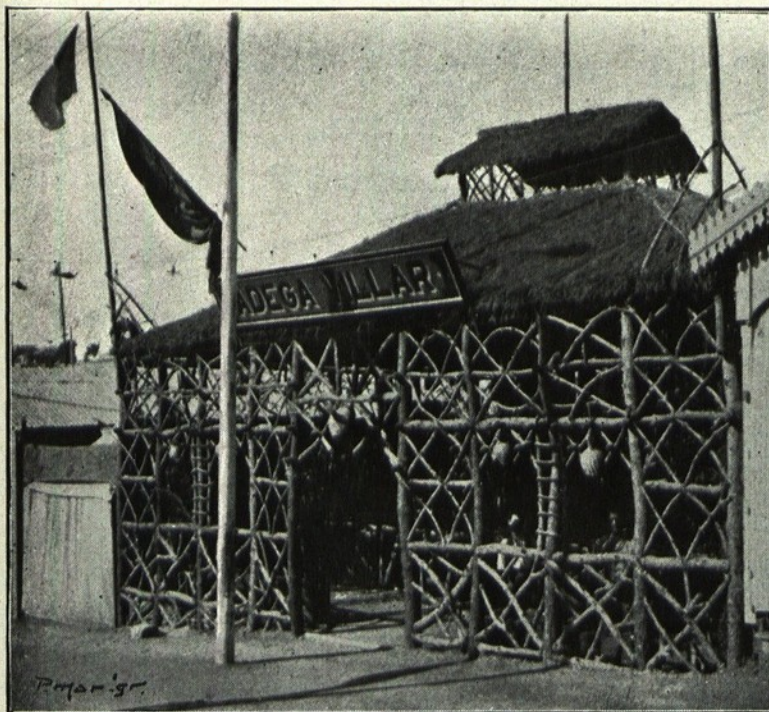
— A feira...

Suspendi-me. Ia a reeditar o pessimismo do velho, que tão ridiculo e antigo me pareceu quando lh'o ouvi.

— Vocês verão quando tiverem feito os exames... Tem barracas bonitas, algumas muito originaes.

Entrei no meu quarto monologando:

— Decididamente estou velha. A feira é interessante e curiosa.



ADEGA VILLAR

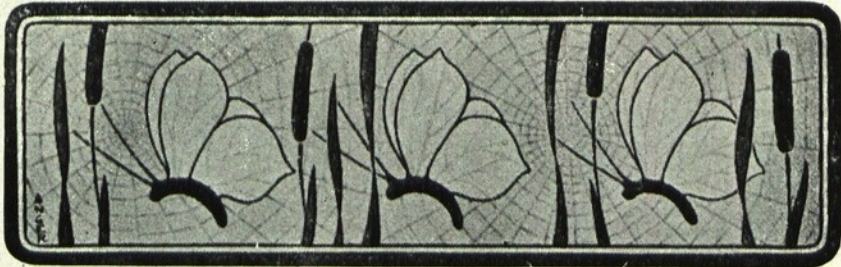
E n'esta altura a visão das Amoreiras e de Belem, que me deixaram na memoria o espectaculo inolvidavel d'um homem a engulir espadas e a escamotear as bolsas das algibeiras com pericia de gatuno, e muitas outras cousas que me pareciam phenome-

naes, obrigaram-me a ser franca commigo mesma:

— Cada um é do seu tempo. A feira é magnifica para a gente de hoje, mas não para mim. Estou como o velho:

— Esta não é a feira da minha mocidade!

MARIA O'NEILL.



In Acternuno

A Fausto Guedes

De que te queixas, Poeta?
E o teu olhar, por que chora?
Os Homens tomam-te agora
Já como inutil profeta?

Veu uma raça abjecta
Chamar, ouvindo-te: fóra,
Porque lhe falas na aurora,
Ou n'uma esp'rança dilecta?

Deixa-lhe o grito iracundo;
Emquanto aos centos houver
Peitos que pulsem bem fundo,

O que teu verbo disser
Ha-de escutar-se no mundo
Porque ha-de ouvil-o a Mulher ...

Affonso Vargas.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

AGOSTO DE 1808

Dia 17

A praça de **Abrantes** cae em poder de uma multidão de povo, que se havia sublevado contra os francezes e que tem á sua frente o capitão de cavallaria Manoel de Castro Correia de Lacerda e o juiz de fóra da Certã.

Dia 18

Wellesley, tendo, durante a noite de 17 para 18, tomado uma posição obliqua em relação á que forçara na Roliça, marcha para a **Lourinhã**, a fim de approximar-se da costa e proteger o desembarque de muitas provisões e das brigadas dos generaes Ackland e Anstruther, que elle soube estarem perto da costa.

As tropas de Bernardim Freire sahem de Leiria para **Alco-baça**, a fim de se reunirem aos inglezes.

A divisão de Loisson, que partiu do Cercal na vespera, chega a **Torres Vedras**. Veem muito fatigados os seus soldados, havendo alguns morrido de sêde no caminho. Diz Thièbault que cada uma das marchas maiores custou 100 homens á divisão.

A divisão do general Delaborde, que retirou da vespera da Roliça, deante das forças de Wellesley, dirige-se para **Cabeça de Montachique**, onde toma posição a fim de cobrir Lisboa. A sua artilheria vae para Torres Vedras.

As forças francezas, que sahiram de Lisboa com Junot, partem, antes da madrugada, de **Otta**, aonde chegaram na vespera muito tarde, tendo ficado á réguarda uma parte da artilheria, etc.

Junot, cercado por alguns dos seus generaes e acompanhado por uma forte escolta de cavallaria chega a Torres Vedras ás tres horas da tarde. Todas as estradas da villa são guardadas pela cavallaria e dá-se ordem para que sejam satisfeitas immediatamente as requisições dos generos que os francezes necessitavam. Os moradores que se recusassem a isto seriam mortos e incendiar-se-lhes-hia as casas.



D. MARIA I

Wellesley occupa a posição do **Vimeiro**, que dista uma legua da bahia do Porto Novo, onde está ancorada uma fragata britannica e uns trinta transportes.

Bernardim Freire chega com as suas tropas ás **Caldas da Rainha** e ali pernoita. Recebe uma carta de Wellesley, datada de 18, na qual se lhe

pede que vá quanto antes juntar-se ao exercito britannico.

Chamado por Junot para **Torres Vedras** chega a esta villa, com as suas tropas, o general Delaborde, que havia retirado para a Cabeça de Montachique, depois do combate da Roliça.

A columna de tropas commandada pelo conde de Castromarin chega a **Beja**, onde fica esperando as bagagens, que não tinham passado de Mertola por falta de conducções.

Dia 20

Junot, dispondo de poucos viveres para as suas tropas e receando menos as consequencias de um desastre do que as de uma victoria, que se demorasse, resolve atacar o inimigo postado na posição de Vimeiro. Manda avançar a cavallaria ás 4 horas da tarde, pelo desfiladeiro que se encontra á sahida de **Torres Vedras**. Seguem-se as duas divisões, commandadas por Delaborde e Loison, e a reserva sob as ordens de Killermam. A cavallaria é commandada pelo general Margaron. A marcha é demorada, como succede em geral quando tem de mover-se muita artilheria e carros.

O tenente general sir Henry Burrard chega de tarde á praia da **Maceira** e Wellesley vae logo participar-lhe a intenção em que está de mandar marchar sobre Mafra uma força importante da vanguarda da força alliada, a fim de tornear, pelo lado da costa maritima, as tropas de Junot, e com o grosso do exercito seguir pela estrada d'aquella villa, e apossar-se das alturas, d'onde impedirá a marcha do inimigo para Cabeça de Montachique.

Este e outro plano relativo á occupação de Santarem pela divisão de reserva do commando do tenente general sir Jonh Moore, que ainda não desembarcou, não são approvados por Burrard, que até prohibe qualquer movimento offensivo antes que desembarque a divisão Moore. Wellesley volta por Vimeiro, e ali fica inactivo.

Chega a **Torres Vedras** a reserva do exercito de Junot, achando-se ali reunidas todas as tropas que o general francez havia podido reunir para oppor ás dos alliados. O duque de Abrantes manda fazer um reconhecimento para os lados do Oceano, outro em direcção a Obidos e outro para as bandas de Thomar.

Desembarca junto a **Maceira** a brigada de tropas inglezas do commando do general Anstruther, da força de 2:400 homens.

Bernardim Freire, não comprindo a ordem que Wellesley lhe dera para se juntar ao exercito inglez, chega a **Obidos**. Allega que não avançou mais,

porque durante a noite anterior, passada nas Caldas, houve um rebate que forçou as suas tropas a estarem sobre as armas até de madrugada, e sem poderem alimentar-se.

Produz grande alegria em **Lisboa** a noticia da derrota de Delaborde na Roliça. Para attenuar o effeito que a nova causou nos lisboetas, Lagarde, intendente geral da policia, manda affixar uma carta em que Junot lhe diz, de Torres Vedras, em 19, que as forças de Delaborde não recuaram nem um passo e que dois regimentos inglezes foram aniquilados no combate. Tenciona atacar no dia seguinte o inimigo, que está perto.

Ninguem ou quasi ninguem dá credito a taes affirmações.



D. JOÃO VI

Dia 21

De madrugada desembarca a brigada do general Ackland, na força de 1:750 homens, e junta-se ao exercito de Wellesley.



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente à Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:
Introdução:

Poço do abismo aberto, infernaes Furias sahindo de dentro, conselho destas contra Portugal. Napoleão Corsego emprehendendo a conquista do Universo, cheio de vapores vaidosos. Progressos infames contra Portugal. Portuguezes continuai aestar (sic) tranquilos, ater confiança em nos. Junot. Decreto de 12 de março de 1808. Isto em bom centido (sic) Portuguez quer dizer: Noz (sic) aque viemos foi somente a matarvos, dezancarvos, roubarvos, mas isto tudo que hé para fartar o nosso desejo? Portanto estar tranquillos.

A's 8 horas da manhã as tropas britannicas, que se acham em bivaque no monte a oeste do lugar de **Vimeiro** avistam forças inimigas marchando em direcção ao logarejo da Carrasqueira, situado a noroeste d'aquella povoação. A fim de as impedir de tornear as posições dos alliados, cuja força

anda por 19:000 homens, o general Wellesley manda guarnecer por tropas inglezas e portuguezas uma elevação, situada para o norte de Vimeiro e que são mais accessiveis do que as encostas d'aquelle monte. A brigada portugueza, composta de 2:000 homens e commandada pelo coronel Nicolau Trant, occupa Ribamar, a oeste d'aquellas elevações. O resto das nossas forças — 290 homens de cavallaria e 210 de artilheria — acha-se com as que defendem o Vimeiro por leste e sul.

Duas columnas de infantaria franceza atacam o Vimeiro, defendido por quatro batalhões postados no alto do monte, precedidos de atiradores que se acham na base da encosta, ficando de reserva, bem abrigadas, forças das tres armas.

Chegados os assaltantes a distancia efficaz de tiro, são recebidos com descargas cerradas, e seguem-se combates corpo a corpo, em resultado do que os francezes são repllidos e teem que buscar refugio nas mattas visinhas.

A fim de soccorrer os que retiram, marcham duas columnas francezas para o Vimeiro, mas são tambem rechaçadas, entrando na lucta, por parte da defeza, os batalhões de reserva, e outra força que se encontra mais para o norte, junto de Fonte Lima. Tambem causam muitos estragos no atacante os fogos cruzados da artilheria britannica, que se serve pela primeira vez da granada com balas, ou *shrapnell*, nome do official inglez que a inventou. O combate degenera afinal n'uma lucta corpo a corpo, em que a bayoneta desempenha papel importante, e que tem como desfecho os francezes serem levados de vencida, e recua-

rem até ás posições d'onde tinham avançado.

Pretende a cavallaria alliada, na pequena força de 500 cavallos, perseguir o inimigo, mas frustra-lhe o intntento a cavallaria franceza, tres vezes mais numerosa. Padece muitas baixas e perde o seu commandante, o tenente coronel Taylor.

Depois do ataque á frente da posição, realisa-se outro pela esquerda, effectuado pela columna do general Brennier, que, não tendo podido passar o ribeiro de Toledo, junto ao logar d'este nome, precisa de fa-

lumna de Brennier, á qual os defensores oppõem cinco batalhões, que se batem com toda a energia, e a que vão juntar-se quatro batalhões portuguezes e dois inglezes, não chegando porém a combater porque os atacantes fogem precipitadamente para os lados de Pragança.

Ao meio dia, Junot ordena a retirada geral, para Torres Vedras, tendo o seu exercito perdido uns 1:800 homens, dos quaes 1:000 foram mortos ou cahiram prisioneiros; 13 peças de artilheria, muitos carros de munições e as bagagens.

Entre os prisioneiros está o general Brennier, que tinha sido ferido durante a refrega.

Os alliados, pela sua parte, só perderam 720 homens dos 13:000 que combateram contra os 10:000 de Junot, havendo-se tornado desnecessario o concurso dos 6:000 restantes, em virtude das optimas condições da posição, em que Wellesley collocara o seu exercito e que Thiébault qualifica de «formidavel» no seu livro *Rélation de l'expédition du Portugal*.

As forças portuguezas presentes na **batalha do Vimeiro** são as mesmas que estiveram na Roliça, com excepção de 7 praças que tinha a menos o batalhão de caçadores n.º 6: ao todo 2:585 homens. Tiveram 2 soldados mortos e 7 feridos.

Esta batalha, além de ter dado em resultado a evacuação de Portugal pelo exercito de Junot, concorreu grandemente para affirmar o prestigio das tropas britannicas, que se achavam desconceituadas em virtude dos muitos e importantes desastres que os francezes lhes tinham infligido

em campanhas anteriores.

O tenente general Sir Harry Burrard entrega a Sir Arthur Wellesley o commando das tropas britannicas, que acabavam de ganhar a batalha do **Vimeiro**. Levado pela sua excessiva prudencia, Burrard contraria



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Governo de Junot em Portugal. Decretos. Editaes inauditos do malfadado Junot, sua soberba mascarada, sua ingratição e aleivosia. e as mais virtudes são por elle perfidamente calcadas.

Vereis com reconhecimento e com admiração nestas sabias disposições. Junot 12 de Maio de 1808.

O mundo espantado de ouvir as barbaridades de Junot em seus Decretos e Editaes, Estas as Lições que tenho recebido de Napoleão. Junot 41 de Junho de 1808.

zer um rodeio, indo até ao logar da Ventosa, situada a uns dois kilometros e meio para o noroeste do Vimeiro. No entretanto uma outra columna, commandada pelo general Solignac, tendo atacado de frente a mesma posição, é repellida, perdendo tres peças de artilheria. Sorte igual tem a co-

os planos das operações com que o seu antecessor pretendia tirar resultado da victoria. Nem consente que as brigadas que não tinham combatido vão atacar os francezes, no intento de repellil-os para o lado do Tejo, nem que os generaes Hili, Austrulher e Fane se apessem dos desfiladeiros de Torres Vedras, d'onde se estendariam até Cabeça de Montachique, podendo cortar a retirada de Junot para Lisboa, e chegar a esta cidade primeiro que os francezes. Burrard tambem obsta a que o general Fergusson continue a perseguir os inimigos, e resolve manter-se na posição do Vimeiro á espera de que desembarquem as tropas commandadas por Sir John Moore.

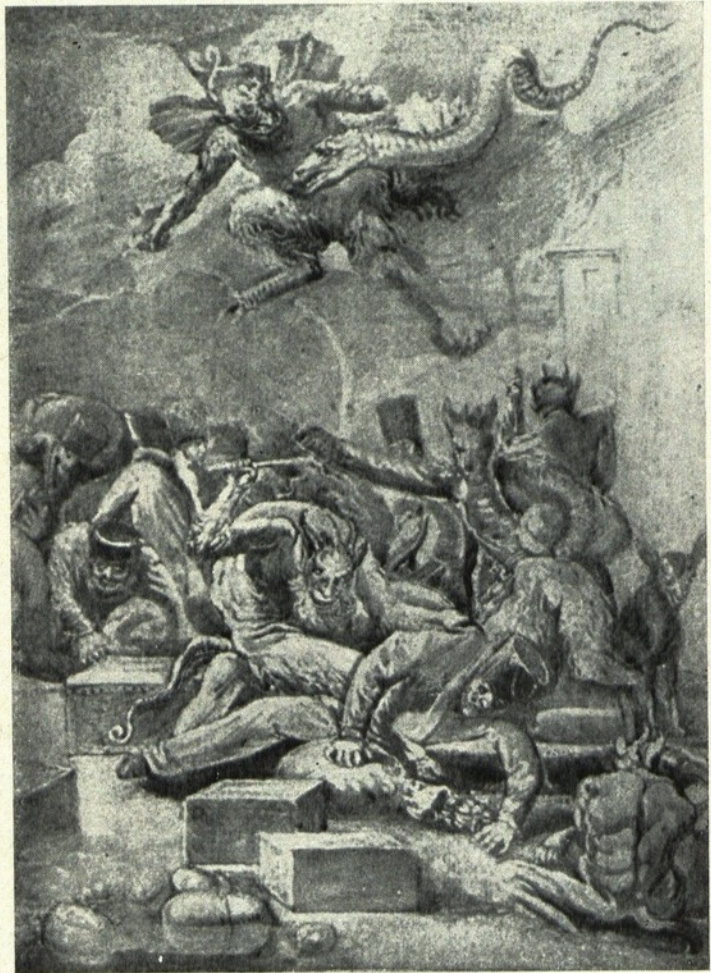
Se tivessem prevalecido as idéas de Wellesley sobre as d'este general, que, pelo facto de ser mais antigo, dispoz do exercito que o outro levava pouco antes á victoria. Junot não poderia de certo alcançar as condições com que foi feita a chamada *Convenção de Cintra*, tão favoravel para os francezes e tão desastrosa para Portugal.

Dia 22

Junot convoca em **Torres Vedras** os generaes Delabord, Loison, Kellermann, Thiebault, Taviel e o coronel de engenheiros Vincent a fim de examinarem a situação em que se acha o seu exercito. Tendo-se reconhecido que é impossivel aos francezes manterem-se perto de Lisboa, em cuja posse já teem diminuta confiança, e que não pôde tentar-se a retirada atravez de Hespanha, onde lavra a sublevação, e attendendo-se á falta de viveres e ao pequeno effectivo, resolve-se tentar fazer uma negociação com o inimigo, mas em condições honrosas, pois de contrario os soldados napoleonicos deixar-se-hão sepultar sob as ruinas da capital portugueza.

Ao general Kellermann dicta Junot os artigos do projecto da suspensão de hostilidades e da evacuação. Aquelle official é

encarregado de ir ao quartel general inglez, sob o pretexto de uma conferencia relativa aos feridos e aos prisioneiros, sondar o terreno e vêr o que os francezes podem esperar o derradeiro meio de que ainda



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente à Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Saque de 40 milhões de cruzados Junot, o perfido Junot em consequencia dos muitos obsequios que voluntariamente lhe fizerão em Portugal, dignou-se (sic) de atormentar os Portuguezes com o tributo de 40 milhões de cruzados.

Napoleão o Grande tomou debaixo (sic) da sua omnipotente protecção: aos Portuguezes.

Edital 4 de Fevereiro de 1808. Este beneficio devemos a actividade e boa direcção do general em chefe. Past. do Bispo Inquizidor — 22 de Dezembro de 1807.

se pode lançar mão para salvar o seu exercito.

O tenente general Sir Hew Dalrymple, que tinha sahido de Gibraltar a 13, e que se avistara a 19, na foz do Tejo, com o almirante Cocton, desembarca de manhã na

Maceira e dirige-se logo para o Vimeiro, onde toma o commando. E' o terceiro commandante que tem o exercito britannico no curto praso de dois dias.

Depois de breve conferencia com os seus predecessores Burrard e Wellesley, decide Dalrymple que o exercito avance na manhã

do dia seguinte, e que se convide Bernardim Freire a ir com as tropas portuguezas tomar pela retaguarda o inimigo. E' n'esta occasião que chega, como parlamentar, ao quartel general britannico, o general Kellermann, enviado pelo commandante do exercito francez.

M. A.



O MISERO

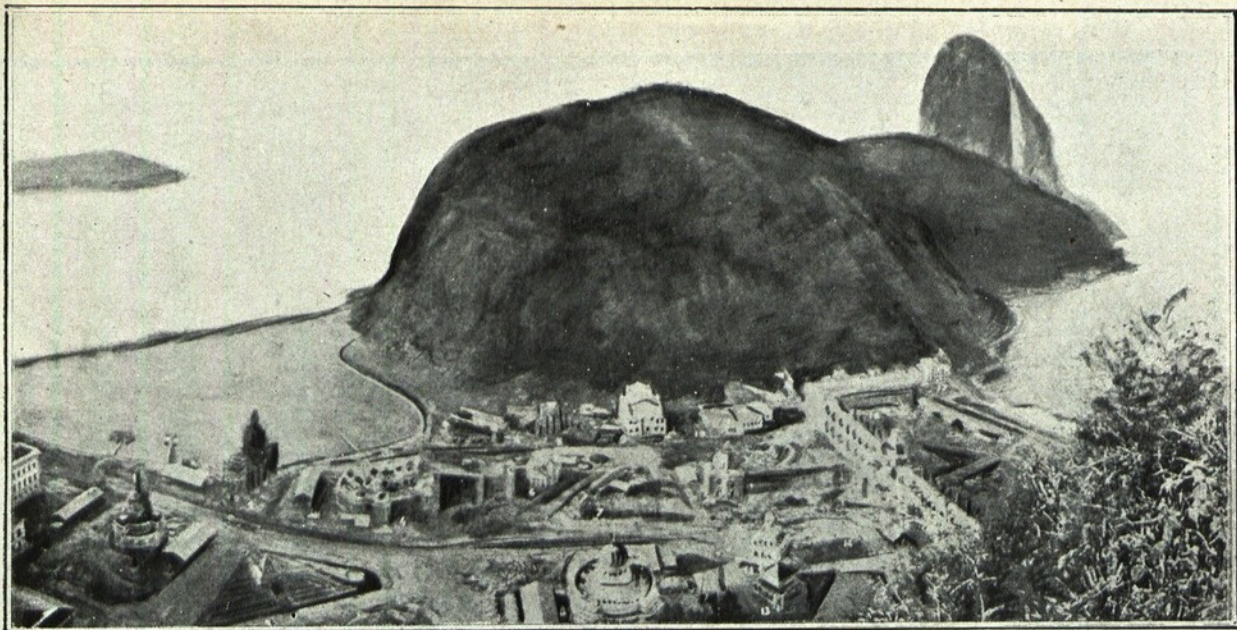
Ao Aniceto de Medeiros

Vendo-o passar assim pobre coitado,
 Por estas ruas da cidade inteira,
 Dirão os mãos «é pobre e relaxado»
 Quando a sorte é que o faz d'essa maneira.

Lá vai sósinho, triste e desoládo,
 Querendo-se suster na ribanceira,
 Com o coração de mágoa entrecortado,
 Talvez—quem sabe?—por cruel canceira.

Vai vagando sósinho e pede esmóla;
 Uns lh'a dão, outros negam e vão seguindo,
 A caridade é só quem o consóla.

Todos o chamam e dizem-lhe chalaça,
 E o misero, coitado, vai sorrindo
 Porque é mui fraco e vive na desgraça.



PANORAMA DA EXPOSIÇÃO

O Brasil e a sua Exposição



Está aberta a Exposição Nacional do Brasil.

A grande república sul-americana comprova brilhantemente o inquestionável direito, com que nos modernos tempos se agrupou ás nações mais cultas, mais ricas e mais prósperas do globo.

Além de tudo, a Exposição Brasileira tem um benéfico e extraordinário alcance, que talvez não fôsse antevisto nem entrevisto por todos: unificar e concentrar esforços que a política separara, e acumulá-los, no engrandecimento e lustre do espirito nacional.

Com efeito, a federação dos Estados, de par com as inequívocas vantagens, inerentes á mais longa e democrática descentralização da vida administrativa, criara atritos e rivalidades, que alguma vez reverteram em luta aberta entre vizinhos, e se em pleitearem fronteiras, como entre povos estranhos.

Chamados todos os Estados a um grande certame nacional, acendem-se proficuos es-

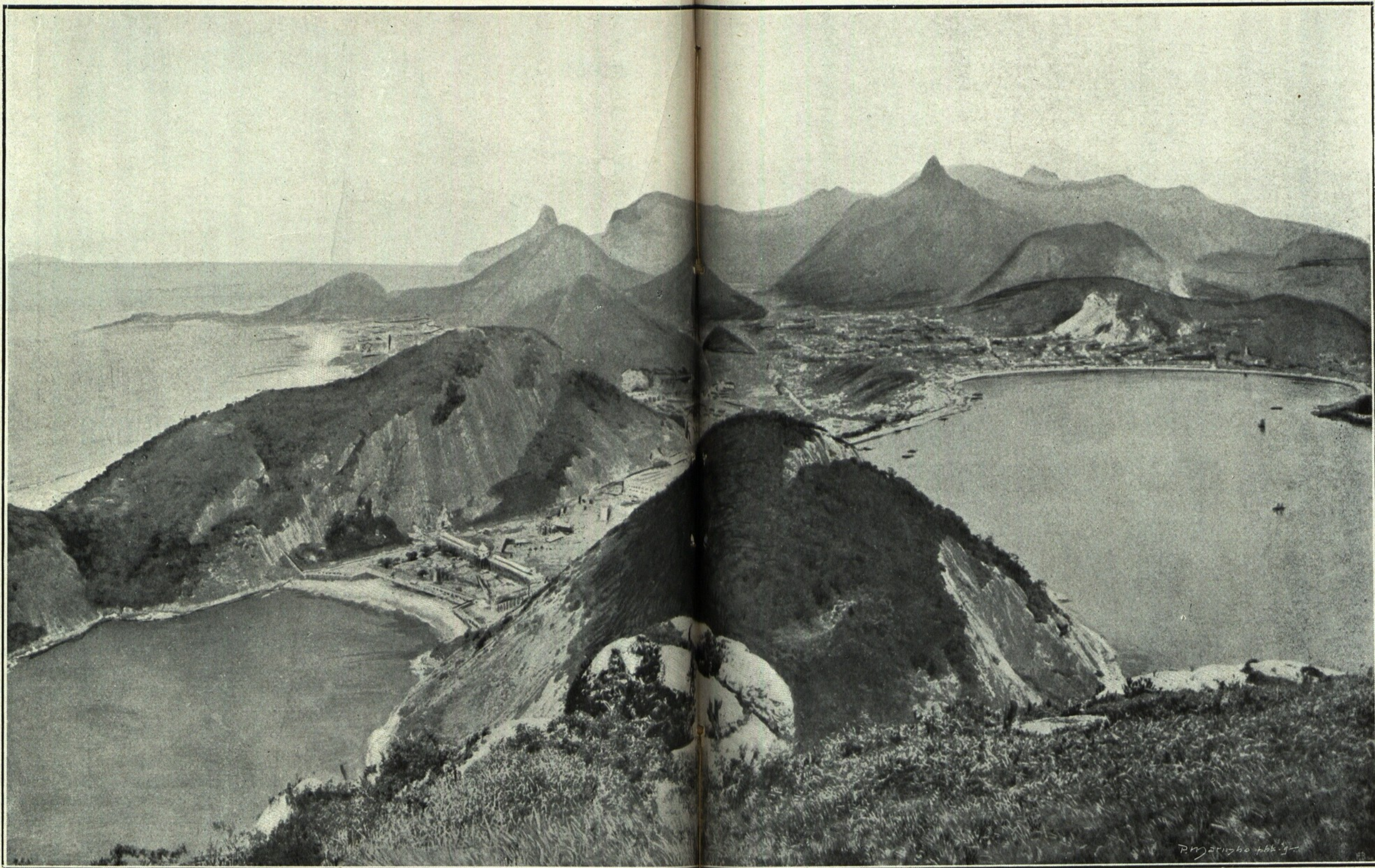
timulos e nobres emulações, que nada têm já de rivalidades hostis.

Bastariam estes frutos morais do grandioso empreendimento do sr. Calmon, para que na biografia do jovem e talentoso Ministro das Obras Públicas avultasse luminosamente o inestimável serviço, por êle prestado aos mais elevados interesses da sua pátria.

*

Todo o mundo vai ter a demonstração palpável das variadas riquezas do solo brasileiro, de um prodigioso desenvolvimento das industrias, de uma pasmosa e múltíplice actividade mental e muscular.

Desde a exuberante flora amazónica até os fertilísimos campos riograndenses, em que pompeiam os guascas e esplendem as mais formosas mulheres, agita-se a alma nacional, vibrando num só impulso de festa, de grandeza, de progresso. A grande Fábrica de Bangu e outras vão atestar que não temem confronto com os mais perfeitos e produtivos maquinismos de Manchester. Os la-



EXPOSIÇÃO E A BAHIA DO BOTAFOGO VISTA TIRADA DO PÃO DE ASSUGAR

Os palacios e os pavilhões da Exposição

cticianos do sul, os artefactos, a cerâmica, o mobiliário da maior parte dos Estados da federação brasileira, vão conspirar bizarramente para a triunfal apoteose do trabalho nacional.

E' nacional a Exposição. Mas, na presidencia da república está alguém, sincera-

Bahia do Botafogo

mente devotado á nacionalidade portuguesa; e no Ministério dos Negócios Estrangeiros está e estará uma poderosa individualidade, o Barão de Rio Branco, cuja vista se estende

muito além das fronteiras da nação. Um e outro, certamente secundados pelos demais representantes da governação, viram quanto seria proficuo e simpático associar o nome

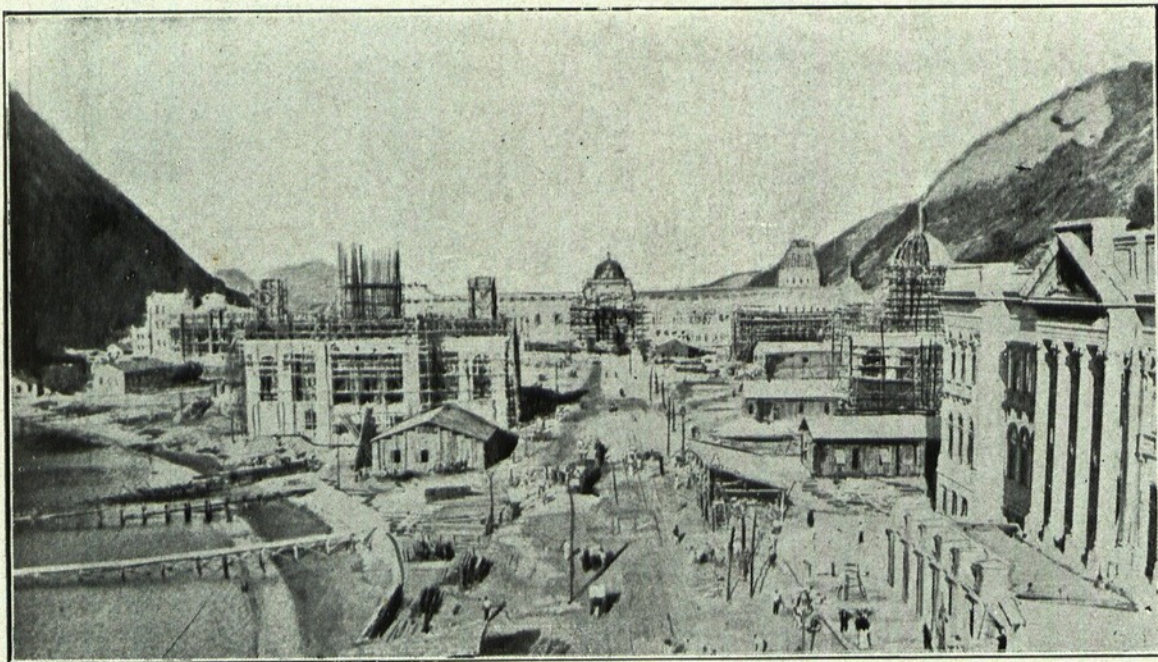
de Portugal á sua grandiosa festa; aliaram á bizzarria o senso prático, e brindaram expositores portugueses com um formoso e vasto pavilhão, em que a indústria, a arte e a natureza da velha nação europeia não ofuscarão decerto a natureza, a arte e a indústria da grande e jovem república americana, mas em que todos, e especialmente a colónia portuguesa, verão que a velhice nem sempre é doença, e que o velho Portugal se impõe ao amor de seus filhos e á respeitosa consideração de estranhos.

A participação de Portugal na Exposição brasileira é, sem contestação, mais um po-

*

A Exposição Nacional de 1908 significa muito, e muito vale, mas é feita, como todas as exposições, para os olhos de quem a visita; incompleta portanto para a mais larga compreensão do Brazil moderno, porque a grandissima maioria da humanidade que pensa ou estuda não vai á Praça Vermelha, não percorre as opulentas secções do gigante mostruário.

Mas há outra exposição, uma exposição permanente e progressiva, que faculta a todo mundo a inspecção nítida do enorme



AVENIDA CENTRAL DA EXPOSIÇÃO, ANTES DO FIM DOS TRABALHOS

deroso vínculo entre as duas nações, e entre o passado delas e o seu futuro.

Os bons brasileiros e os melhores portugueses não perderão ensejo de estreitar esse vínculo. Vai nisso o interesse comum e o religioso respeito de tradições gloriosas. E' ver, por exemplo, como na recepção do cruzador português *Dona Amélia* em aguas do Brasil, a alma dos dois novos irmãos se fundou em explosões de carinhosa fraternidade.

Faz bem a corações patrióticos este reavivar de antigas e profundas cordialidades:

*On révient toujours
A ses premiers amours...*

desenvolvimento intelectual e moral do Brasil contemporâneo.

Esta exposição chama-se imprensa. Por ela vemos que ás naturaes riquezas da República correspondem os mais amplos melhoramentos materiais, retalhando-se o solo com estradas de ferro, abrindo-se extensas praças e avenidas nos principais povoados, convertendo-se modestas aldeolas em vilas e cidades, saneando-se regiões pantanosas, multiplicando-se comunicações terrestres e marítimas; como vemos o brilhante renascimento literário, científico e artístico daquela simpática e vigorosa nação.

Fagundes Varela e Casimiro de Abreu, valendo muito, foram todavia meros pre-



A EXPOSIÇÃO NA FALDA DO PÃO DE ASSUCAR

cursores de Machado de Assis, de Olavo Bilac, de Raimundo Correia, e de outros, que elevaram a poesia brasileira a defrontar-se com a poesia de Hugo, de Esponceda, de Byron, de Carducci.

O romance brasileiro, desde a *Iracema* de Alencar até o *Brás Cubas* de Machado de Assis, o *Sertão* de Coelho Neto, e tantos outros, acusa a revivescência do génio nacional e o conjúgio abençoado das tradições regionalistas com pujança a exuberante e cálida da natureza tropical.

Se passarmos do amplo e viçoso dominio das belas-lettras para a região serena e grave das sciências morais e sociais, avulta logo ao nosso espirito a figura de Tobias Barreto, o

filósofo da Escada, como lá lhe chamaram, a poderosa intelectualidade talvez, que mais influência tem exercido nas pugnas do pensamento em terras do Brasil. Logo depois d'êle, Silvio Romero.

Ao lado do vulto prestigioso de Capistrano de Abreu, a quem a história deve substanciosos e largos trabalhos, que conquistaram a veneração de todos, muitos outros humanistas têm ali aprofundado escrupulosamente a linguística, como Sotero dos Reis, Julio Ribeiro, Lameira de Andrade, Carneiro Ribeiro, Pacheco Junier, Carlos de Laet, Heráclito Graça, João Ribeiro, Rui Barbosa...

Mas Rui Barbosa não é simplesmente o mais exemplar prosador do Brasil, o prodigioso portuguezista, cuja *Réplica* aos defensores da redacção do projecto de um *Código Civil* é um assombro de erudição e de segurança critica: é também um admirável orador parlamentar e talvez o primeiro jurisconsulto da sua pátria. Não obstante, outros respeitadíssimos jurisconsultos têm ennobrecido o Brasil, desde Teixeira de Freitas a Clovis Bevilacqua.

Sobre critica literária, bastará citar-se o nome de José Verissimo, do ponderado publicista que, pelo menos quando se não ocupa de coisas portuguezas, florea a pena com destreza rara e lavra sentenças, de que não há apelação.

Também as ciencias naturais tem fructificado em terras de Santa Cruz. Depois que Humboldt e Agassiz revelaram ao mundo a incomensurável riqueza da sua fauna e da sua flora, o Brasil intelectual proseguiu na acumulação dos seus tesoiros scientificos; e, com a efectiva cooperação de sábios estrangeiros, como Goeldi e Huber, ergueram-se riquissimos museus de história natural, como o *Museu Paraense*, e as escolas superiores curaram de insinuar no moderno espirito do Brasil as mais novas e prestimosas conquistas de ciencia.

Dotado de viva crença nos seus progredimentos e laborioso por indole, o povo brasileiro conta, em regiões diversa, robustas agremiações literárias e scientificas, que devotadamente se desobrigam da sua missão, acompanhando, sem vacilar, os mais largos passos da literatura, das ciencias e das artes: a *Academia de Letras*, do Rio; o *Grémio Literário*, do Pará; o *Centro de Ciencias*, de Campinas; etc.

Não pôde nem deve dissimular-se que no engrandecimento e civilização do povo brasileiro, tem nobremente cooperado a imprensa periódica, de que há por toda a parte numerosos e respeitadíssimos órgãos. Na capital federal, o *Jornal do Commercio*, por exemplo, a mais importante publicação periódica da América do Sul, sem exceptuar a grande *Prensa* argentina, bem pôde, pelas suas dimensões, pelo seu prestigio e pelos interesses que representa, chamar-se o *Times* brasileiro. E num dos Estados vizinhos, em S. Paulo, outro grande jornal, poderoso e de larga clientela, o *Estado de S. Paulo*, é para os Estados do Sul o que o *Jornal do Commercio* é para os Estados do Centro e do Norte.

*

Esta sucinta exposição de factos e personalidades não se inaugurou agora: está aberta há anos e não se encerrará. Todos nós a visitamos, em espirito ao menos. Não se acompanha de cerimónias inaugurais nem de discursos apologéticos, mas é mais grandiosa ainda que a outra, e ambas elas, sendo legitimo orgulho da gente brasileira, constituem, ao mesmo tempo, legitima ufania de Portuguezes, visto que o Brasil é mais do que irmão de Portugal: é seu filho, e não deve haver pais que se não envaídem com os triunfos da sua prole.

Mas Portugal e o Brasil não estão próximos: separa-os a enormidade do Atlantico, e nem neste caso a sabedoria das nações terá faltado á verdade: longe da vista...

Mas de longe se faz perto, — diz a mesma sabedoria. A questão é de vontade e amor.

Ora, o amor não se extinguiu, antes parece e deve activar-se entre os que demoram aquém do Atlantico e os que além do Oceano se fixaram e propagaram, constituindo nova vida, e sociedade nova.

E a vontade naturalmente deriva, não simplesmente dêsse amor, senão também dos legitimos e reciprocos interesses, que a aproximação dos dois povos estimula e desenvolve.

Ora, querer é poder; e os meios promotores de uma progressiva aproximação não são mistério para ninguem, e podem provavelmente cifrar-se em três: tornar frequente e cómoda a comunicação dos portos das duas nações; multiplicar e facilitar entre



EDIFÍCIO DA SECÇÃO PORTUGUÊSA NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
(Composição de R. Christino)

elas a permuta das suas mais valiosas produções naturais; e robustecer a comunhão espiritual dos seus letrados, artistas e cientistas.

Quanto ao primeiro e ao segundo dos indicados meios, claro é que êles dependem maximamente do patriotismo e critério dos respectivos governos, e da acção insistente da imprensa periódica. O terceiro, êsse está na consciencia geral, e só falta que um ou outro preconceito insulado lhe desatranque plenamente a estrada.

A secção portugueza da Exposição Nacional do Brasil é já, incontestavelmente, um grande e brilhante passo para a mais estreita vinculação espiritual das duas nações. Mas há muito ainda a pôr em obra.

Sobretudo as relações literárias ainda enfermam de uma froxidão, que mais procede da incúria e imprevidencia governamentais, que do desconhecimento do mal e da má vontade dos que tressuam na cultura das letras, das ciencias e das artes.

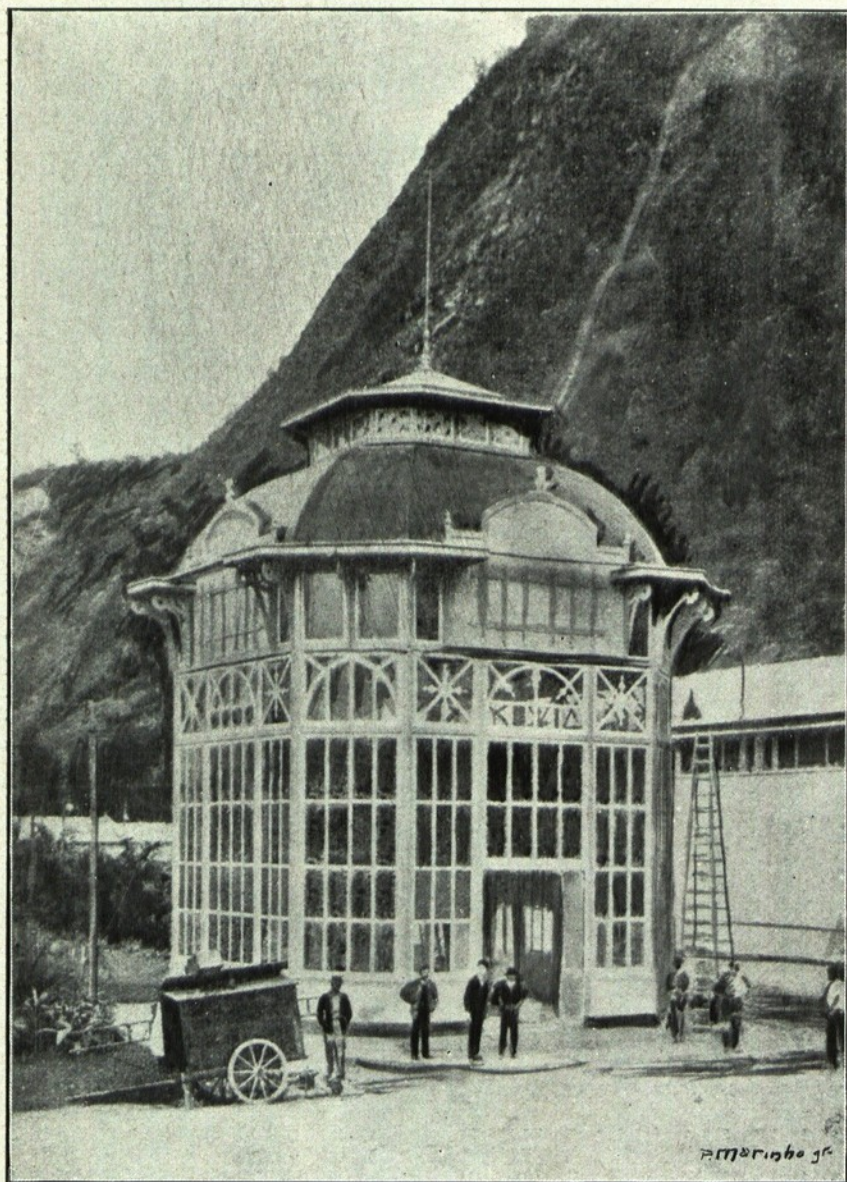
Geralmente, os livros portuguezes logram no Brasil acolhida cativante e carinhosa; mas os livros brasileiros aparecem escassamente em Portugal o só se obtêm por preços que, em relação ao mercado portuguez, se podem considerar fabulosos. Porquê? Por motivos que, de há muito, deveriam ter deixado de subsistir: a pauta aduaneira portugueza, cujas disposições, quase proibitivas a respeito de livros, deviam ter cedido ao mais trivial senso prático; e a carestia editorial dos livros brasileiros.

Mas aos mais falados escritores do Brasil não faltarão nunca editores portuguezes; os proprios editores brasileiros poderiam fruir a nossa relativa economia tipográfica; e os autores que, por sua conta, podem publicar livros no Brasil, mais facilmente os publicariam em Portugal.

O que parece inadiável é que se estude e se resolva o problema de se difundirem os livros brasileiros em Portugal, por preços que não excedam sensivelmente os dos livros portuguezes.

Em Portugal, não é dos ricos a maioria dos que lêem e, conseguintemente, não se vulgarizam obras, que excedam as condições gerais do mercado nacional.

Vejam a situação os que podem e devem vê-la, e creiam que, nas actuais condições, a confraternização literária e científica dos dois povos pouco mais é que um generoso ideal, alimentado por todos os espiri-



PAVILHÃO DA IMPRENSA NA EXPOSIÇÃO

tos claros, alheios a preconceitos e possuídos da nobre ambição de se estreitarem intimamente os laços espirituais de dois povos, que falam a mesma lingua e procedem do mesmo tronco.

Seja a Exposição Nacional o alvorecer de

novos tempos, em que o Brasil e Portugal, independentes na sua vida politica e administrativa, se estendam as mãos através do Oceano, no íntimo contacto dos seus mais caros interesses morais e intellectuais, e na estreita correlação dos seus interesses económicos.

Lisboa — Setembro de 1908.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.



Sempre juntos

Não sentiu nenhum d'elles a amargura
De ver partir o companheiro amado;
Eil-os ainda e sempre lado a lado,
E juntos vão baixar á sepultura.

Viver d'uma afeição firme e segura:
Em que um primeiro amor foi transformado,
E, tendo a longa estrada assim trilhado,
Parar ao mesmo tempo... que ventura!

Saem mortos os dois da mesma igreja
D'onde noivos sahiram n'outro dia,
E como do passado um resto adeja,

Treme o corpo do velho de alegria,
Por ter n'um leito, embora frio seja,
— A noiva d'outro tempo, embora fria!

Celestino Soares.



NO VIMEIRO
Chegada de El-Rei D. Manuel

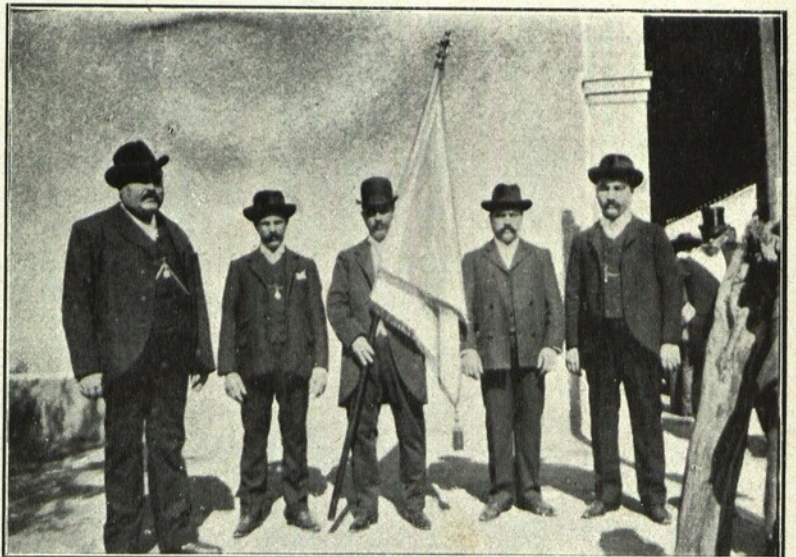
NO VIMEIRO



E a recordação do passado nos confrange por vezes dolorosamente o coração, ha outras em que a contemplação das glórias que o esmaltam nos faz estremecer de entusiasmico jubilo, chamandonos aos olhos as lagrimas e um brado altivo aos labios.

A vida das nações, como a dos individuos, é tecida de risos e prantos, de revezes e fortuna, que é conveniente avivar na memoria das gerações presentes para que de tudo tirem proveitosa lição.

N'este pensamento se effectuou o primeiro acto official da commemoração centenaria da Guerra Peninsular.



EM TORRES VEDRAS
Representantes da «Associação de Soccorros Mutuos 24 de julho de 1884», esperando El-Rei D. Manuel

Consistiu elle na inauguração de um padrão no logar do Vimeiro no



EM TORRES VEDRAS

Ornamentação da rua Paiva de Andrada

dia 21 de agosto, anniversario do combate alli ferido em 1808, entre as tropas anglo-portuguesas sob o commando superior de sir Arthur Wellesley, mais tarde duque de Wellington e as francezas dirigidas pelo proprio Junot, commandante em chefe do exercito invasor.

Occupava o general inglez, com aquella habilidade que em toda a sua vida militar o distinguuiu na escolha das linhas defensivas, as alturas á frente do Vimeiro, e alli aguardou as forças francezas que a esse tempo se concentravam em Torres Vedras.

Com aquelle impeto e galhardia que o soldado francez, habituado á victoria, punha sempre no ataque, assaltou Junot com as suas forças as magnificas posições onde o exercito alliado lhe offerecia uma impenetravel barreira de aço.

E toda a bravura, todos os esforços do exercito francez, foram alli quebrar-se como as vagas alterosas se quebram e desfazem nos alcantis das ribas!

Depois de duas horas de fogo, o general francez, ordenava a retirada em direcção a Torres Vedras. O que essa retirada seria para o orgulhoso general de Napoleão é facil de suppor.

Que amargura não avassalaria a sua alma ao deduzir as inevitaveis consequencias de tão curto quão decisivo combate!

Elle, que pozera olhos audaciosos na corôa de Portugal, via assim desfeito o seu ambicioso sonho, e comprehendia nitidamente que o poder do



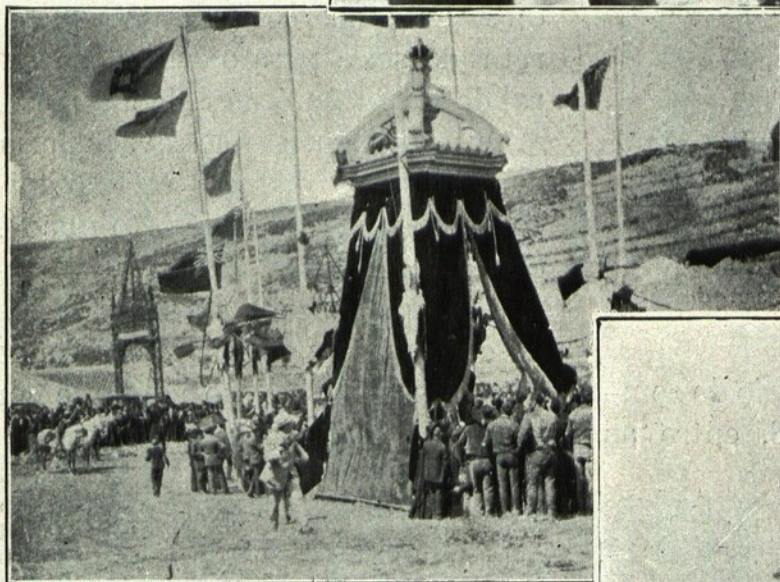
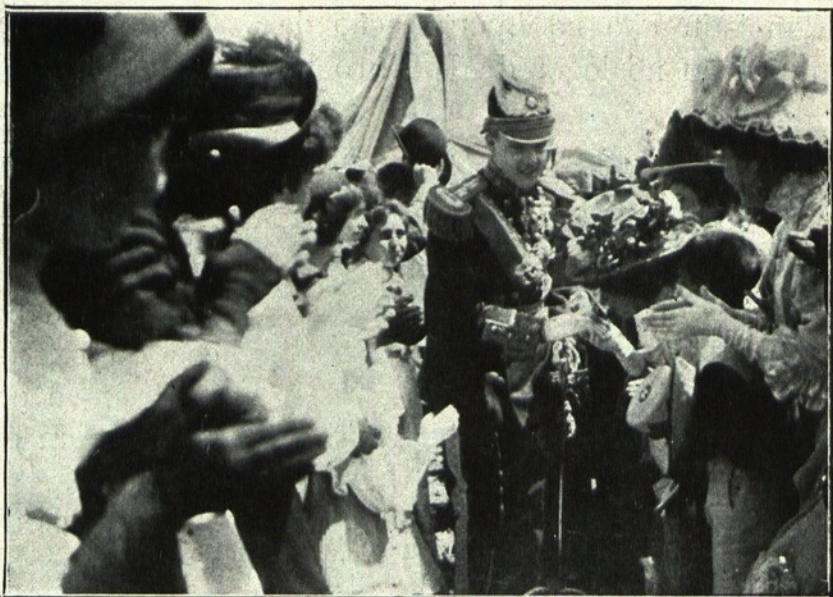
NO VIMEIRO

Um aspecto da multidão

seu imperador acabava de ser profundamente attingido.

Nove dias depois assignava-se a convenção de Cintra, e por ella libertava-se o territorio nacional da primeira invasão.

A solemnisção d'este glorioso combate, mais que merecida pela influencia que exerceu na independencia da patria, foi uma festa



NO VIMEIRO

O pavilhão onde a camara da Lourinhã deu as boas-vindas a El-Rei D. Manuel

brilhante a que concorreram S. M. El-Rei, representantes do exercito, do elemento official, da imprensa, e grande multidão de povo.

O local escolhido para a collocação do padrão foi o proprio sitio onde se feriu o combate, no qual se achavam bivacados, desde 19, um esquadrão de lanceiros, outro da guarda municipal, uma bateria de artilheria e uma companhia de caçadores.

O padrão commemorativo, que é simples mas elegante, ostenta em la-

NO VIMEIRO

Uma manifestação de senhoras a El-Rei D. Manuel, quando se dirigia para o local do monumento para proceder a sua inauguração.



NO VIMEIRO

O padrão commemorativo da batalha antes da inauguração



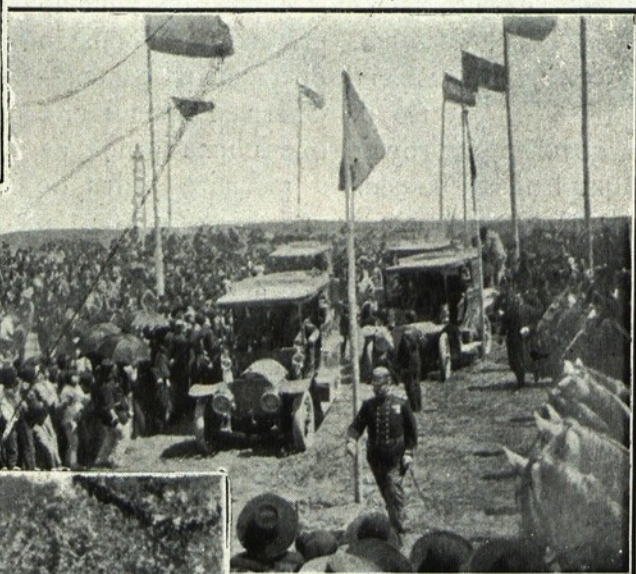
NO VIMEIRO

O padrão, depois de descoberta
a lapide

pide de marmore a seguinte inscripção:

«A Expedição Britannica sob o commando do general Wellesley, tendo desembarcado em Lavo e reunido a si tropas portuguezas, marchou sobre Lisbôa, bateu as avançadas inimigas na Roliça, e, sendo atacada pelo exercito do commando de Junot, n'estes sitios do Vimeiro alcançou sobre elle uma gloriosa victoria.»

Uma nota curiosa: a mesa em que se assignou o auto da inauguração do padrão, é a mesma em que no dia 23 de agosto de 1808, se firmou o ar-



NO VIMEIRO

Retirada de El-Rei
D. Manuel



EM TORRES VEDRAS

El-Rei D. Manuel e comitiva a caminho da igreja da Graça,
depois do que regressa a Lisboa

mistico que precedeu a convenção de Cintra.

El-Rei aproveitou a ida ao Vimeiro para visitar a villa de Torres Vedras, de tão gloriosas tradições, e o entusiastico modo porque Sua Majestade

foi recebido, demonstra que o dia 21 de agosto de 1908 será por mais de um motivo, gostosamente lembrado pelo povo d'aquella villa e arredores.

A festa de 15 de setembro

DE 1908

N'ESTE dia, em que se cumpriram cem annos que em Lisboa foi restaurado o governo nacional depois de vencido Junot, propoz a commissão official do primeiro centenario da Guerra Peninsular, e o governo approvou, que n'uma praça da capital fôsse lançada a primeira pedra de um monumento em honra do povo que tão heroicamente se levantou contra o dominio francez, e dos soldados que por dilatado periodo luctaram contra os guerreiros de Napoleão e os venceram em innumeradas batalhas e combates.

Foi para isso escolhida a praça que pelo lado meridional termina o Campo Grande, e

ali se construiu um pavilhão com duas tribunas lateraes, destinadas ás pessoas que assistissem á cerimonia.

Realisou-se esta n'um bello dia de verão, alumiado por um sol esplendido, que espargia ondas de luz atravez da limpida atmosphera. Na vespera pairara uma grande trovoadade sobre Lisboa e chovera abundantemente, do que resultou a frescura do tempo e a ausencia da poeira.

Parecia, pois, que a população lisbonense deveria accudir em massa a presenciar a cerimonia, que ia ser realçada pela presenca do chefe do Estado e dos altos funcionarios da governação, e pelo concurso das tropas da guarnição da capital, que desfilariam, depois do lançamento da pedra e de serem distribuidas a contingentes dos regimentos de infantaria n.ºs 9, 11, 21 e 23, bandeiras condecoradas com a lengenda camoneana:

*«E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente»*

com que fôram honrados, pelo decreto publicado na ordem do dia 13 de março de 1814, os corpos que tinham então aquelles numeros, como premio do seu valor e glorioso comportamento na batalha de Victoria, dada a 21 de junho do precedente anno, tendo-se as inscrições mantido nas bandeiras emquanto existiu vivo, em cada uma das unidades, algum



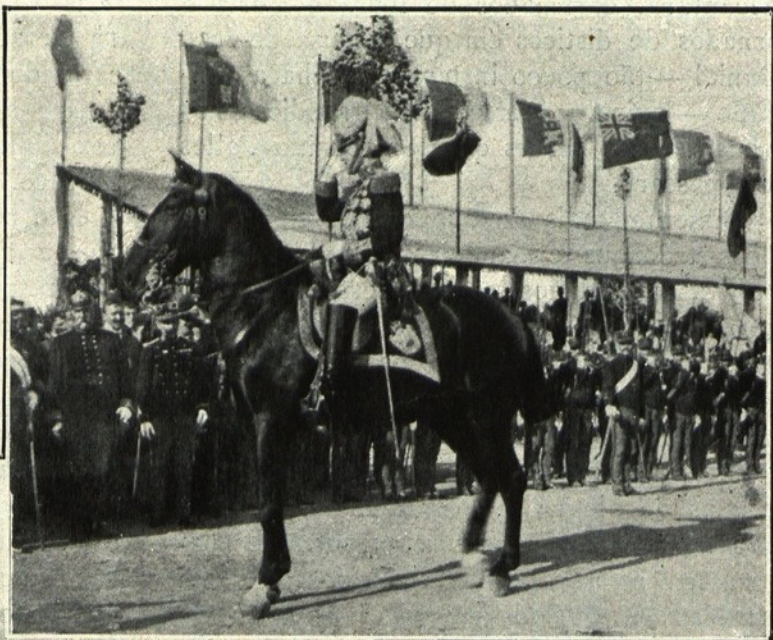
EL-REI D. MANUEL
NA CEREMONIA DA COLLOCAÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA

official, sargento ou soldado que tivesse tomado parte na grande e cruenta batalha (1).

Esta distribuição, feita directamente pelo joven monarcha aos coroneis dos quatro regimentos, concorria tambem, por certo, para tornar a cerimonia do dia 15 mais solemne e attrahente.

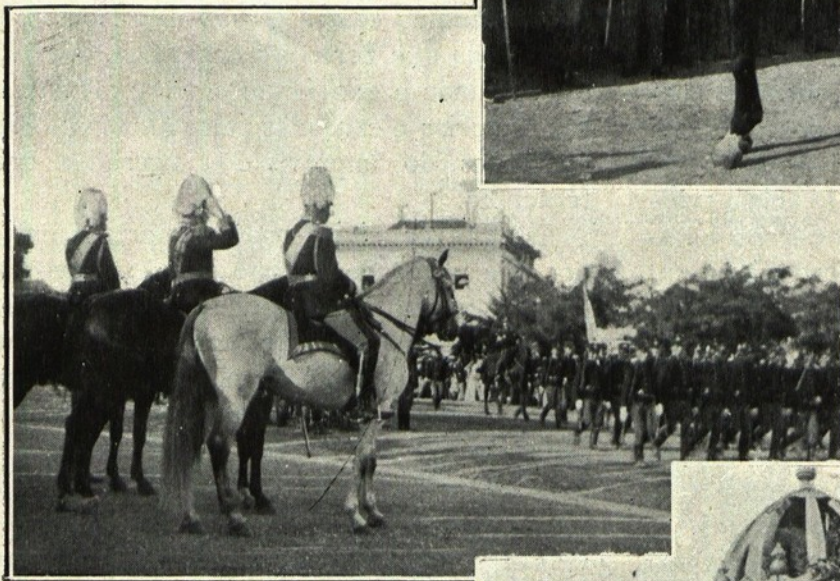
Pois nem assim os lisboetas se resolveram a concorrer em numero extraordinario ao local indicado. Nem era enorme a turba que se espalhava pela praça e arterias circumvisinhas, nem ao menos se encheram os logares d'onde os espectadores

Guerra Peninsular, o nosso exercito, depois de atravessar uma parte do sul da França e a Hespanha, recolheu ao seu paiz, que

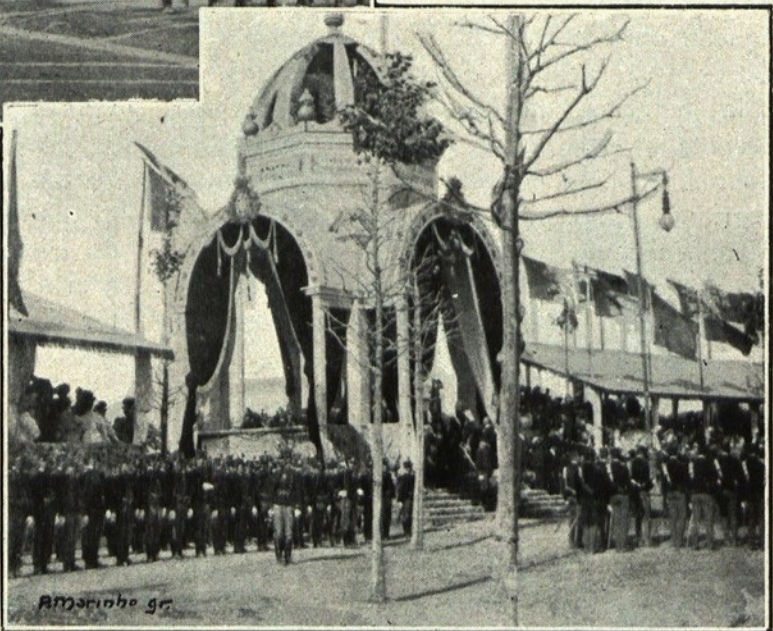


EL-REI PASSANDO REVISTA
A'S TROPAS

não só livrara do flagello
da invasão, tres vezes re-



DESFILÉ DAS TROPAS EM FRENTE
DE EL-REI



O PAVILHÃO REAL E AS TRIBUNAS

poderiam gosar commodamente a festa, chegando até a concorrência na tribuna da direita a ser tão diminuta que não ia além de quarenta ou cinquenta pessoas, quando havia cadeiras para trezentas.

Vimos o facto e pensámos no que foi o entusiasmo do povo de Lisboa quando, acabada a

(1) E' curioso que o decreto de 1814 deturpasse ambos os versos de Camões, tornando côxo o primeiro, e introduzindo no segundo um hiato detestavel. Eis a versão official do tempo:

*«Julgareis qual é mais excellente
De ser do mundo rei ou de tal gente».*

petido, mas cobrira de gloria evidenciando nos campos de batalha as qualidades de valentia, arrojo e abnegação que fazem do

soldado portuguez um dos primeiros do mundo.

Lembrámo-nos d'aquelles dezoito arcos de triumpho levantados desde Arroyos até Alcantara, enramados de louro e murta e ornados de disticos em que a musa de José Daniel — tão pouco inspirada, valha a verdade — quizera prestar uma grandiosa homenagem aos heroes que por debaixo d'elles iam passar.

Disseram mais do que os pobres versos, e os tropheus e bandeiras que brilhavam por todos os lados, os vivas estrepitosos do povo, tão numeroso em todo o longo percurso que mal deixava passar os admiraveis soldados, cujo procedimento fôra elogiado pelos proprios inimigos.

Mais disseram ainda os abraços e as lagrimas de alegria que os acolhiam a cada instante, embora uma vez ou outra se misturassem com os prantos doloridos de quem perdera na guerra um pae, um filho, um irmão, e que não tinha força de animo sufficiente para suffocar a propria dôr em holocausto á patria, n'esse dia ovante e jubilosa.

E aquelle povo tinha ido em chusma até á estrada de Sacavem esperar os salvadores do paiz, que, abandonado do principe e de tantos representantes da nobreza, lograra sósinho, pelo seu proprio esforço, realizar aquella obra grandiosa. Via passar as bandeiras esfarrapadas, crivadas pelas balas e pela metralha, chamuscadas pela polvora, desbotadas pela chuva, pela neve, pelas soalheiras, e sentia nos olhos a borbuharem as lagrimas e no peito o coração a bater de reconhecimento pelos soldados em cujos rostos emaciados se denunciavam tão claramente, como na seda dos estandartes, as

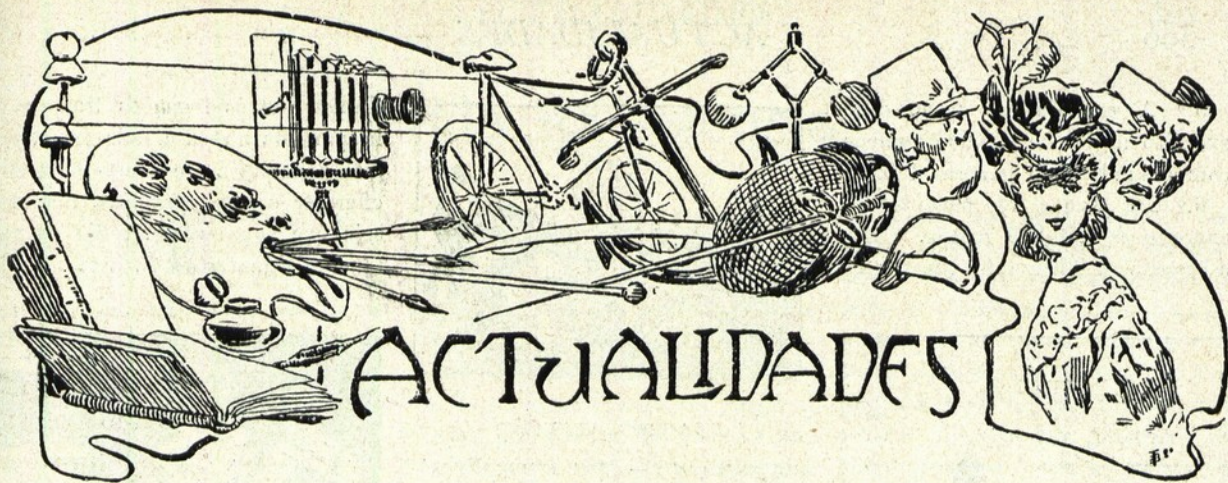
canceiras e as fadigas da temerosa lucta. E nenhum deixaria de experimentar, conjuntamente com a gratidão, a magoa de não ser tambem praça de cavallaria 1 ou de cavallaria 4, de artilheria 1, de infantaria 1, 4, 13 ou 16, como eram aquelles veteranos de cara denegrida e escaveirada, que havia quatro annos, tinham ouvido pela primeira vez sibilar as balas por entre os alcantis do Bussaco.

Não rememoramos estes factos por julgar que a apothese de agora pudesse parecer-se, nem de longe, com a realisada pelos contemporaneos dos heroes; mas sim para dizer que menos indifferente se deveria ter mostrado a população da capital perante a consagração dos altos feitos do povo portuguez rebelado contra o jugo napoleonico, e das tropas que Beresford organisou, instruiu e disciplinou e que foram o principal factor das victorias alcançadas pelos alliados sobre as hostes do improvisado imperador dos francezes.

Este dever civico pode a imprensa ensinar-lh'o, e a todo o nosso povo, se tomar a peito uma tal missão, que até agora não cumpriu completamente, talvez porque a estreiteza do tempo lh'o não tem permitido.

Só assim a projectada commemoração, para 1910, da batalha do Bussaco — o maior feito de armas da Guerra da Peninsula realisado em territorio portuguez — attingirá as desejaveis proporções de uma grande festividade nacional, em vez de ser apenas uma solemnidade official, muito regrada e correctá sem duvida, mas despida do entusiasmo e commoção que assignalaram a apothese de 1880, ao immortal cantor das glorias da patria.





Grandes topicos

França e Allemanha **A**s possibilidades de uma nova guerra entre a França e a Allemanha constituem sempre um dos pontos da politica internacional. Parece-nos, por isso, interessante reproduzir aqui o que acerca do assumpto um alto personagem allemão declarou ultimamente a um jornalista francez que a proposito o entrevistou;

«Para vencer os francezes, os allemães contam muito

- 1.º Com as dissensões religiosas e politicas da França.
- 2.º Com o anti-militarismo.

- 3.º Com a confederação geral do trabalho que, no momento da guerra, proporá a gréve geral e a gréve do soldado.

- 4.º Com a decadencia physica e moral dos francezes.



ZOOLOGIA EUROPÉA

Quando o leão britannico e o urso russo estão amigos, qual é a ovelha que pôde contar com paz?

Do «Humoristische Blätter»

- 5.º Com a desorganisação do seu exercito e da sua marinha.

- 6.º Com os seus professores que são, na maioria, pacifistas.

- 7.º Com a revolta dos indigenas das suas colonias que em caso de necessidade se provocará, na Argeilia, no Sudão, na Indo-China, etc., assim como se procurará incitar revoluções na Russia, na India, etc.

A Allemanha conta conquistar á Russia as provincias do Baltico.»

Isto, porém, é o anverso da medalha. Vamos agora ao reverso se-

gundo o mesmo alto personagem allemão:

«Em caso de guerra com a França, a Allemanha tem que contar tambem com o grande numero de dificuldades e perigos. Eil-os:

- 1.º O bloqueio do mar do Norte pelas ecuadras franceza e ingleza.

- 2.º A intervenção da Dinamarca, que exigiria a observação d'este paiz por um corpo de exercito.

- 3.º Uma dupla revolta na Polonia prussiana e na Alsacia-Lorena.

- 4.º Uma guerra que pode durar seis mezes, e, por consequencia, uma guerra defensiva da parte da França na sua fronteira leste.



O SUCCESSOR DE ROOSEVELT

Taft (de Fausto) offerecendo o coração á America para que o guarde para sempre. Mephisto (o Presidente) observa que ninguem dá importancia ao diabo antes de lhe cahir nas unhas.

Do «Nebelspalter»



NOVO CHAPÉO PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

E' assim que Guilherme da Allemanha sonha com elle. Repare-se na «cocarde».

Do «Kladderadatsch»

5.º A entrada em acção d'um exercito inglez de 120.000 homens, commandado pelo general French.
 6.º Um ataque por parte de um exercito de 250.000 russos, contra a Prussia. A Allemanha limitar-se-



UM TENTO A ALLEMANHA!

O KAISER — *A Inglaterra que mobilise a vontade as suas esquadras, que nós podemos atirar ao ar as nossas aeronaves!*

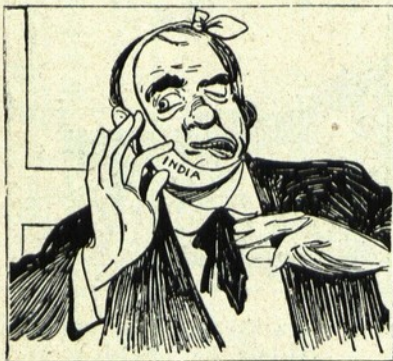
Do «Pasquino»

ia a manter-se na defensiva, com três corpos do exercito.

7.º A fraca intervenção da Italia no conflicto.

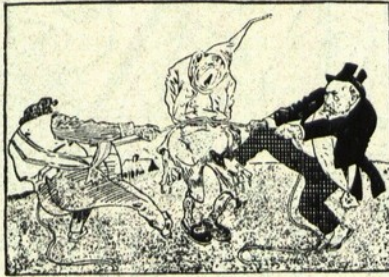
8.º Uma revolta na nossa colonia do Oeste Africano.»

Com tudo isto conta a Allemanha. Mas tem tambem de contar com o imprevisto e este é quasi sempre n'estes casos o factor mais importante.



A BOCHECHA INCHADA DE JOHN BULL

Do «Fischietto»



EXAGERO ALLEMÃO

EDUARDO VII — *Meu caro Presidente, parece-me que ainda se podem apertar mais os laços que nos unem.*

Do «Ulk»

Questão marroquina **P**ERANTE O NOVO aspecto tomado pela questão marroquina, em virtude dos ultimos acontecimentos a Europa sobresaltou-se: nenhum d'elles tinha sido previsto na conferencia de Algeiras. O papel da França e da Hespanha, encarregadas da execução do



O SCHAH E O SEU PARLAMENTO
«E agora dou-lhes licença que se reunam!»

De «Le Rise»

que n'esse congresso se resolvera, tinha fatalmente de soffrer profundas modificações.

Restava definir a attitude que ellas tomariam perante Muley Hafid. A França e a Hespanha, ás quaes naturalmente competia determiná-lo, fizeram-o em uma nota dirigida ás outras potencias, e cuja sumula é o seguinte:

A França espera que Muley Hafid notifique a sua ascensão ao throno ao corpo diplomatico acreditado em

Tanger ou ás legações franceza e hespanhola n'essa cidade. A França está prompta a reconhecê-lo, se elle offercer certas garantias, mas deseja que sobre estas, todas as potencias signatarias da acta de Al-



CERRO A ALLEMANHA!

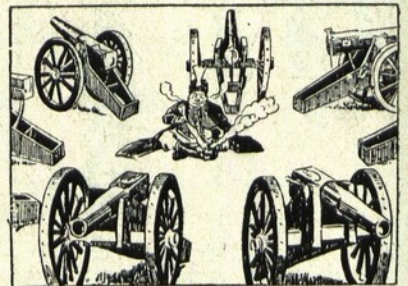
A NOVA TRIPLICE — *Assim, assim. Já fica menos alto o espantinho.*

Do «Nebelspalter»

geiras cheguem a um accôrdo. Entre ellas, figuram: a aceitação da acta de Algeiras e dos tratados existentes entre Marrocos e os paises estrangeiros, e um tratamento condigno a Abd el-Aziz.

Independentemente, a França exigirá mais o pagamento das despesas militares accionadas pelos tumultos nos portos marroquinos.

No momento em que escrevemos, não nos é dado saber ainda como as potencias reconhecerão essa proposta. Espera-se, contudo que a acceitem.



NA PERSIA

Só um tolo dirá que este nobre Schah não percebe o valor de uma constituição.

Do «Ulk»

Vida na sciencia

MR. Careneuve denuncia o perigo que pode resultar do tratamento das vinhas com compostos de arsenico. Colli-giu as analyses de uma serie de vinhos vindos da Argelia, alguns dos quaes provinham de vinhas tratadas pelo arsenico. Mostravam estes a presença do arsenico em quantidade variavel de um decimilligramma por litro até vestigios. N'um caso em que o consumo do vinho produzira graves resultados, mostrou a analyse a existencia de 8 milligrammas do veneno por litro; mas é de suppôr que n'este caso o excesso provinha de qual-quer substancia com que o vinho fora adulterado. Borras de vinho secas produziram um decimiligramma por 100 grammas.

O aparelho inventado pelo allemão Grzanna, representa um enorme progresso na telantographia. Pode adaptar-se ás linhas telephonicas. O aparelho transmissor e receptor é relativa-



NOVO TELANTOGRAPHO

mente pequeno, pesa apenas uns 8 kilos e o seu custo é modico.

O lapis do transmissor, que escreve ou desenha, tem dois circuitos electricos, para os movimentos horizontal e vertical. Apenas se pega n'elle, accende-se uma pequena

lampada electrica na caixa do receptor, cuja luz é conduzida a um prisma, do qual é reflectida por dois aspelinhos moveis, que transmittem os dois movimentos. O raio de luz traça esses movimentos n'uma folha de papel sensibilizado. Ao depôr o lapis, apaga-se a lampada, e um electro-motor impelle a pellicula para o banho revelador. Em dez segundos é visivel o despacho. Logo se apresta nova pellicula para receber a impressão do despacho seguinte. O receptor corta a pellicula revelada e mette-a n'uma solução fixativa. E' esta uma invenção maravilhosa que terá as mais uteis applicações.

Chimica **O**s agricultores estão revoltados contra a fabricação do mel artificial, assustadoramente nocivo á sua industria. Este mel, feito com bom assucar refinado puro, invertido pelo aquecimento com um pouco d'acido tartarico, pôde consumir-se depois de se lhe addicionar uma pequena quantidade de mel natural com intenso aroma.

Pode-se tambem, pelo assucar invertido, melhorar a qualidade do mel natural.

É tão curiosa esta descoberta que nem por meio d'uma analyse chimica é possivel distinguir o mel natural do artificial.

O novo microscopio **V**EM realizar uma revolução no estudo dos infinitamente pequenos e nos trabalhos bacteriologicos. Com elle pode seguir-se o desenvolvimento dos germens em todas as suas phases, molas de reproducção, marcha dos contagios, effeitos de inoculação, etc. O seu emprego é baseado sobre os raios ultravioleta, luz extremamente sensivel á menor modança que se produz nos corpos que atravessa e lhes marca as minimas differenças de densidade. A

luz do sol não poderá revelar o desenvolvimento completo d'um germen o que o novo aparelho consegue. A objectiva, ocular, e as laminas são de quartzo em lugar do vidro simples que até aqui se empregava. Pode agora o investigador estudar os objectos invisiveis na obscuridade e perceber todos os movimentos do bacillo vivo, o que até agora era impossivel fazer.

A hora **O** sr. Bonguet de em todo o mundo **O** la Grye, da Academia das Sciencias de França, lembrou que a telegraphia sem fios, cujos resultados são já tão notaveis, poderia fornecer, quer na terra, quer no mar, em toda a superficie do globo terrestre, a hora d'um primeiro meridiano. A torre Eiffel communica até 2:000 kllometros, e não admite duvida que pôde ultrapassar esta distancia. Mas se a substituíssem pelo pico de Tenerife, de 3:700 metros de altitude, com uma antena de 14 kilometros em direcção ao mar, déculpicar-se-hia facilmente a distancia e os signaes cobri-riam todo o mundo.

Em vez de utilizar o pico, o almirante Gaschard crê, que a solução mais simples, seria servirem-se para a transmniação das ondas, d'uma praia com 6 kilometros de comprimento, affastada da montanha.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia, etc.*, mas os meios de ministrall-a nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.

Resenha portugueza

EXERCICIOS DE TERRA E MAR



EXERCICIOS DE RESERVISTAS

Exercicios de reservistas.

— Com a assistencia de S. M. El-Rei, do sr. infante D. Affonso, ministro da guerra e general commandante da 1.^a divisão militar, realisaram-se no dia 23 de agosto ultimo no hypodromo de Belem, os exercicios finaes dos reservistas dos districtos 1, 2, 5 e 16, convocados para receberem instrucção militar durante o periodo dos vinte e oito dias.

Estas forças, no effectivo approximado de 800 homens, depois de executarem varias evoluções em or-

dem unida, tiveram exercicios de manejo de armas e de fogo, que impressionaram bem os espectadores e demonstraram, a par da muita dedicação do pessoal graduado pela instrucção, optimo aproveitamento por parte dos soldados.

Para desejar seria que exercicios d'esta natureza, que aliás tiveram logar no mesmo dia em todas as sédes dos districtos de reserva, mas com diminutos effectivos, fossem feitos não só annualmente como tambem em muito maior escala.

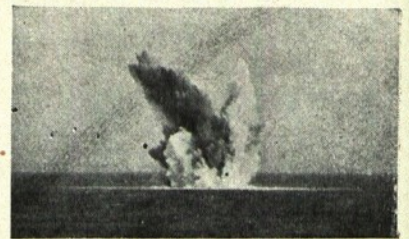
Muito teria a lucrar a Patria, que para a defesa do seu territorio só deve contar com o valor e instrucção dos seus filhos.

Exercicios de torpedos.

Em 2 de setembro teve logar em Paço d'Arcos um interessante exercicio de collocação e explosão de torpedos que attrahiu ali enorme concorrencia, ávida de presenciar um espectáculo tão pouco visto.

Se no Tejo o effeito da explosão foi deslumbrante, em terra parecia assistir-se a um violento tremor de terra.

O serviço para officiaes e praças foi muito violento e difficil por causa do vento que soprava rijo; mas os brilhantes resultados dos exercicios devem, pelas calorosas manifestações que a todos foram feitas, tel-os compensado do seu arduo trabalho.

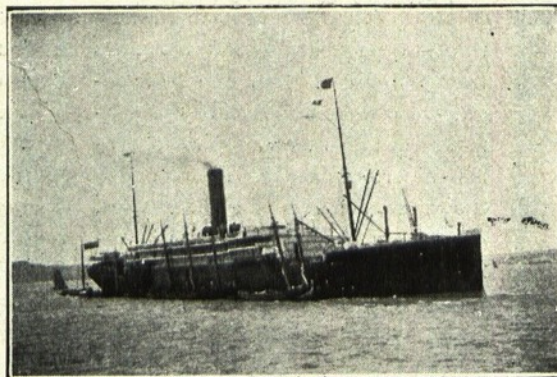


A EXPLOSÃO DE UM TORPEDO

UMA CIDADE FLUCTUANTE

Vapor «Orcoma».

Uma cidade fluctuante. Nunca este titulo do conhecido romance de Julio Verne assentou melhor do que ao novo paquete *Orcoma* da Companhia do Pacifico, o maior de todos os transatlanticos que fazem carreiras para a America do Sul. A sua estada no Tejo mereceu-lhe a visita do sr. Ministro da Marinha, representantes da Camara Mu-



VAPOR «ORCOMA»

nicipal e da imprensa da capital, officiaes de terra e mar, e muitas senhoras gentilmente convidadas pelos agentes da companhia, os acreditados negociantes srs. Eduardo Pinto Bastos & C.^a

O *Orcoma* que desloca 11:530 toneladas é dotado de todas as commodidades e melhoramentos modernos, sendo notaveis as suas variadas installações.

TRIBUNA PARLAMENTAR



J. C. DE MELLO BARRETO
Deputado



CONSELHEIRO PIMENTEL PINTO
Par do Reino



J. PEREIRA DE MAGALHÃES
Secr. da cam. dos deputados

Oradores da actual legislatura. — Continuando a série de retratos dos parlamentares que na actual sessão legislativa se teem distinguido pela eloquencia dos seus discursos, honram hoje as columnas dos *Serões* os retratos do conselheiro Pimentel Pinto, figura preponde-

rante do partido regenerador, que na discussão da lista civil pronunciou um sensacional discurso, vivamente commentado; — de Mello Barreto, deputado regenerador em mais d'uma legislatura, jornalista e orador experimentado, que na *questão do Douro* sobresaheu pela

proficiencia com que a tractou; — do deputado João de Magalhães, progressista, secretario da presidencia da camara electiva, que manifestou as suas brilhantes qualidades de orador e de character na discussão calorosa da lista civil e n'outros assumptos de que tractou.

OS AMIGOS DE PORTUGAL

Conferencia. — No dia 2 de Setembro effectuou o sr. Amelio de Barros na Sociedade Propaganda de Portugal, uma importante conferencia sobre a conveniencia da formação d'uma companhia nacional de navegação para os portos do Brazil. O illustre conferente expoz no seu plano, do qual resalta nas mais ligeiras minucias um notavel senso pratico, os meios possiveis, senão certos, de conseguir para Portugal tão importante melhoramento; exaltou com eloquentes e sentidas phrases o patriotismo da colonia portuguesa no Brazil, e terminou manifestando quanto o seu proprio coração nos era affeiçãoado.

Estas affirmações do sr. Amelio de Barros causaram o mais vivo entusiasmo, tanto mais que o

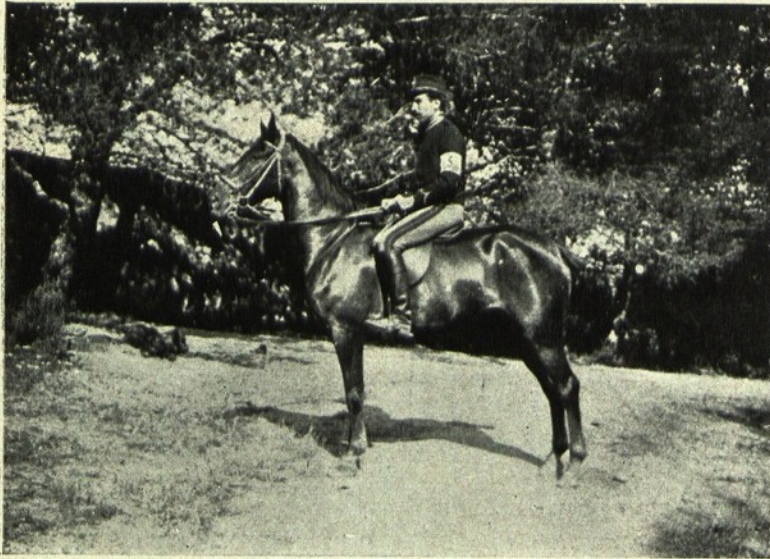
sr. Itibiré da Cunha, ministro do Brazil na nossa cõrte, as confirmou dizendo que *é imaginaria a divisoria que separa brazileiros e portuguezes, porque no peito das duas nações pulsa um coração luzo.*



AMELIO DE BARROS

Para desejar seria ver traduzidos em factos as magnificas aspirações do sr. Amelio de Barros que viriam avivar ainda mais, se mais é possivel, as nossas já estreitas relações com o Brazil; e de crêr é que as suas generosas palavras encontrem sympathico ecco do outro lado do Atlantico, attendendo ao nome de quem as proferiu e aos inolvidaveis sentimentos de amizade fraterna que ali se nutrem por Portugal.

ESCOLA PRATICA DE TORRES NOVAS



O ALFERES JARA DE CARVALHO

Campeonato do cavallo de guerra. — Entre as festas militares que maior entusiasmo despertam em todos aquelles que no exercito vêem a mais segura garantia da independencia da Patria, occupa lugar proeminente o campeonato do cavallo de guerra. Com effeito concorrendo para que os nossos officiaes de cavallaria afirmem e desenvolvam as brilhantes qualidades que os caracterizam, facilita e anima a aquisição de bons cavallos.

Foram por isso muito concorridas as provas do campeonato realisado na segunda quinzena d'agosto no hypodromo do Entroncamento. O respectivo programma determinava as seguintes provas:

1.^a Trabalhos em alta escola apresentados pelos cavallos dos concorrentes;

2.^a Marcha por estradas na extensão de 60 kilometros, com a velocidade de 10 kilometros á hora;

3.^a Marcha no percurso de 12 ki-

lometros atravez dos campos, com saltos de varios obstaculos;

4.^a Percurso de 1:000 metros com 8 obstaculos e com a velocidade obrigatoria de 400 metros por minuto;

5.^a Corrida de *Steeple chase* na extensão de 1:500 metros e com 4 saltos.

O jury proclamou vencedor do campeonato o alferes Jára de Carvalho, a quem por isso coube o premio de 400\$000 réis. A taça do campeonato ficou em poder da Escola Pratica de Cavallaria, por pertencer a esta corporação o vencedor.

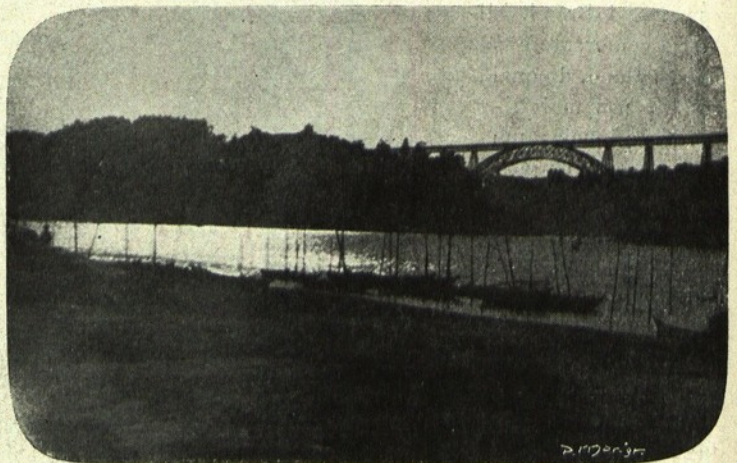
A animação, observada durante os dias em que tiveram lugar os exercicios, veio demonstrar mais uma vez o interesse com que o povo portuguez segue o aperfeiçoamento da instrução militar.

Como de ordinario succede em festas d'estas natureza, deram-se varios accidentes, felizmente sem consequencias laméntaveis. Assim, além das quedas de varios cavalleiros, sem menor gravidade, abeteu a grade de uma das tribunas do hypodromo, onde se tinha agglomerado grande multidão de pessoas, resultando d'este facto irem cahir na pista alguns espectadores, que, soffreram ligeiros ferimentos.

A photographia na industria e na arte

Logar do Areinho. — Esta vista habilmente tirada pelo photographo amator Angelo Pinto Barbosa, de noite, é uma prova de quanto tem progredido a photographia em Portugal e do papel que lhe está destinado na industria e na arte.

O desenvolvimento que esta tem tido ultimamente, o barateamento das machinas e utensilios necessarios para a sua execução, tem levado a todas as classes o gosto por trabalhos d'esta natureza, hoje ao alcance de todos; e de justiça é dizer que, se muitos amadores não primam pelo bom gosto na escolha dos assumptos e são pouco cuidadosos no acabamento dos clichés, outros ha, e muitos, cujos trabalhos podem competir com os de profissionaes.



LOGAR DO AREINHO — GAYA

Cliché de Angelo Pinto Barbosa, phot. amator. — Porto.

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

L'Epil'vite
L'Epil'vite
L'Epil'vite

CREME EPILATORIA

prompta a ser empregada.

Resultado garantido

Perfumada, dissolve instantansamente as pennungens desengraçadas, a barba, os pellos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada.

M. A. GRAZIANI, Phar^{co} de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.

AGENTES DEPOSITARIOS PARA *Portugal*. **GURIEL & DELIGANT, 19, Rua do Arco a Jesus, Lisboa**

PREÇO do frasco pequeno **800** Reis e do frasco grande **1.400** Reis

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz remedio contra

DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo:

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — Só se vende em Gottas e em Pilulas

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito: 130, r. Lafayette, PARIS**

Em todas as estações
perservação absoluta de pelles, lãs, vestidos

PELO

Não mais
NAPHTALINA
ineffiacia
e nauseabunda

NECROMITE

Não mais pós
nem
saquinhos

Composto de essencias de plantas
e d'um novo producto d'uma effiacia insecticida muito energica (**sem perigo**)

Envio franco de porte de correio d'uma carteira com 12 folhas por **200 réis**. Dirigir-se aos representantes

GURIEL & DELIGANT

Rua do Arco a Jesus, 19
LISBOA



A Marquessa de Alorna

(Sua influencia na sociedade portugueza)

1750-1839

Por D. OLGA MORAES SARMENTO

Carta-prefacio de THEOPHILO BRAGA

A critica saudou com justos encomios este bello livro, em que uma illustre escriptora da actualidade estuda a individualidade de uma eminente poetisa da sua terra, com um desvelo e uma perspicacia que honram a penna feminina. A intervenção directa ou indirecta da Marquessa em muitos dos episodios de um accidentado periodo historico mais augmentam o interesse d'este magnifico livro.

Historia da Revolução Franceza

Por

ALFRED RAMBAUD

Tradução de JOÃO BARREIRA

Ornada com 33 gravuras

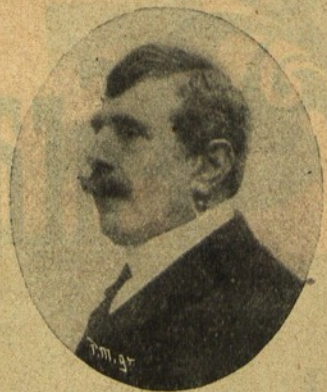
N'uma esmerada traducção vulgariza o dr. João Barreira a historia do maior dos acontecimentos da historia contemporanea. A obra de Rambaud, notavel pela sobriedade e pela imparcialidade, dá conhecimento perfeito d'esse extraordinario drama em que se debateram o passado e o futuro das sociedades humanas. As copiosas illustrações, retratos, episodios historicos, etc., contribuem para familiarizar o leitor com a physionomia dos actores e com o aspecto dos acontecimentos.

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Embrechados

PELO

CONDE DE SABUGOSA



Um successo litterario de primeira ordem foi o apparecimento d'este novo livro do eminente academico.

Serie de artigos sobre interessantes pontos de historia e sensacionaes assumptos de actualidade, revelando um alto criterio, uma indulgente philosophia e um nobre coração. A primeira edição está prestes a exgotar-se.

O Pão e as Rosas

POR

AFFONSO LOPES VIEIRA

Um dos maiores artistas modernos do verso portuguez deu á publicidade um novo volume, um feixe de maravilhas poeticas, onde não se sabe o que admirar mais, se a alteza do pensamento, se as audaciosas novidades em materia de rythmo. *O Pão e as Rosas* — o alimento do corpo e a delicia do espirito — consubstanciam as duas aspirações nativas de alma humana: a verdade e o ideal, a bondade e a belleza.

A arvore cortada

POR

PAULINO DE OLIVEIRA

Linda plaquette, contendo um poemeto cheio de sentimento e frescura, que revela uma alma de verdadeiro poeta.

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Grande vantagem

aos novos assignantes dos

SERÕES

Desejosa a administração dos «**Serões**» por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e esculpulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos novos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem na revista “SERÕES” por periodo não inferior a um semestre** —, a collecção, por volume, dos numeros publicados nos annos anteriores, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos “**Serões**” é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro -	Anno	15 fr.

Pedidos á

ADMINISTRAÇÃO DOS **SERÕES**

PRAÇA DOS RESTAURADORES (Passagem do Anuario Commercial), 27

Telephone 805

LISBOA